

# Capítulo 3

## A estratégia enquanto ciência

### 64 – O campo da ciência estratégica

A identificação da estratégia por meio de uma definição não delimita necessariamente o campo da ciência que se julga lhe corresponder. O estrategista, assim como o estrategista, podem utilizar tudo. A priori, não se pensaria em incluir o *Portrait de Monsieur Ponget* em uma bibliografia de estratégia, contudo este livro de Jean Guitton<sup>1</sup> desempenhou um papel decisivo no itinerário intelectual do General Poirier. A estratégia, mais do que qualquer outra ciência, tira proveito de todas as disciplinas: ela tem necessidade das ciências exatas para avaliar sua base técnica; da economia, para aquilatar seus meios; da ciência política, em função do seu vínculo íntimo com a política; da sociologia, para repôr o conflito no seu contexto global; da história, para dela tirar os exemplos e os ensinamentos...

Dito de outra forma, tudo pode entrar na biblioteca da estratégia. Em primeiro lugar, a história, e, naturalmente, a história das guerras. As memórias dos grandes capitães ou os livros dos grandes historiadores valem, com freqüência, bem mais que todas as obras didáticas: não se pode estudar a estratégia antiga sem conhecer Tucídides, César ou Tácito. Para a época moderna, as memórias de Turenne são uma referência obrigatória. O desenvolvimento da teoria estratégica na época contemporânea não tornou essa fonte obsoleta: as memórias do Marechal von Manstein (*Verlorene Siege*, 1955, tradução para o francês em 1958, e para o inglês em 1958), os apontamentos do Marechal Rommel, são “manuais” extraordinários de estratégia. Mas os seus ensinamentos devem ser extraídos de uma narrativa: o leitor deve fazer ele próprio o trabalho de seleção e de generalização que o autor de uma obra teórica julga-se já tenha feito. Encontram-se aí centelhas, às vezes brilhantes, mas sempre dispersas, freqüentemente fugazes. Cada leitor deve partir de novo do zero e construir o seu próprio sistema.

Esta fonte da ciência estratégica pode ser qualificada de indireta. Ela é essencialmente ilimitada e os autores são contados aos milhares. A maior parte está esquecida. Únicos a sobreviverem, um punhado de grandes capitães, mais graças aos seus atos do que aos seus escritos, e um número ainda mais restrito de historiadores que foram julgados dignos de permanecer nos anais da ciência histórica pelos próprios historiadores. Todos os demais foram

1. Por muito tempo fez conferências na Escola Superior de Guerra e foi colaborador da *Revue des forces terrestres*.

remetidos à insignificância. Quem lê ainda o padre Daniel, com exceção de alguns antiquários e historiadores militares? O seu *Histoire de la milice françoise* (1721) teve, contudo, uma imensa repercussão e não foi lido somente como um livro de história, mas como um compêndio da arte da guerra por gerações de oficiais. Não obstante seja raro que tais obras tenham produzido elementos teóricos originais, o seu estudo interessa mais ao historiador do que ao estrategista. Portanto, parece preferível ter-se para isso uma abordagem mais restrita, centrada sobre as obras teóricas. Se elas não exerceram sempre uma influência decisiva, é apesar de tudo, por elas, mais do que pelas narrativas históricas, que se constituiu verdadeiramente a ciência estratégica, e que foram definidos seus conceitos e seus métodos.

## 65 – Ciência militar e ciência estratégica

A estratégia não é uma disciplina independente. Ela é somente um ramo de um campo mais vasto, aquele da condução da guerra e, hoje de um modo mais geral, o do conflito, que se denominou, segundo as épocas, “ciência militar” (no tempo dos Romanos), “arte da cavalaria” (na Idade Média), “arte da milícia” (no início dos Tempos Modernos), “arte da guerra” (denominação que se impôe no século XVIII). Pode-se desligar a estratégia desse conjunto que lhe dá um sentido? Até a época contemporânea, ela sempre foi incluída na arte da guerra e, por conseguinte, no pensamento militar, onde ela constituía somente o estágio superior.

A ciência estratégica tem a necessidade de ser sustentada por uma ciência tática, sem que, no entanto, a primeira proceda da segunda. Os séculos XVII e XVIII desenvolveram um abundante pensamento tático, mas a quase totalidade dos autores militares se restringiu a tal plano, sem jamais ter a menor intuição de uma dimensão superior, enquanto que a dialética da paz e da guerra era no entanto bem compreendida<sup>2</sup>. A estratégia tem a tática como função intermediária, mas ela provém primeiro de uma compreensão da ligação intrínseca entre a guerra e a política. O problema é que estas diferentes categorias apenas foram ficando mais precisas lentamente, como se viu estudando a gênese do conceito de estratégia e sua situação entre as categorias do conflito. Não se pode, por conseguinte, pretender limitar o nosso campo de exploração às únicas obras de estratégia “pura”, tal como a entendemos hoje. É necessário adotar uma perspectiva evolutiva que partirá da ciência militar para terminar, na época contemporânea, na ciência estratégica.

## 66 – Universalidade da ciência estratégica?

A guerra é uma preocupação universal e é encontrada na literatura de todas as civilizações dotadas de escrita, mas isto não significa, necessariamente, que tais civilizações tenham tido uma literatura estratégica, e que tenham conhecido a estratégia enquanto ciência.

A apresentação mais brilhante da tese da universalidade da ciência estratégica é, provavelmente, a *Anthologie mondiale de la stratégie*, elaborada por Gérard Chaliand<sup>3</sup>. Com uma erudição digna de admiração, ele nos leva a passear dos hebreus até a estratégia nuclear, passando pela Mesopotâmia e pelo Extremo Oriente, mas ele somente chega a tal resultado incluindo um certo número de textos, dos quais se pode duvidar que eles sejam verdadeiramente de competência da estratégia. Os extratos da *Bíblia* ou da epopéia de Gilgamesh

---

2. Cf. BOIS, Jean-Pierre. L'art de la paix à l'époque moderne. *Bulletin de la Société Archéologique et Historique de Nantes et de Loire-Atlantique*, 1997.

3. CHALIAND, Gérard. *Anthologie mondiale de la stratégie*. Paris: Laffont, 1990.

(Mesopotâmia, 2000 de a.C. aproximadamente) não entram manifestamente em nosso campo de estudo: eles descrevem combates, freqüentemente heróicos, às vezes acompanhados de estratégias, mas em nenhum caso uma arte da guerra suficientemente complexa para merecer o nome de estratégia. Nem os egípcios<sup>4</sup>, nem os assírios<sup>5</sup>, nem os persas produziram tratados militares, nem forjaram conceitos que se aproximaram, mesmo de longe, da estratégia ou da tática. Kautilya, que se julga representar a Índia, enuncia os preceitos que são mais da competência da política do que da estratégia. Quanto aos gregos, eles são antes de tudo representados pelos historiadores que revelam ter consciência de uma dimensão superior da arte da guerra e da ligação intrínseca entre a política e a guerra, que nós chamaríamos hoje estratégia, mas não se trata realmente de tratados tentando teorizá-la.

De fato, o pensamento estratégico não é universal, sob uma certa condição enfraqueceu-se seu conteúdo, ao ponto de incluir qualquer escrito referindo-se à arte da guerra. A ciência estratégica tem uma história descontínua. Entre as civilizações que desenvolveram uma arte da guerra suficientemente complexa, para merecer o nome de estratégia, algumas não produziram nenhuma literatura estratégica digna do nome.

## 67 – Os determinantes sociais da ciência estratégica

As causas da descontinuidade evidentemente são múltiplas e difíceis de serem arroladas. Pode-se sugerir ao menos cinco, que deveriam ser objeto de aprofundamentos epistemológicos e históricos.

**1. O pensamento estratégico deve responder a uma necessidade.** O historiador norte-americano Everett L. Wheeler dedicou-se a um estudo comparativo da origem, quase simultâneo, da teoria militar na Grécia e na China, no século IV a.C. A sua conclusão é clara: “*a despeito das diferenças culturais extremas, fatores históricos semelhantes favoreceram o desenvolvimento da teoria militar no seio dessas duas civilizações e as primeiras teorias no Ocidente e no Oriente partilhavam temas comuns*”<sup>6</sup>. Entre tais fatores, um foi essencial: tanto a China quanto a Grécia conheceram uma grande instabilidade política e uma intensa atividade guerreira: na China, era o período dos “Reinos combatentes”, a Grécia estava incendiada pela Guerra do Peloponeso. Havia, assim, uma forte demanda de “expertise bélica” como dirá mais tarde Montaigne<sup>7</sup>. Na Grécia, os professores itinerantes, os “hoplomachoi”<sup>8</sup>, ensinavam a arte do comando, enquanto que na China, o rei reunia ao seu redor conselheiros militares como Sun Zi (Sun Tzu) ou Sun Bi. Em seguida, quando os fundamentos serão introduzidos, o pensamento estratégico desenvolver-se-á primeiro durante os períodos de inação ocasionados pela paz, mas sempre com o risco de

4. Os textos conservados são “crônicas”, algumas feitas durante o dia-a-dia das expedições militares. Sob as fórmulas estereotipadas da glória do Faraó, vão ser colhidas...algumas informações sobre a condução das operações. (Cf. VALBELLE, Dominique. *Conception et expression de la guerre dans la littérature égyptienne*. In: GUERRE et conquête dans le Proche-Orient ancien. Paris: Jean Maisonneuve, 1999 e CHESEREAU. *L'art et la science militaires des anciens Égyptiens. Stratégique*, 73, 1999-1.)
5. Estes grandes conquistadores apenas deixaram alguns fragmentos sobre a “poliorcétique”. (Cf. CHARPIN, Dominique. *Données nouvelles sur la poliorcétique à l'époque néo-babylonienne. Mari*, 7, 1993.)
6. WHEELER, Everett L. *The Origins of military theory in ancient Greece and China*. COLLOQUES DE LA COMMISSION INTERNATIONALE D'HISTOIRE MILITAIRE, 5., 1980, Bucarest. *Actes*. p75.
7. MONTAIGNE. *Essais*, II, 65.
8. Literalmente, os combatentes com armas pesadas. (Cf WHEELER, Everett L. *The hoplomachoi and vegetius' spartan drillmasters. Chiron*, 13, 1983.)

guerra como pano de fundo, como, por exemplo, no século XVIII na Europa. Na China, esse pano de fundo faltará: a rejeição moral da guerra considerada como injusta e a falta de um inimigo digno desse nome (o Império é ameaçado apenas pelos bárbaros) provocarão a esclerose do pensamento estratégico<sup>9</sup>.

**2. O pensamento estratégico presume uma certa abertura**, pois ele revela os preceitos, os axiomas, dentro do espírito de muitas das “receitas”, que os governantes e os chefes militares não desejam divulgar para não dar informações ao adversário. Nós só temos uns ínfimos vestígios das navegações dos fenícios ou dos cartagineses, porque eles não queriam que fossem conhecidos os seus itinerários pelos concorrentes. Isso se passa igualmente na estratégia, onde a regra é só comunicar os papéis do estado-maior às pessoas que têm “qualificação” para serem informados. Muito freqüentemente, os chefes militares consideram sua arte como uma propriedade pessoal, somente transmitida por eles aos discípulos cuidadosamente escolhidos: Turenne se forma na escola holandesa de Frederico e Mauricio de Nassau<sup>10</sup>, Luxembourg naquela de Condé<sup>11</sup>, de Saxe no contato com o Marechal de Villars<sup>12</sup>. Moreau, o vencedor de Hohenlinden (1800), cuida muito da formação de seus tenentes, ao contrário de Napoleão<sup>13</sup>, que demonstra uma completa negligência neste campo: tal ignorância das “altas partes da guerra” por seus tenentes será paga com algumas desilusões durante as campanhas de 1812 e 1813. Até a época contemporânea, os escritos dos generais raramente são destinados à publicação. Os tratados de Montecucculi não foram publicados com ele vivo, com uma exceção. Os escritos de Frederico II foram considerados como documentos de Estado: *L'Instruction à mes généraux* somente foi conhecido porque um exemplar caiu nas mãos dos austríacos em 1760, e logo foi publicado por eles. O Conde de Schaumburg-Lippe, espírito brilhante, cujas reflexões estratégicas quase não tiveram equivalentes no século XVIII, seria considerado como semelhante a Guibert ou Joly de Maizeroy se seus escritos tivessem sido publicados, mas ele apenas os divulgou a um pequeno número de leitores. Na China, os clássicos foram reservados a um pequeno grupo de professores e de altas personalidades, e os particulares que os possuíam expuseram-se a penas pesadas<sup>14</sup> (o escasso número de cópias explica o porquê de tão poucos tratados terem sobrevivido). Ainda hoje, certos escritos de Chiang Kai Chek estão protegidos pelo segredo de Estado em Taiwan. Em muitas sociedades possuidoras da escrita, a arte do comando transmite-se por meio de uma tradição antes de tudo oral.

**3. O pensamento estratégico supõe, ao mesmo tempo, uma experiência prática e uma propensão à reflexão** que não se encontram, com freqüência, na mesma pessoa. O chefe da guerra se importa primeiro em fazê-la, antes de teorizá-la. Ele só escreve quando está condenado à inação: Montecucculi começa a escrever durante os seus anos de cativeiro. Feuquière redige suas *Mémoires* quando é submetido a ser apenas um espectador da guerra de Sucessão da Espanha, Maurice de Saxe escreve as suas *Rêveries* em treze noites, durante uma forte febre, “para dissipar (seu) tédio”; muitos dos chefes militares se transformam em escritores quando eles não estão mais em atividade. É preciso uma disponibilidade, uma ocasião que raramente é

9. NIQUET, Valérie. *Les Fondements de la stratégie chinoise*. Paris: ISC-Économica, 1997. p.3839.
10. SCHULTEN, C.M. Le séjour de Turenne aux Pays-Bas, années de formation. In: COLLOQUE INTERNATIONAL TURENNE ET L'ART MILITAIRE. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
11. CAMON. *Le Maréchal de Luxembourg: 1628-1695*. Paris: Berger – Levraud, 1936. p.119.
12. O fato provém dos *Rêveries* onde Maurice de Saxe relata uma particularidade histórica contada por Villars (ver anteriormente neste livro na p.107)
13. LÍRIGAN, Lort de. *Napoléon et les grands généraux de la révolution et de l'empire*. Paris: Fontemoing, 1914. Apresenta um retrato de Moreau que contrasta com o julgamento sumário de Napoleão em Santa Helena.
14. SAWYER, Ralph D. *The Seven military classics of ancient China*. Boulder: West-View, 1993. p.16.

experimentada como tal (a inatividade resulta freqüentemente de uma desgraça ou de um revés) e, por conseguinte, poucas vezes explorada. Warnery fala “*de suas obras que apenas são frutos, portanto, da ociosidade forçada em que me encontro, quando eu vivia em minhas terras, afastado, por assim dizer, de todo mundo e esquecido*”<sup>15</sup>. Faz-se necessário, também, um certo nível de instrução literária, que não é uma coisa comum, uma vez que o recrutamento se efetua por cooptação, com uma formação prática, em lugar de uma seleção por concurso, com uma formação nas escolas. Enfim, é preciso coragem ou, pelo menos, um certo desapego daquele que reflete e escreve a respeito das honras e de sua carreira:

é precisamente entre o militar que as verdades são as piores a serem ditas. Folard pagou caro por aquelas que publicou; Feuquière fez o mesmo erro, por ter falado muito, antes mesmo que se soubesse que estava escrevendo *Mémoires*; assim Puységur diz que aqueles que se atrevem a criticar a conduta dos generais acabam mal.<sup>16</sup>

**4. O pensamento estratégico pressupõe uma presença de espírito voltada à abstração.** Os gregos e os bizantinos produziram uma literatura estratégica porque eles eram apaixonados por controvérsias filosóficas ou teológicas. Os romanos escreveram quase nada sobre isso porque eram essencialmente práticos. Na época moderna, e mesmo após a abertura para o mundo, na metade do século XIX, a literatura estratégica japonesa permaneceu pobre, contrastando com a riqueza da produção chinesa antes do triunfo da ideologia confuciana.

**5. Finalmente, e talvez principalmente, o pensamento estratégico supõe uma presença de espírito governada pelo princípio da eficácia.** Como a ciência econômica, a ciência estratégica postula o comportamento racional de um ator inteiramente voltado na direção de um propósito único: o *homo strategicus* somente busca a vitória sobre o inimigo. Tudo que possa contribuir para isso será recomendado, sem respeito a qualquer consideração ética: os princípios que dirigem a estratégia podem ser a ofensiva, a concentração, a liberdade de ação... nenhum autor cita a honra, a bravura, o respeito ao inimigo. A atitude de Luis XV ao recusar a fórmula reencontrada do fogo grego, uma vez que um meio tão bárbaro não convinha ao rei tão cristão, é condenável de um ponto de vista estratégico. O pensamento estratégico somente pôde desenvolver-se ao transformar seu ideal sagrado ou heróico em técnica de aniquilação do inimigo. Ele supõe laicizar a guerra, livre de sua dimensão sagrada: quando Sun Tzu recomenda olhar para o céu, não é para que daí leiam-se os signos astrológicos, mas sim para assegurar-se das condições meteorológicas. A idade de ouro do pensamento estratégico chinês coincide com a era do legismo, que fundamenta uma abordagem pragmática do poder. Seu declínio será a consequência lógica do triunfo da moral confuciana. E o pensamento estratégico contemporâneo participa desse “desencantamento do mundo”, analisado pelos sociólogos desde Max Weber e fundamentado na separação e racionalização das atividades humanas.

## 68 – Raridades da ciência estratégica

Pode-se dizer que a ciência estratégica está limitada às sociedades evoluídas, confrontadas com o risco da guerra, abertas à discussão, voltadas para a abstração e governadas pela busca da utilidade. A reunião dessas condições não é freqüente. A Idade Média, por exemplo,

15. REMARQUES sur l'essai général de tactique de Guibert. Dedicatória.

16. REMARQUES sur l'essai général de tactique de Guibert. p.51. apud PUYSÉGUR. *Art de la guerre*. t.1. p.51. As deferências que se devem às pessoas de mérito de outros lugares e criadas com dignidade impõem o silêncio; aqueles que queiram rompê-lo não acabam bem, e isso foi experimentado por vários, o que causa aversão aos outros em comunicar saberes que poderiam ser úteis”.

foi incapaz de produzir qualquer embrião de uma ciência estratégica, ainda que nesse caso o pensamento teológico fosse levado ao ápice, com São Boaventura, São Tomás de Aquino e alguns outros. Encontram-se, por toda parte, autores isolados ou observações estratégicas em obras de outra categoria, mas que não são suficientes para fundamentar um pensamento estratégico organizado. E, mesmo quando existe um, ele só representa geralmente uma pequena parte do pensamento militar: a compilação de textos e documentos táticos é muito mais considerável do que a da estratégia.

É verdade que, para os períodos antigos, a destruição de escritos militares são, freqüentemente, mais consideráveis que nos outros campos. Entretanto, parece possível dizer que o pensamento estratégico é ordenado ao redor de três sedes: o mundo chinês, cujos poucos autores canônicos sobreviveram; o mundo grego, com os seus prolongamentos romano e bizantino; a Europa moderna, de onde saiu o pensamento estratégico contemporâneo.

## 69 – A dificuldade de conhecer a ciência estratégica

A história da ciência estratégica<sup>17</sup> é infinitamente menos conhecida do que a do pensamento político, econômico ou filosófico. Para cada um destes ramos do conhecimento humano, encontrar-se-ão, sem dificuldade, sínteses ou histórias gerais, apoiadas em múltiplas monografias (tratados sobre um ponto determinado de uma ciência). Nada igual existe na estratégia, que não se beneficiou de uma institucionalização universitária: não há faculdades de estratégia, nem doutorados que poderiam atrair os jovens pesquisadores<sup>18</sup>. Excluída da universidade, a estratégia está acantonada no ensino militar superior, que apenas assegura-lhe uma audiência limitada<sup>19</sup> e cujas preocupações são mais práticas do que científicas. Os autores militares somente se preocuparam, durante muito tempo, com os problemas da sua época. Interessando-se pelas doutrinas que tiveram “êxito” e condenando as outras doutrinas ao esquecimento, eles reliam a história em função de suas preocupações doutrinárias do momento: ao início do século XX, Castex apresentava os autores do século XVIII, indignando-se com a falta de espírito ofensivo<sup>20</sup> por parte deles, sem realmente compreender as particularidades da guerra no mar nos tempos da marinha a vela.

Apenas recentemente os historiadores começaram a explorar a ciência estratégica segundo as regras da erudição e os teóricos lançaram as bases de uma epistemologia da estratégia. Não é exagero dizer que, hoje, com exceção de alguns esboços, bem sumários, não há nenhuma história convincente do pensamento estratégico. As duas obras mais sólidas foram as organizadas, com 50 anos de intervalo, por Edward Mead Earle<sup>21</sup>, e depois por Peter Paret<sup>22</sup>.

- 17. A observação é válida também para a imensa literatura sobre tática.
- 18. A Rússia parece ser o único país a ter um doutorado em ciências militares. Os Estados Unidos possuem cadeiras de estudos estratégicos em várias universidades.
- 19. *Economics: an introductory analysis*, de Paul Samuelson, teve 15 edições, 30 traduções e atingiu 4 milhões de exemplares vendidos. Não se sabe ao certo se uma única obra de estratégia superou a marca do milhão de exemplares fora a *Victory through air power*, de Alexander Seversky, lançada nos Estados Unidos em 1942, que tirou proveito da entrada na guerra dos EUA. Sun Zi (Sun Tzu) e Clausewitz são “milionários”, ao adicionar todas as traduções.
- 20. CASTEX. *Les Idées militaires de la marine au XVIIIe siècle*. Paris: Fournier, 1991.
- 21. EARLE, Edward Mead. *Makers of strategy*. 1943. Tradução para o francês: EARLE, Edward Mead. *Les maîtres de la stratégie*. Paris: Berger-Levrault, 1982-1983, 2v.
- 22. PARET, Peter. *Makers of modern strategy*. Princeton: Princeton University, 1985. Tradução para o espanhol em 1992.

O primeiro, que permanece como uma preciosa fonte de ensinamentos, está ultrapassado, o que é natural, pelo progresso das pesquisas. O segundo, evidentemente mais atual, sofre do defeito de ser muito centrado sobre os autores anglo-saxões ou que tenham tido ressonância no mundo anglo-saxão. É um belo exemplo de uma concepção definitiva que não leva em conta a diversidade de uma história infinitamente mais rica.

Esta carência de síntese somente vai refletir um atraso geral da pesquisa neste campo. As sínteses nacionais são raras e, frequentemente, ultrapassadas<sup>23</sup>. Mesmo os principais autores podem ser objeto de interpretações errôneas sérias por falta de biografias ou de comentários. Clausewitz, ao qual foram dedicadas inúmeras exegeses, é uma exceção. Jomini teve vários biógrafos, mas que apenas se repetiram, até Jean-Jacques Langendorf, como foi dito pelo primeiro entre eles, X. de Courville. Na sequência, são todos propagadores da particularidade histórica de um “Jomini advinho de Napoleão”, o qual tinha sabido, só pela leitura do mapa, que ele encontraria Napoleão em Bamberg, quando tal intuição resultava, a bem da verdade, de uma leitura indiscreta de uma ordem do Imperador<sup>24</sup>. Os autores que tiveram uma imensa influência em sua época não são mais nada do que nomes, vinculados a um modelo ou a uma idéia, enquanto a expressão deles poderia ser infinitamente maior. Sobretudo, esqueceu-se até de mostrar reconhecimento a essa massa de publicistas, sem originalidade e, com freqüência sem talento, mas por intermédio dos quais difundiram-se os conceitos, as idéias, que contribuíram com maior freqüência do que os teóricos menos acessíveis, para propagar e impor as doutrinas: muitos contemporâneos leram Folard por intermédio do resumo de Chabo de la Serre; de Saxe e Puységur por meio das compilações medíocres de Pozzi de Bonneville; no século seguinte, Jomini foi lido bastante, mas muito mais pelos empréstimos feitos por Thiers de sua obra *Histoire du Consulat et de l'Empire*.

Os autores apenas são considerados pelo prisma deformador da nacionalidade deles. Os franceses, depois os alemães, hoje os anglo-saxões ocupam a dianteira da cena. O obstáculo lingüístico marginaliza todos aqueles que escrevem em línguas pouco comuns ou que se tornaram raras, ou pertencentes a países julgados secundários. A Dinamarca é, hoje, um país de segunda ordem, ao qual não se ousa mesmo chamar uma potência, mas nem sempre foi assim: na época moderna, ela tinha seu lugar no equilíbrio europeu, seu exército e sua marinha eram levados em conta. A leitura de uma bibliografia especializada revela uma massa de literatura militar e naval considerável, em dinamarquês, e também em alemão ou em francês. Mede-se, à luz das traduções, a difusão dos autores das grandes potências, assim como o esforço de adaptação nacional pelos pensadores locais, todos desconhecidos, mas que não são por isso, tanto no plano teórico ou doutrinário, inevitavelmente negligenciáveis.

Seria necessário fazer um trabalho sistemático de recenseamento das edições (ou dos manuscritos), das traduções<sup>25</sup>, e das citações, para determinar a audiência real dos grandes autores. Em seguida, far-se-ia, uma vez que a estratégia é uma “praxeologia”, determinar em que medida os pensadores dão valor à prática, se os seus escritos antecipam ou, ao contrário, contentam-se em refletir a evolução dos regulamentos, das instruções, dos planos de operações... Seria necessário, igualmente, determinar de modo preciso a impressão deixada pelos escritores sobre seus leitores. O teórico tem a preocupação de introduzir os matizes, de sublinhar a

23. Para ater-se à França, a síntese do Coronel Eugène Carriès não foi substituída.(CARRIAS, Eugène. *La pensée militaire française*. Paris: Universitaires de France, 1960.) E muitos autores apenas são conhecidos por meio do livro, bastante rico, mas centenário, de E. Guillon. (GUILLON, E. *Nos écrivains militaires*. Paris: Plon, 1898-1899.)

24. Esta é a versão de MAYER, Emile. *Grandeur et décadence de Jomini*. *Revue Militaire Française*, 14, p.261, 1924.

25. As indicações dadas no presente capítulo apenas podem ser omissas, do mesmo modo que não é possível sobrecarregar o texto: Feuquière teve uma dezena de edições no século XVIII, as de Jomini ou de Clausewitz são contadas as dezenas... Além disso, é preciso deixar claro que, sobretudo nos períodos antigos, as datas de edição são freqüentemente só indicativas, pois o conteúdo foi disseminado anteriormente, sob a forma oral (cursos, conversas familiares-debates) ou escritos (manuscritos, cursos de caligrafia...)

complexidade dos processos. O doutrinário, ao contrário, tem a tendência de martelar com força as convicções que devem impregnar profundamente o espírito dos ouvintes. Um oficial estagiário da Escola Superior de Guerra, assistindo às aulas dos cursos de Foch no final dos anos 1880, estava, certamente, mais sensível aos vigorosos argumentos a favor da ofensiva, proferidos com uma força de convicção pouco comum, do que às nuances com que o futuro marechal os enriquecia de vez em quando. Sob todos esses aspectos, a produção estratégica<sup>26</sup> é imensa. A apresentação que se segue é incompleta e sujeita a correções consideráveis.

## SEÇÃO I – O PENSAMENTO ESTRATÉGICO ASIÁTICO

### Subseção I – O pensamento chinês

#### 70 – Uma “estratoteca” perdida

A China sempre concedeu um grande valor aos escritos. Muitos são dedicados ao tema militar. É nos séculos V e IV a.C., na época dos Reinos Combatentes, que se constitui a compilação do texto estratégico chinês, de uma abundância surpreendente: as compilações antigas fazem menção a centenas de tratados, hoje perdidos<sup>27</sup>, e muitas obras de caráter geral se manifestam em considerações sobre a guerra: é o caso dos tratados do Mestre Hsün, do Mestre Kuan, de Lao Zi, de Mo Zi, de Shang Yang<sup>28</sup>, mais tarde Huai Nan Zi (época Han)... Porém apenas restam fragmentos, devido ao fato da indiferença dos literatos confucionianos com respeito a esse campo em particular<sup>29</sup>.

#### 71 – Os fundadores: Sun Tzu (Sun Zi) e Sun Bi

O primeiro (conhecido) e o maior de todos os estrategistas é Sun Tzu (Sun Zi), que viveu provavelmente no século V a.C.. Sua biografia, mais ou menos legendária, suscitou numerosas controvérsias (como Homero, dizia-se até que ele era uma mulher!), alguns historiadores situam-no mais tardivamente ou negam terminantemente a sua existência, mas os indícios sérios e concordantes argumentam a favor da antiguidade do texto<sup>30</sup>. Os seus Treze artigos sobre a arte da guerra servirão de brevíario para todos os generais chineses.

Sun Tzu é seguido por Sun Bi, que seria seu neto. Sua obra esteve perdida durante cerca de dois mil anos, de sorte que ela não foi incluída nos sete tratados clássicos compilados na época Song. Os historiadores chegaram a questionar se Sun Tzu e Sun Bi não seriam uma mesma e única pessoa; mas o tratado de Sun Bi foi encontrado, em 1972<sup>31</sup>, sobre umas

26. Para retomar a expressão do General Lucien Poirier, com a colaboração de Gérard Chaliand. (CHALIAND, Gérard. *Le Chantier stratégique*. Paris: Hachette, Pluriel, 1997).

27. Uma bibliografia militar recente recensea mais de 4 mil títulos até a revolução de 1911.

28. SHANG YANG. *Le Livre du Prince Shang*. Paris: Flammarion, 1981.

29. A referência principal é NEEDHAM, Joseph; YATES, Robin D. S. *Science and civilization in China. \_\_\_\_\_, Military technology: missiles and sieges*. Cambridge: Cambridge University, 1994. v.5. pt.6. As 100 primeiras páginas são uma exposição magistral da teoria militar chinesa.

30. Cf. NIQUET, Valérie. Apresentação. In: SUN ZI. *L'art de la guerre*. p70-75.

31. Cf. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In: \_\_\_\_\_. *Le Traité militaire*, sobre a reconstituição do texto.

lâminas de bambu em um túmulo. Sun Bi se mostra mais atento do que Sun Tzu sobre os aspectos operacionais, e ele testemunha os progressos da arte da guerra em relação ao século precedente: ele dá uma grande importância à cavalaria, sobre a qual Sun Tzu nada falava. Ele se interessa pelos cercos, uma vez que os aperfeiçoamentos da “poliorcética” tornaram isso possível. Sua insistência acerca da logística é o resultado do crescimento dos efetivos e do prolongamento das campanhas. Entretanto, se seu tratado “*pode parecer como menos teórico do que A Arte da guerra de Sun Tzu, encontram-se preocupações equivalentes nas duas obras*”<sup>32</sup>.

## 72 – A formação de um pensamento estratégico

Sun Tzu estabeleceu um pensamento estratégico que, essencialmente, foi uma interpretação explicativa de texto, uma glossa. Contam-se várias dezenas de comentários sobre seu livro. As compilações realizadas tardivamente são em número de dez ou onze. As mais importantes são as de Cao Cao, general célebre da época Han (século II a.C.), de Li Quan sob a dinastia Tang (século VII e VIII)<sup>33</sup>, de He Yanshi e Zhang You sob a dinastia Song. Mas são encontrados também autores de tratados originais.

A maioria data da época dos Reinos Combatentes, antes da unificação do império, quando dominaram o “legismo” e o “mohismo”. A primeira corrente trata em profundidade da articulação entre a guerra e a política (supra nº19). A segunda, de inspiração antimilitarista, contribui paradoxalmente para o desenvolvimento de um ramo particular do pensamento militar: se ele rejeita a guerra, admite a legítima defesa e, sob esse título, está a origem de vários tratados dedicados à fortificação. O taoísmo, fundamentalmente também antimilitarista, fornece sua contribuição dominada por Zhuge Liang, chefe militar e político do início do século III: ele recomenda somente recorrer à guerra quando ela é inevitável, e solicita aos generais para serem a encarnação das virtudes e da harmonia...<sup>34</sup>.

Ao final do século XI, o Imperador Shen Zhong fixa a lista dos sete clássicos inscritos no programa de exames. Sun Bi, extraviado há vários séculos, nem faz parte dela. Na ordem (que é muito relativa: a data e a atribuição de cada uma geraram controvérsias inesgotáveis), elas são:

- o *Sun Zi bingfa* (a Arte da Guerra de Sun Tzu);
- o *Wu Zi bingfa*, obra de um general do século IV a.C., cuja existência está historicamente certificada. Daquilo que foi conservado, o seu livro está composto de seis capítulos bastante breves, nos quais ele tenta conciliar a moral confuciana e os assuntos militares;
- o *Sima fa*, texto curto e enigmático da mesma época, cujo título poderia ser traduzido por: o livro do mestre da cavalaria (alto dignatário do Estado, o ministro da Guerra). Ele insiste, sobre a administração do exército, sobre a guerra justa, mas também se encontram na obra comentários sobre o comando e a manobra;
- o *Wei Liao Zi*, obra de um legislador do fim do século IV a.C., com sólida experiência militar, talvez combinado com um texto tardio, que dá continuidade a Sun Tzu e Sun Bi, com preocupações muito concretas em relação à organização do exército;

---

32. Ibid. p.xxvi.

33. NIQUET, Valérie. *Deux commentaires de Sun Zi*. Paris: ISC-Économica, Bibliothèque Stratégique, 1994.

34. CLEARY Thomas. *Mastering the art of war: Zhuge Liang's and Liu Ji's commentaires the classic by Sun Tzu*. Boston: Shambala, 1989.

– os *San lüe* (*Três estratégias*) de Huang Shegong, da mesma época ou mais tarde, que insiste sobre o controle do governo e sobre a dimensão política da estratégia;

– o *Tai Gong liutao* (os Seis ensinamentos secretos de Taigong), obra esotérica, bastante subversiva, que seria o mais antigo desses textos, pois faz ir buscar sua origem no século XI a.C., porém a pesquisa recente situa-o mais tardivamente. A sua posse era punida com a morte. É a expressão mais pura da escola dos estratagemas;

– o *Tang Li wendui* (questões e respostas entre Tang Taizong e Li Weigong), da época Tang (século VII a.C.), portanto muito mais tarde do que os outros clássicos sobre os quais ele se apóia. Mais “militar”, ele trata, ao mesmo tempo, de estratégia e de tática.

Os oficiais, e também os funcionários, devem conhecer os clássicos que são o objeto de inúmeras glosas, comentários, resumos (às vezes sob a forma de perguntas e respostas), e compilações. Cada dinastia cria uma enciclopédia militar: para os Song, é o *Wu Jing Zong Yao*, que data de 1044 (ela não mostra o *Tang Li wendui*); para os Ming, a versão anotada por Liu Yin vai dominar até o final do império. E os sete clássicos fornecerão a base dos manuais militares, de *Cao Lu Jing Lue* do período Wan Li, até *Wu Bei Shi*, dos Ming...

A disseminação dos clássicos não se limitou à elite administrativa e militar. Eles preparam uma cultura estratégica que foi propagada pela literatura e pelo teatro populares, em um grau que não se encontra similar no Ocidente: Sun Bin é o herói de um romance da época Ming, *Sun Bin contra Pang Juan*; Cao Cao e Zhuge Liang são os personagens centrais do *Romance dos Três Reinos*, os estratagemas estão presentes nas brochuras populares, como o *Tratado dos 36 estratagemas*, provavelmente tardio, mas que retoma um modelo da época Song...<sup>35</sup> Mao Tse Tung, como a maioria dos chineses, será impregnado por esses fundamentos populares, nos quais ele se inspirará amplamente.

## 73 – A esclerose do pensamento chinês

Esse início tão brilhante não resulta em uma descendência teórica à sua altura. Enquanto acham-se em Sun Tzu e Sun Bin as idéias-matrizes de uma teoria estratégica arquitetada, com a distinção entre a vitória do exército e a vitória do país, e a dialética do ataque e da defesa... seus sucessores não aprofundam o caminho assim traçado e agarram-se a interpretações repetitivas. O imperador Shen Zong, da dinastia Song, é um dos raros a criticar essa decadência:

Segundo os teóricos militares, parece que seria necessário, quando dois exércitos se encontram em um campo de batalha, que eles enviem mensagens para porem-se de acordo sobre o local e o dia do combate, uma vez que eles vão aos lugares para cortar as árvores e as moitas, aplanar o solo, tapar os buracos de maneira a criar uma vasta planície igual onde desdobrar a formação ideal. Eu estou certo que isto não pode de maneira alguma funcionar.<sup>36</sup>

Faz-se necessário, sem dúvida, incriminar o pensamento confuciano que triunfou em relação aos seus rivais depois da unificação do império: fundamentado na virtude, ele tende a desqualificar a guerra, relegando-a entre tarefas inferiores. As reflexões originais somente aparecem durante os períodos excepcionais: sob a dinastia mongol dos Yuan, no século XIV, Liu Ji produz vários escritos sobre a guerra, nos quais ele indica as diferentes maneiras de vencer. Sob

35. LES 36 stratagèmes. Traduzidos e comentados por François Kircher. Paris: Lattès, 1991.

36. Citado em NIQUET, op. cit. p.40-41.

a dinastia Ming, vários oficiais do alto escalão redigem textos militares: Yu Qian, Ministro da Guerra na metade do século XV, escreve um resumo dos clássicos militares; Wang Shouren produz vários textos ao início do século XVI... Porém o autor mais importante é um tático: Qi Jiguang tira de sua experiência de comandante-em-chefe contra os piratas, depois em oposição aos invasores nômades, alguns escritos inovadores: os *Ji Xiao Xin Shu* (novos escritos, 1560) tratam da defesa costeira e das operações anfíbias; o *Lian Bing Shiji* (da formação das tropas 1568) tenta renovar a tática e leva em conta o aparecimento das armas de fogo. Permanece desconhecido no Ocidente, foi traduzido para o coreano e japonês<sup>37</sup>. Chiang Kai Chek fará com que seja reeditado nos anos 1930, quando a China confrontar-se-á com a invasão japonesa.

## 74 – O pensamento chinês e o Ocidente

Os ocidentais têm a tendência, por vezes, em considerar o pensamento chinês incompreensível, uma vez que ele se comporta sempre da mesma maneira, por aforismas e máximas, preferindo sugerir mais do que dar precisão. Tal leitura (ocidental) esquece o contexto cultural no qual essas obras foram escritas. Nesse lugar onde os ocidentais buscam as receitas para o sucesso, os chineses vêem incontinenti uma sabedoria. É esse caráter muito referencial que explica, ao mesmo tempo, os contra-sensos cometidos pelos ocidentais, mas também a fascinação que esses autores exercem hoje, depois de um longo período de indiferença.

Desde o século XVIII, um jesuíta francês, o padre Amyot, faz conhecê-los na Europa. O seu *Art militaire des Chinois ou recueil d'anciens traités sur la guerre composés avant l'ère chrétienne* (*Arte militar dos chineses ou compilação de antigos tratados antes da era cristã*) por diferentes generais chineses (1772; tradução para o alemão em 1779), elaborada a partir de traduções “mandchus” e que assume um grau de liberdade com relação aos textos, apenas encontra um êxito razoável. O eclipse é total no século XIX. Só os russos elaboram traduções de Sun Tzu em 1860 e em 1889. É preciso aguardar o início do século XX para que a Europa se interesse verdadeiramente pelo tema. O Comandante Calthorpe produz a primeira tradução inglesa de Sun Tzu em 1908. Imperfeita, ela é substituída dois anos depois, pelo trabalho de Lionel Giles, que será a referência até que surja a do General Griffith (1963). A primeira tradução alemã aparece em 1910. Na França, a tradução do padre Amyot é reeditada pelo Tenente-Coronel Cholet (1922), depois pelo Comandante Nachin (1948). Os russos produzem uma nova tradução (1950), que é transcrita em alemão (1957). Uma primeira tentativa de tradução para o italiano dá-se nos anos 1950.

O interesse somente desenvolve-se efetivamente nos anos 1970. É preciso fazer um paralelo com a nova moda acerca de Clausewitz, que testemunha a atração por uma abordagem mais filosófica da estratégia. O exotismo, a antiguidade e também a concisão da obra (o que torna a leitura rápida e a tradução pouco dispendiosa, sobretudo quando se contenta em ter a tradução inglesa como ponto de partida) conjugam-se para assegurar o sucesso. A tradução inglesa de Griffith é transposta para o francês (1972), alemão (1972), espanhol (1973), português (1974), romeno (1976), finlandês (1982), holandês (1986), italiano (1988), grego (1989)... O original chinês é traduzido para o espanhol (1974), francês (1988), alemão (1989), sueco (1989), italiano (1990)... O leitor francês, espanhol ou italiano tem diante de si a escolha entre quatro ou cinco edições diferentes. Na língua inglesa, nada menos que sete traduções que surgem em duas décadas. Vários ensaios transpõem os seus ensinamentos para a estratégia de empresa. A edição do “corpus” dos sete autores canônicos e de Sun Bin é empreendida por Ralph Sawyer nos Estados Unidos e por Valérie Niquet na França. Sun Tzu é hoje, junto com Clausewitz, o estrategista mais conhecido e mais lido.

---

37. Ibid. p.39-40.

Uma fascinação talvez exagerada, mas em todo caso fundamentada sobre um contrassenso, a saber, a crença em uma alteridade radical: enquanto o pensamento ocidental busca a maneira de fazer, o pensamento chinês recomendaria deixar fazer, para explorar o potencial da situação: “não buscar impor o efeito, tal como quando se age, mas deixar o efeito se impor por ele próprio, por uma sedimentação progressiva”<sup>38</sup>. Esta visão filosófica é sedutora, mas enganosa. Talvez seja o ensinamento dos clássicos, mas eles descrevem um ideal, e não a realidade da via chinesa da guerra: os generais chineses não se contentam com o deixar fazer (*laisser-faire*), eles demonstram a mesma atividade que os seus homólogos ocidentais<sup>39</sup>, recorrendo, preferencialmente, a uma estratégia indireta, baseada na manobra e no estratagema, mas praticam também o despistamento, a ofensiva, e a batalha (ver adiante o nº 236). A teoria estratégica chinesa está conectada a um discurso moral, faz-se necessário saber decodificar o que é revelado de uma ou outra categoria.

## Subseção II – Os pensamentos periféricos

### 75 – O pensamento estratégico vietnamita

O pensamento vietnamita provém amplamente do modelo chinês, apesar da identidade do país ter sido construída em grande parte nas guerras contra o invasor chinês. Até o século XX, Sun Tzu é lido no original, sem que haja necessidade de tradução.

Trân Quôc Tuân, que repele as invasões mongóis em 1285 e 1287, escreve um *Résumé de l'art militaire*, em quatro tomos, que cobre toda a arte da guerra, desde a seleção dos generais até o combate na planície, na floresta, na montanha, sobre a água e até o ataque e defesa das cidades fortificadas.

Nuguyên Trai, ele também um vencedor dos chineses no início do século XV, deixa inúmeros escritos, em especial um, *Recueil de notes et d'ordres militaires*; ele advoga pela resistência popular contra o invasor chinês<sup>40</sup>. É o maior dos autores militares vietnamitas.

No século XVIII, Dào Duy Tù redige um *Manual da arte militar*, reservado aos generais, conforme um plano tripartite de inspiração confuciana: o Céu (o essencial da arte militar), a Terra (o combate), o homem (os generais, os soldados, e o terreno).<sup>41</sup>

### 76 – Um tratado siamês

O Sião está representado pelo rei de Ayodhya, Ramathibodi II (início do século XVI) que faz redigir um *Tratado da guerra vitoriosa*, cujo texto desapareceu, parcialmente, em seguida das invasões birmanesas. Além disso, os birmanesas traduziram-no. Ele permanece desconhecido em sua totalidade no Ocidente.

38. JULIEN, François. *Traité de l' efficacité*. Paris: Le Livre de Poche, Biblio-Essais, 2002. p77.

39. Cf. os exemplos bem diversificados em CHINESE ways in warfare. Ed. por Frank A. Kierman Jr e Jonh K. Fairbank. Cambridge (Mass.): Harvard University, 1974.

40. Sobre Nuguyên Trai, ver *Europe*, may 1980, que é inteiramente consagrado a ele.

41. Cf. LÊ, DINH TONG. Stratégie et science du combat sur l'eau au Vietnam avant l'arrivée des Français. In: L'ÉVOLUTION de la pensée navale II. Ed. por Hervé Coutau-Bégarie. Paris: FEDN, 1992.

## 77 – O pensamento estratégico japonês

O pensamento japonês é pouco conhecido. Na verdade, o seu conteúdo estratégico parece pobre. Ele é dominado pelos textos escritos sobre a arte do sabre e as artes marciais, inspirados pelo budismo zen e pelo código de Bushido, uma mistura de xintoísmo e de confucionismo. Os mestres são dois guerreiros que se tornam míticos, Miyamoto Musashi e Yagyú Munenori. O primeiro mestre deixou escritos centrados sobre a busca da vitória, com exemplos de táticas. O segundo se dedica, antes de tudo, a uma reflexão ética sobre a arte da guerra, a qual combina as influências zen e taoísta, e privilegia a dimensão psicológica da estratégia. Esta é representada por um conceito, que se traduz, literalmente, por “exterior e interior”, o qual um comentarista contemporâneo diz ser equivalente à estratégia<sup>42</sup>. Ele coloca em primeiro plano a arte de enganar: “É necessário usar o falso para obter a verdade”. Musashi, em *O Livro das cinco esferas*, insiste sobre o conhecimento acerca do inimigo.

É o reflexo da influência chinesa que foi determinante. Sun Tzu foi introduzido no arquipélago no século VII, provavelmente por uma legação chinesa que trouxe os livros como oferta, e ele foi traduzido desde que a escrita foi adotada. A primeira edição japonesa aparece em 735, no relato da viagem à China de Kibi no Makibi. Imediatamente, obtém um grande êxito, e os outros clássicos chineses encontram o mesmo caminho junto com ele. Porém, faz-se necessário aguardar o século XVII para que apareçam os comentaristas japoneses de Sun Tzu: Hayashi Razan, ideólogo oficial do governo do xogum (*Sonshū Genkai*, explicações das máximas de Sun Tzu, 1626), Yamaga Soko (*Sonshi Genji*, os princípios das máximas de Sun Tzu, em torno de 1670), Arai Hakuseki (*O Sonshi Heiho Shaku*, a interpretação de *A Arte da Guerra* de Sun Tzu, por volta de 1710), Ogyu Sorai (*O Sonshi Kokujikai*, uma interpretação de Sun Tzu em japonês, por volta de 1720)<sup>43</sup>. Na era Meiji, essa admiração não cessa: as edições de Sun Tzu se sucedem, até os anos 1940, alcançando uma nova aceitação a partir dos anos 1970, com Sun Tzu transposto para o campo da economia. Mas ele tem como competidores as teorias ocidentais a partir da segunda metade do século XIX: desde os anos 1850, com o estímulo dos dois grandes expertos militares do momento, Kakuma Shōzan e Katsu Kaishū, e a criação de um instituto de investigação dos escritos estrangeiros.

## 78 – O pensamento estratégico indiano

A produção da Índia não é conhecida. Isso não significa que ela não existisse. A obra mais importante é o *Arthashastra*, atribuída a Kautilya (século III a.C.), tratado político que contém várias seções sobre a arte da guerra, nas quais são passadas em revista a organização do exército, os preparativos e a condução de uma campanha, as táticas e as estratégias. Elas “são dignas de nota pelo cuidado dado à preparação de uma campanha, à logística e a todos os aspectos organizacionais. Arthashastra não se contenta em enunciar uma série de estratégias, mas examina a guerra sob todos os aspectos, sem jamais esquecer a articulação entre os meios e os fins”<sup>44</sup>. Apesar disto, não exerceu a mesma influência que o tratado de Sun Tzu: “Parece, em todo caso, não ter tido nenhum papel a partir da incursão ao Norte da Índia, no século X, pelos

42. CLEARY, Thomas. *The Japanese art of war: understanding the culture of strategy*. Boston: Shambala, 1992. p72.

43. CARDOSO, Pedro. A influência de Sun Tzu no pensamento militar japonês. *Estratégia*, II 1991.

44. CHALIAND, Gerard ; BLIN, Arnaud. *Dictionnaire de stratégie militaire*. p.393.

*muçulmanos*<sup>45</sup>. E sua descoberta passou despercebida no Ocidente: redescoberto ao início do século XX, ele somente foi traduzido para o inglês e aguarda-se, ainda, uma tradução francesa a partir do original<sup>46</sup>. Existem outros textos, em especial o *Dhanurveda*, o Veda do Arco, que é um verdadeiro tratado sobre a arte da guerra. A *Atharvaveda* recomenda o emprego dos engodos e das emboscadas para surpreender o inimigo. São encontradas também informações dispersas em textos que surgem mais tarde, como o *Nitisara* de Kamandaka (século VIII), o *Yukti-Kalpataru* do Rei Bhoja de Dhara (século XI), ou o *Manasollasa* do Rei Somesvara III (século XII)<sup>47</sup>. Toda essa literatura permanece sem ser estudada.

O pensamento hindu se aproxima do chinês em muitos aspectos, mas não possui o mesmo valor teórico: para a escolha do campo de batalha, os procedimentos táticos devem conviver com os ritos divinatórios.

## SEÇÃO II – O PENSAMENTO ESTRATÉGICO OCIDENTAL ANTIGO

### 79 – Os táticos e estrategistas gregos

Da antiguidade grega, restam-nos, no campo militar, apenas fragmentos<sup>48</sup>. Contudo pode-se dizer, com um certo grau de probabilidade, que limita a certeza, de que os gregos da época clássica produziram tratados de tática e estratégia. Segundo Vegetius, os espartanos “*foram os primeiros a escrever, com base na experiência deles e dos resultados das batalhas, um tratado sobre os combates... Eles foram os primeiros em fazer com que se ensinassem aos rapazes, por intermédio dos mestres das armas que eram denominados táticos, a prática da guerra e as peripécias dos combates*”<sup>49</sup>. A filologia (estudo crítico dos textos) revela que os textos posteriores (bizantinos) provêm de originais que hoje estão perdidos<sup>50</sup>.

Enéas é o mais antigo e, provavelmente, o mais importante desses táticos-estrategistas. Ele viveu no século IV a.C. e nós não sabemos nada sobre sua vida. Ele produziu uma enciclopédia militar com vários volumes (sobre os preparativos da guerra, a intendência, e a castrametação...), dos quais somente aquele dedicado à “poliorcética” chegou até nós. Seu tratado foi bastante lido, com bastante freqüência o resumo (perdido), o qual nos foi dado por Cinéas. Como na mesma época na China, “*a guerra, tal qual a pinta Enéas, é menos uma prova de força do que uma prova de astúcia: não se busca, geralmente, as carnificinas que exterminam, nem as morosidades de uma guerra de desgaste, mas esforça-se para triunfar com os mínimos custos; caso se possa intimidar o inimigo por meio de “fugas” judiciosamente organizadas é ainda melhor; em todo caso, espera-se que cada combatente tire espontaneamente, no momento desejado, o melhor partido da situação*”<sup>51</sup>. Esta concepção se traduz pela preocupação de nada esquecer dos “inú-

45. Idem.

46. Gérard Chaliand produziu uma tradução francesa da tradução inglesa: o CHALIAND, Gérard, *Arthashastra*. Paris: Éditions du Félin, 1998.

47. Estes autores são citados em MAJUMDAR, Bimal Kanti. *The Military system in ancient India*. 2.ed. Calcutta: Firma K.L. Mukhopadhyay, 1951.

48. Os quais só estão parcialmente acessíveis em francês. Às vezes, faz-se necessário valer-se de traduções inglesas.

49. VEGETIUS, Flanyius. *L'Art militaire*. Bordeaux: Ulysse, 1998. p.57.

50. DAIN, Alphonse. Les stratégistes byzantins. *Travaux et mémoires* 2. 1967.

51. BOM, Anne-Marie. Introduction. In: *Énée le tacticien: poliorcétique*. Ed. por Alphonse Dain. Paris: Les Belles Lettres, 1967. p.xxi.

meros e variados trabalhos”, aos quais devem satisfazer as obrigações do bloqueio “para que não os veja jamais deixar de ter bom êxito pela falta deles”. Esta descrição detalhada de sinais e autenticações, das senhas, das proteções, das saídas, de ver as formas de serrar uma barra, dá ao livro o aspecto de um catálogo de receitas.

Depois de Enéas, é preciso saltar três séculos para encontrar um tratado em condições de conservação. Asclepíades – século I a.C – “não é um militar profissional; ele se interessa mais pela classificação e pela ordem lógica do que com as realidades do combate”<sup>52</sup>. Ele teoriza sobre a falange e a ordem de batalha<sup>53</sup> macedônica no momento em que elas vão desaparecer diante das legiões as quais irão servir de modelo aos teóricos posteriores. Onesandros (comumente chamado Onosander a partir da Idade Média) – século I – “um gentil *graeculus* [termo de desprezo dado aos gregos que serviam aos estrangeiros (romanos) para obter comodidade e fartura. Serviam como mestres, leitores, secretários ou companheiros de vida], de modo nenhum versado nas artes militares, deixou-nos um pequeno tratado sobre o mister do general do exército” que “se concentra em considerações morais e em obscuros conselhos de prudência, válidos em todas as circunstâncias da guerra”<sup>54</sup>. Eliano – final do século I – produz uma obra, dedicada a Trajano, com a finalidade de ajudar na compreensão dos autores antigos. Obtém um grande sucesso, assim como no século seguinte, os oitos livros de *Strategemata* de Polyen, no caso um escritor sobre o qual não se conhece muita coisa: ele arrola 356 artides de guerra, classificados não por temas, mas por personagens (mitológicos ou históricos) aos quais eles são atribuídos; segundo Joly de Maizeroy, ele é apenas um “homem de gabinete, que só fez uma compilação de máximas, sem ordem e sem discernimento”<sup>55</sup>; para Alphonse Dain, “Polyen é de preferência um tático do que um historiador”<sup>56</sup>. Notar-se-á que durante esse tempo ele é um dos raros táticos ou estrategistas a ir além da esfera militar para propor estratégias financeiros.

Existem outros, porém não resta mais nenhum vestígio: diz-se que o filho de Pirro, o célebre rei de Epiro (aquele das vitórias obtidas com dificuldade a preço elevado), redigiu um tratado, que cita Frontin; que “Philopoemen”, “o último dos Gregos”, adversário dos Romanos, tinha lido a *Taktika* de Evangelos; que “Asclepíades” se inspira em Posidônios, se não o copia servilmente; que Élien e “Arrien” reproduzem uma fonte comum a qual Alphonse Dain chama de *Techné perdue*... Para complicar ainda as coisas, cita um tratado de “Cléarque” “que é preciso não confundir com o “Cléarque” que comandava os dez mil gregos na guerra de Ciro contra Artaxerxes, seu irmão”<sup>57</sup>; um certo “Iphicrate” escreveu um livro, mas ele não é o célebre general ateniense. O mesmo acerca de Pausânias, que não é nem o vencedor de Platéia, nem o “Périégète”...

Este pensamento prático, voltado para a ação, freqüentemente devido aos engenheiros, completa a reflexão histórica e estratégica de Xenofonte, Tucídides... que trata abundantemente da guerra. Os discursos de Péricles e de outros, relatados por Tucídides em sua

52. DAIN, op. cit. p.326.

53. Com argumentos “mais matemáticos, teóricos que estratégicos”, diz sua recente editora, que fala de “falange filosófica”. (ASCLÉPIODOTE. *Traité de tactique*. Trad. L. Poznanski. Paris: Les Belles Lettres, Collection des Universités de France, 1992. p41).

54. DAIN, op. cit. p.327-329. Este julgamento negativo precisa ser revisto, e o trabalho está em andamento.

55. MAIZEROY, Joly de. Préface. In: *As institutions militaires de l'empereur Léon le Philosophe*. Paris: Chez Claude-Antoine Jombert, 1771. Pvii. Prefácio.

56. DAIN, op.cit. p.389, que assinala “ser um acaso que ele não tivesse desaparecido, e nós só devemos o texto de Polyen ao zelo de Michel Apostolios que recolheu este manuscrito em Creta por volta de 1450”.

57. GUISCHARDT, Théophile. *Mémoires militaires sur les grecs et les romains*.... Lyon: J. M. Bruyset, 1760. t.2. p.157.

*História da Guerra do Peloponeso*, mostram, sem nenhuma ambigüidade, que a dimensão estratégica era percebida perfeitamente. Xenofonte é o primeiro autor a acrescer seus estudos históricos de uma reflexão teórica, que ia do domínio da tática em seu *Tratado da cavalaria*, a uma tonalidade claramente estratégica em *Cyropédie*<sup>58</sup>, retrato do conquistador ideal, encarnado por Ciro.

## 80 – A abordagem pragmática dos romanos

Os romanos não produziram, exceto algumas exceções, algo com o mesmo significado. O coronel Reichel avalia que eles tinham “*um pensamento militar original, que estava indo fundo nos fatos, como provam certos textos de Tácito*”<sup>59</sup>. Certamente, a superioridade tática e estratégica das legiões romanas durante séculos não teria sido possível sem uma doutrina militar estruturada. Mas isto é, em princípio, o fruto de uma prática: Políbio informa que os candidatos às funções públicas deviam ter participado em dez campanhas (militares), antes de solicitar os sufrágios de seus concidadãos<sup>60</sup>. Porém, a experiência assim adquirida, permaneceu amplamente informal e não parece ter dado lugar a uma abundante literatura especializada.

Entretanto, existem alguns tratados de tática e de estratégia. No século II aC., Catão, o célebre censor, redigiu *De Re militari*, do qual não resta nada. A Cipião, o Jovem, é atribuída a escrita de um tratado. Políbio escreveu *Taktika*, hoje perdida. O autor mais importante do Alto Império é “Frontinus”, chamado Frontin, governador da Bretanha, autor de um comentário militar sobre Homero e de um tratado militar, ambos perdidos, porém eles foram utilizados por Vegetius no século IV. Dele sobreviveu só um resumo de *Strategemata*, redigido entre 84 e 88, que constituía um apêndice ao tratado perdido: 583 estratagemas, rigorosamente organizados em sete livros, com um propósito pedagógico e prático, e com uma clara distinção entre os estratagemas e a estratégia; o seu brilho será duradouro<sup>61</sup>.

“Arrien” é o herdeiro dos táticos gregos (*Asclepiades foi copiado por Élien, que, por sua vez, foi copiado por Arrien*<sup>62</sup>) e foi também cônsul por volta dos anos 130: o seu *Ars Tactica* opõe a tática grega e a macedônica em relação à romana<sup>63</sup>, a qual ele pôs em prática com sucesso, em uma campanha contra os “Alanis”, sobre o que ele mesmo, ou um compilador, lançou um livro: *Acies contra Alanos*.

Depois de Frontin, Ariano, Poliano e, um pouco mais tarde, Júlio, o Africano (autor de um texto que contém todo o tipo de idéias, no qual trata tanto de medicina quanto de tática), esta tradição greco-romana se interrompe: irão decorrer três séculos “*para os quais não se*

58. XENOFONTE. *Cyropédie*. Trad. M. Bizo e E. Delebecque. Paris: Les Belles Lettres, Collection des Universités de France, 1971-1978.

59. REICHEL, Daniel. *Le Choc. Armée suisse*, Service historique, 1984. p.38.

60. HARRIS, William V. *War and imperialism in republican rome*. 327-70 BC. Oxford: Clarendon, 1985. p.11.

61. Cf. LAEDERICH, Pierre Laederich. Introduction. In: *Stratagèmes*, Paris, Isc – Économica, Bibliothèque, 1999.

62. DAIN, Alphonse. Les cinq adaptations byzantines des “stratagèmes” de Polyen. *Revue des Études Anciennes*, p.322, 1931.

63. STADTER, P.A. The ars tactica of arrian: tradition and originality. *Classical Philology*, 1978.

*reconhece nem o nome, nem obra de estrategista. Dá margem para espantar-se com essa total falta de curiosidade com respeito à literatura militar (sobretudo neste período de guerras e invasões recorrentes!). A menos que, na falta de todo um progresso da técnica, senão de uma mudança total das práticas militares, a literatura antiga não tenha sido o bastante para os leitores”<sup>64</sup>.* Brian Campbell incrimina a estrutura de comando que estabelecia obstáculos à constituição de uma casta de oficiais generais bem preparados. “Os Romanos não tinham academia militar, nem processo institucionalizado de formação em disciplina, tática e estratégia, nem de meios sistemáticos de avaliação dos candidatos aos graus mais elevados”<sup>65</sup>. A questão não possui uma resposta definitiva.

É no Ocidente que se vê aparecer, ao final do século IV<sup>66</sup>, um ensaio militar verdadeiro, o *De Re militari*, também chamado *Epitoma Rei militaris* (resumo das questões militares), de Flavius Vegetius Renatus (conhecido como Vegetius), uma compilação consciente de todos os seus predecessores que se propõe a impedir uma decadência militar evidente. O primeiro livro é uma iniciativa dele como autor, mas ele dá uma resposta a tal carência (a arte das legiões estava largamente perdida) que o imperador encomenda-lhe a continuação. Mesmo que a obra pareça de preferência insípida, ao ser comparada com os autores chineses, Vegetius é o autor militar mais importante que a antiguidade ocidental nos legou<sup>67</sup>. As “*regras gerais da guerra*”, que fazem parte do livro III, “*inauguram um gênero que explica o seu sucesso durante séculos: em algumas linhas, elas fornecem ao homem de ação um conjunto de regras simples, suscetíveis de assegurar-lhe a vitória. Vegetius criou a tradição ocidental dos “princípios da guerra”*<sup>68</sup>. Da mesma época data o *Apparatus bellicus*, de um anônimo, que pode ser considerado como o fundador do método material.

O segundo ramo da teoria militar romana é constituído pelos historiadores. É, de longe, o mais abundante em volume, assim como o lido com mais freqüência. O modelo é Políbio, companheiro de Cipião Emiliano, vencedor de Cartago na terceira guerra púnica. Ele produziu *Histórias*, da qual só uma pequena parte chegou até nós e que constitui uma das principais obras da produção histórica ocidental. As operações militares foram descritas com uma precisão notável, que dá testemunho de uma compreensão da tática e da estratégia com profundidade<sup>69</sup>. Mas Políbio, ainda que totalmente devotado à causa romana, é em primeiro lugar ligado à cultura grega.

Depois dele vem César, um dos raros mestres da arte da guerra que foi simultaneamente estratego e estrategista. Ele ganha a glória e o poder devido à sua vitória na guerra da Gália e disto ele tira proveito numa obra capital que encontra um sucesso imediato, ao ponto de suscitar uma quantidade de apócrifos (*Guerra Alexandria*, *Guerra de Espanha*, *Guerra da África*). Seus comentários sobre a Guerra da Gália (*De Bello Gallico*) e sobre a Guerra civil (*De Bello Civile*) descrevem tanto as operações militares quanto o contexto político (com uma

64. DAIN, op. cit. p.336.

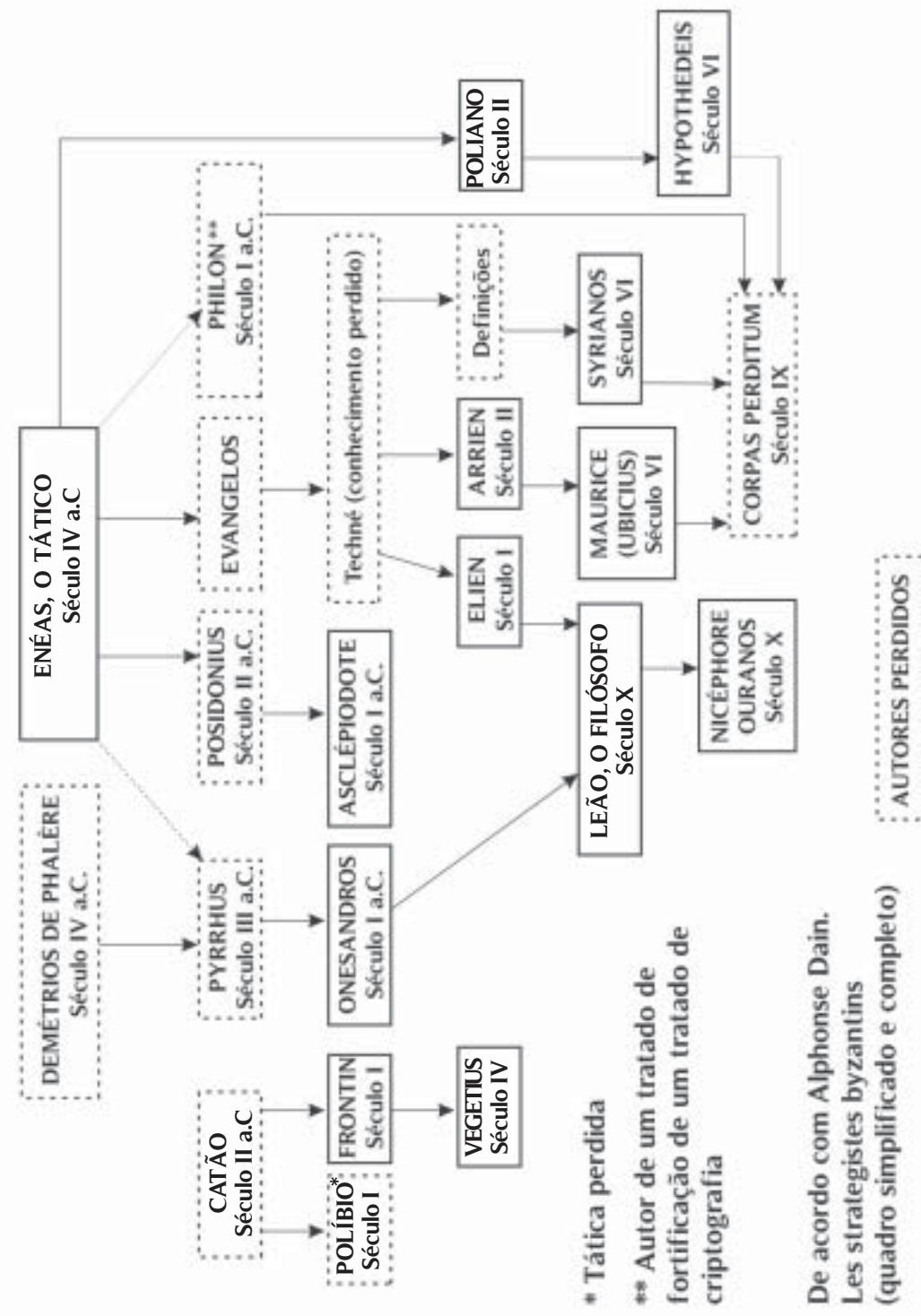
65. CAMPBELL, Brian. Teach yourself to be a General. *The Journal of Roman Studies*, p.22, 1987. É apenas no século III que os graus mais elevados são proibidos à classe dos senadores.

66. Provavelmente, por volta dos anos 386 - 388. A controvérsia sobre a data do livro de Vegetius é perene. A última situação sobre a questão está em RICHARDOT, Philippe. La datation du *De Re militari* de Végeu. *Latomus*, janv./mars 1998.

67. A tradução francesa mais recente é a de TEBIB, Renée. *Flavius Végèce: l'art militaire*. Bordeaux: Éditions Ulysse, 1988.

68. COLSON, Bruno. *L'Art de la guerre: de Machiavel a Clausevitz*. Namur: Universitaires de Namur, 1999. p.24.

69. POZNANSKI, Lucien. La polémologie pragmatique de Polybe. *Journal des Savants*, janv./juin 1994.



De acordo com Alphonse Dain,  
Les stratégistes byzantins  
(quadro simplificado e completo)

arte consumida pela deformação histórica) e a sociedade gaulesa em uma perspectiva quase etnológica. A precisão de suas descrições é de tal monta que ela ainda alimenta a controvérsia a propósito de Alésia, pois o lugar oficial de Alise Sainte-Reine parece, a alguns, não concordar com o relato de César. A obra é sobretudo interessante pela compreensão da grande estratégia, isto é, acerca da articulação entre o político e o militar. César será, no Ocidente, o modelo do general.

Depois de Cesar, vêm os historiadores do império, entre os quais o mais importante é Tacito, durante muito tempo desacreditado pela historiografia alemã após as obras de Theodor Mommsen, taxado como impreciso e freqüentemente inexato em seus relatos. Uma reavaliação recente tirou a força de tal ponto de vista e mostrou que Tacito era um autor militar mais do que apreciável: sua obra fornece informações objetivas e coerentes sobre a estratégia imperial<sup>70</sup>. Com a exceção dele, pode-se recolher informações de pouco valor, nas quais a mitologia e a história, por vezes, viveram em boa harmonia, entre os quais estão Tito Lívio e alguns outros. Imitando César, Trajano escreveu (ou fez escrever) comentários sobre as suas campanhas na Dacia e na Mesopotâmia, e deles apenas uma frase chegou até nós. A série acaba no século IV com Ammien Marcellin: suas *Res Gestae* são uma fonte preciosa para a estratégia do Baixo-Império.

## 81 – O pensamento bizantino

Os bizantinos, em contrapartida, escreveram inúmeros tratados sobre as instituições militares, nos quais a dimensão estratégica, de vez em quando, e sem aprofundar o assunto é tratada, apesar da conduta de combate ser a preocupação predominante. Lamentavelmente, as perdas são consideráveis. As primeiras compilações notáveis datam do século VI<sup>71</sup>. Ciriano, o Magister, assegura a transição entre a Grécia e Bizâncio em um tratado que teve uma imensa influência, antes de ter desaparecido: o Imperador Constantino VII “Porphyrogénète” (def: título que se dava às crianças dos imperadores bizantinos, quando eles nasciam na púrpura, durante o reino do pai. Esse título se aplica mais especialmente a Constantino VII.) recomendava a seus filhos levar nas campanhas os livros de Poliano (Polyen) e de Ciriano (Syrianos). Revelaram-se recentemente escritos anônimos, que Alphonse Dain não tinha conseguido identificar, como sendo fragmentos do tratado de Ciriano (Syrianos)<sup>72</sup>. Entre eles, o *Peri strategikes* (*De re strategica*) “oferece um plano completo, ainda que bastante esquemático, da ciência militar. Se o primeiro escrito encontrado está ligado à tradição dos táticos anteriores, as obras que se seguem apresentam alguma novidade, mostram um trabalho que não se limita a copiar ou a adaptar”<sup>73</sup>. Entre as múltiplas referências, assinalam-se os tratados de engenheiros e inúmeras paráfrases e adaptações. O gênero é bastante nobre até porque os imperadores por ele se interessam, ou, preferencialmente, que é atribuída a eles a paternidade de tratados célebres: assim, o imperador Maurício patrocina o *Stratégicon* (que toma grandes empréstimos de Onosander), no início do século VII<sup>74</sup>, o Imperador Leão, o Filósofo, em as *Constituições Táticas* (que inclui uma *Naumaquia*) no início

- 70. LAEDERICH, Pierre. *Les Limites de l'empire: les stratégies de l'impérialisme romain dans l'oeuvre de tacite*. Paris: CFHM-ISC-Économica, Bibliothèque Stratégique, 2001.
- 71. Dispõe-se de cerca de 250 manuscritos, certos muito tardios. O número dos protótipos (fontes manuscritas) é inferior a 20.
- 72. ZUCHERMAN, Constantine. The Military compendium of syrianus magister. *Osterreichische Jahrbüch für Byzantinistik*, 1990.
- 73. DAIN, op. cit. p.340 e 343.
- 74. Como é freqüente em filologia, discute-se exaltadamente sobre sua atribuição e sobre sua datação, que pode ir do século VI ao início do século IX. Também atribui-se a Urbikios mas trata-se apenas de uma adulteração de Maurício por plagiários negligentes.

do século X, e o Imperador Nicéphore Phokas inspira um tratado de tática (*De Re militari*, também chamado *Praecepta militaria*) e um tratado sobre a guerrilha (*De Velitatione*) na segunda metade do mesmo século X.

É nesta época que se detém a categoria dos táticos “nesse momento onde se confirma o aparecimento de uma aristocracia militar, como se os problemas da guerra tivessem, então, tornado-se problemas familiares, morais, a serem tratados entre eles”<sup>75</sup>. Os trabalhos que se seguirão serão apenas compilações. A principal é a de Nicéphore Ouranos, cuja obra *Tática*, escrita no início do século XI, conta com 178 capítulos. Antes teve o *Sylloge Taktikon*, anônimo do meio do século X. Mas, como freqüentemente, a ausência de tratados didáticos não significa, necessariamente, o empobrecimento de todo o pensamento militar. Encontram-se reflexões estratégicas sobre a conduta da guerra, em tratados políticos conhecidos sob a denominação de *Miroir des Princes* (Espelho dos Príncipes), como por exemplo aqueles de Blemmydes ou de Theognostos no século XIII, ou no livro de conselhos a seu filho de Kekaumenos, que data do século XI. O choque com os ocidentais, marcado pela tomada de Constantinopla em 1204, suscita uma reflexão, dominada pelo tratado de Théodore Paléologue, Marquês de Montferrat e segundo filho do Imperador Andronikos II, redigido em grego e traduzido para o latim por volta de 1320, depois para o francês por Jean de Vigny no fim do século (“*Ensinaimentos e ordenanças para um fidalgo que tem guerras e governos a fazer*”).

Toda esta literatura só é estudada hoje pelos filósofos, com a preocupação única de reconstituir os textos, a exegese está por ser feita. A coleção de estratagemas continua a ser o gênero dominante<sup>76</sup>. A *Tática* de Nicéphore Ouranos enfatiza quanto ao uso de espiões, a escolha do terreno, as organizações de marcha e de combate<sup>77</sup>... Os autores recomendam adaptar-se ao inimigo, sobre o qual os comentários não são sempre lisonjeiros. Menos conhecidos que os chineses, os autores bizantinos mereceriam ser redescobertos. O interesse arqueológico é reforçado, freqüentemente, por um real valor estratégico: as máximas de Maurício se equivalem às de Sun Tzu, e a análise da “pequena guerra” (guerrilha), por Nicéphore Phokas, ainda é pertinente. A comparação sistemática entre esses dois arquétipos do pensamento imperial seria por outro lado instrutivo: apesar da imensa diferença histórica e cultural, os pontos comuns não deixam de existir, com a mesma separação entre a visão idealizada dos autores e a prática estratégica.

## 82 – Fragmentos muçulmanos

Os autores bizantinos exerceram, igualmente, uma influência notável sobre a estratégia árabe e iraniana. Mas o contexto restritivo da teologia do *Corão* constrangeu a emergência de um verdadeiro pensamento estratégico árabe estruturado, mesmo quando as sutilezas da controvérsia teológica permitiram ultrapassar certas proibições: assim, para a escola “chafeite”, a fuga é um pecado e o fugitivo merece a morte; outras escolas a admitem se o inimigo é duas vezes mais forte; os comentaristas distinguem a retração, autorizada para retomar o combate em melhores condições, da fuga proibida. Da mesma forma, é preciso admitir a perseguição, enquanto o profeta não recorreu a ela? Sim, mas só no

75. DRAGON, Gilbert. *Ceux d'en face: les peuples étrangers dans les traités militaires byzantins*. *Travaux et mémoires*, 15, p.226, 1980.

76. Cf. KAEGI, Walter E. *Some thoughts on byzantine military strategy*. Brookline: The Hellenic Studies Lecture, 1983 e FOUCAULT, J.A. de. *Strategemata*. Paris, 1947.

77. FOUCAULT, J.A. de. *Douze chapitres inédits de la tactique de Nicéphore Ouranos*. *Travaux et Mémoires*, 5, 1970.

contexto da Guerra Santa. A mesma restrição quanto ao emprego de máquinas de guerra que podem matar as mulheres e as crianças. Jean-Paul Charnay decifrou os princípios da estratégia árabe, mas trata-se de um trabalho de reconstituição a partir de fragmentos separados e heteróclitos<sup>78</sup>. Os autores reunidos desse modo são historiadores, raros são aqueles que formulam ensinamentos gerais.

O primeiro é Ali, o genro do profeta, cujos ensinamentos serão reunidos mais tarde em um livro, *Nahj al Balagha*, onde os encorajamentos religiosos (“*Saibam que estais com o genro do profeta...*”) são acompanhados de conselhos muito concretos sobre a escolha do acampamento ou sobre as marchas. Na segunda metade do século IX, Al Daynouri escreve um livro alentado intitulado *Os olhos das notícias* (*Ouyoun al Akhbar*), no qual ele enuncia reflexões e conselhos sobre a guerra: é preciso sempre deixar uma passagem de escape para permitir ao vencido sair; não é necessário atacar se não se é três ou quatro vezes mais numeroso do que o inimigo; em posição defensiva, é preciso estar, pelo menos, em um contra dois... Seu contemporâneo Al Harsami, que faz parte da corte do califa abassida Al Maamoun, redige compilações sobre a política e a guerra (*Moukhasar al Sisaya wa al Houroub*) que constituem a obra militar árabe mais importante da época: todas as fases de uma campanha são estudadas: preparação, marcha, batalha, retração, perseguição... Este autor teria redigido um tratado completo sobre os ardis na guerra, o qual teria desaparecido durante a tomada de Bagdá pelos mongóis. Ao início do século XI, um outro autor da corte de Bagdá, Al Mawardi, escreve um tratado de filosofia política, *Os estatutos governamentais* (*Al Ahkam al Soltaniya*), que dedica dois capítulos à guerra, nos quais são enumeradas as características da guerra, as fases da campanha e as obrigações do chefe, classificadas em seis categorias. O trabalho de recenseamento dos manuscritos está longe de terminar: o professor Christides desenterrou assim um autor do século X, Qudama, cujo tratado se dá a descobrir por citações em fragmentos.<sup>79</sup>. Existem com certeza outros que dormitam dentro dos arquivos.

No século XIV, o grande historiador Ibn Khaldoun descreve, em seus *Discursos sobre a história universal*, as guerras e os métodos de combate praticados pelos diferentes países. Ele nota que “*não existe certeza de vitória na guerra, mesmo que haja uma superioridade em armamento e em efetivo. A vitória e a superioridade na guerra são devidas à sorte e ao azar*”<sup>80</sup>. Ele enfatiza sobre o emprego de ardis e de fatores psicológicos: as vitórias iniciais dos muçumanos foram devidas à coesão deles e ao terror que eles inspiravam.

Do século XIII ao XVI, o Egito dos mamelucos produz numerosos tratados sobre armas, que atingem à tática e, às vezes, à estratégia, como as *Instruções oficiais pela mobilização militar* de Ibn al-Manqali (século XIV), que trata de todos os aspectos da campanha terrestre e aborda, brevemente, a guerra naval<sup>81</sup>. Em torno de 1400, um escritor sírio, Ibn al Kayyem, escreve um tratado sobre a cavalaria (*Al Fourousiya*), que se tornará uma obra de referência. O autor mais célebre é Omar Ibrahim al Ousi al Ansari, cuja obra “*Afastar os perigos preparando as guerras* (*Tafrij al Kouroub Fi Tadbir al Houroub*)”, escrita em torno de 1400, impõe-se como um clássico.

78. CHARNAY, Jean-Paul. *Principes de stratégie arabe*. Paris: L'Herne, 1984. Outros autores são citados nas memórias de AROUAD, Farid. *La Pensée militaire arabe de l'avènement du prophète Mahomet jusqu'au XIIe siècle*. [s.l.]: EPHE, 2005.

79. CHRISTIDES, Vassilios. Two parallel guides of the 10th Century: Qudama's document and Leo VI's Naumachica. *Graeco-Arabica*, 1, 1982.

80. CHALIAND, Gerard. *Anthologie mondiale de la stratégie*. p499.

81. CHRISTIDES, Vassilios. Ibn al-Manqali (Maugli) and Leo VI: new evidence on arabo-byzantine ship construction and naval warfare. *ByzantinoSlavica*, 56, 1995.

A Andaluzia muçulmana fez surgir inúmeros escritores militares. O primeiro é Ibn Abd Rabboh al Andalusy, que escreve em torno de 885, “a época única” (*Al’Akd al Farid*) onde se encontram recomendações sobre a conduta a observar em tempos de guerra, acerca dos estratagemas... Em torno de 1100, Ibn al Wahid al Tartouchi escreve “a luz dos reis” (*Siraj al Moulouk*), na qual ele é pródigo em conselhos muito judiciosos sobre a tática, e sobre a conduta a ter *vis-à-vis* a tropa... Duas gerações mais tarde, seu quase homônimo Ibn Ali Ibn Mourdi al Tartousi produz, por demanda de Saladino, um breve comentário sobre os exércitos e a arte militar que, um fato excepcional, foi contemplado com uma edição em francês<sup>82</sup>. O reino de Granada produz, antes de desaparecer, uma literatura militar que tenta compreender os mecanismos da arte da guerra dos cristãos: no século XVIII, um compilador espanhol revela várias dezenas de manuscritos com títulos expressivos: *Da Arte militar/ De l’Art militaire de Mohammed Ben Abdallah*, *Da arte militar e equestre/De l’Art militaire et équestre de Ali Ben Abdalshaman Ben Hazil*, um *Tratado da batalha/ Um traité de la bataille*, anônimo...<sup>83</sup>. Ibn Hodeïl al Andalusy termina a descendência com uma compilação sobre a arte da guerra, “o ornamento das almas” (*Touk fat al Anfós*), escrito por volta de 1369, de onde se extraem os princípios para a condução da guerra e da batalha; seus aforismos recomendam “preferir o medo à esperança cega”, não subestimar o inimigo, diferir o combate tanto quanto possível, buscar, preferencialmente, dividir o inimigo, e recorrer ao estratagema de preferência à coragem...<sup>84</sup>. Depois dele, segue-se, ainda, Abou Abdallah al Andalusy, que escreve por volta de 1460, trinta anos antes da queda: ele recomenda o combate em filas cerradas, como fazem os cristãos, e descreve a guerra do cerco, na qual os cristãos são superiores.

Os persas parecem ter desenvolvido um pensamento estratégico, o que não seria surpresa ocorrer da parte dos herdeiros dos “Achéménides” e dos “Sassanides”, mas faltam informações. No século XIX, Qabus Ibn Iskandar escreve o *Livro dos conselhos*, *Qabus nameh*, que apresenta verdadeiros princípios da guerra<sup>85</sup>. No século XIII, Ibn Mansür Fakhr al Din compila *As regras da guerra e da bravura, Abab al-Harb wa al-Shodjâa*, a partir de fontes muito diversas, muçulmanas, hindus, mas também chinesas<sup>86</sup>, para o sultão de Dili: ele recomenda o uso do ardil, mas descreve também formações táticas<sup>87</sup>.

## 83 – Vestígios armênios

A Armênia, apesar da sua bastante fértil tradição literária e militar, não produziu tratados de tática e de estratégia. No máximo, são encontradas algumas reflexões gerais nas narrativas sobre batalha por parte de historiadores, em especial sobre o tiro com arco, considerado

- 82. Pelo grande estudioso do Oriente CAHEN, Claude. *Bulletin d'études orientales*, 1948.
- 83. GARCIA DE LA HUERTA, Vicente. *Biblioteca militar española*. Madrid: Antonio Pérez de Soto, 1760. Existe fac-símile editado em Madrid, em 2001.
- 84. CHALIAND, op. cit. na nota 3. p.484-486.
- 85. CHALIAND, op. cit. na nota 3. p.519-522.
- 86. Como não estabelecer relações de Sun Tzu com esta máxima: “Submeter o inimigo em lugar de aniquilá-lo, eis o melhor dos saques”.
- 87. CHALIAND, op. cit. na nota 3. p.532535 e NICOLE, David. Medieval warfare: the unfriendly interface. *Journal of Military History*, 63, p.594-597, July 1999.

como mais nobre e mais inteligente do que o corpo-a-corpo. Um médico do século XII, chamado Faradj, deixou um tratado de medicina veterinária, bastante orientado para os problemas militares.

## 84 – A herança dos antigos

A marca dos antigos sobre o pensamento moderno é bastante forte. Os bizantinos garantem a transmissão vinda dos táticos e estrategistas gregos<sup>88</sup>, os autores romanos foram conservados pelo Ocidente, na maioria das vezes dentro dos monastérios. É ao final do século XIII, na Itália, que se desenvolve “*a pesquisa sistemática de manuscritos antigos, o estudo dos autores clássicos e a sua imitação*”<sup>89</sup>, de onde sairá o que, mais tarde, será chamado de humanismo. Virgilio Ilari situa o nascimento do humanismo militar em 1455, ano da publicação da tradução latina de Elien (Eliano), empreendida sob a ordem do Rei da Sicília, Alfonso I de Aragon<sup>90</sup>. Não se trata somente de uma admiração intelectual, os desafios são terrivelmente concretos: Gustavo Adolfo da Suécia inventa o regimento de artilharia a partir do modelo das balistas trazidas das legiões romanas, busca-se, entre os autores antigos, as ordens de batalha e os modelos táticos.

Vegetius, impresso constantemente a partir de 1473, é a referência universal<sup>91</sup>: Chistine de Pisan transcreve de novo passagens inteiras, Vellena, Palencia, Maquiavel, Egidio Colonna se inspiram bastante na obra dele. “Há entre 11 ou 14 edições ou reedições de Vegetius no século XV e 25, no século XVI: 14 são traduções”<sup>92</sup>. Vegetius é traduzido para o francês anglo-normando (1272), para o francês por Jean Meun (1284) e depois por Nicolas Volcyr (1536), para o inglês (1408 e 1539), espanhol (1434 e 1442), catalão (século XV), escocês (1494), alemão (1475), sueco (em torno de 1510), italiano (1524, 1540 e 1551), provavelmente para o português (no século XV)<sup>93</sup>. Frontin é favorecido por pelo menos 20 edições latinas entre 1487 e 1690. Ele é traduzido para o catalão (1369), francês (em torno de 1435 e 1536), espanhol (1487, impresso em 1516), alemão (em torno de 1470, 1521, 1527), inglês (1536), italiano (1543), polonês (1609).

No século XVI, multiplicam-se as edições do corpo dos “veteres scriptores de re militari”, que reúnem Vegetius, Frontin, Eliano e Modesto<sup>94</sup>, primeiramente na Itália (1487, 1494, 1496, 1505), depois na França (1515, 1523, 1532, 1535, 1536, 1553) e na Alemanha (1524, 1527), enriquecidas no final do século por comentários (de Modius 1580, de Stewechius 1585, 1592). A Inglaterra se dedica a várias antologias (1578, 1587). O holandês Pierre Schryver, conhecido como Scrivarius, efetua uma compilação de todos os táticos antigos conhecidos (1606-1607). Políbio, redescoberto ao início do século XV, edita-

88. No campo militar, pelo menos, não há transmissão notável pelos Árabes.

89. COLSON, op.cit. p.14.

90. ILARI, Virgilio. *Imitatio, restitutio, utopia: da storia militare antica nel pensiero strategico moderno*. Obra a ser lançada.

91. RICHARDOT, Philippe. *Végèce et la culture militaire au Moyen Âge*. Paris: ISC - Économica, Bibliothèque Stratégique, 1998. E L'INFLUENCE du *re militari* de Végèce sur la pensée militaire du XVI e siècle. *Stratégique*, 60, 1995-4.

92. RICHARDOT, Philippe. Les éditions d'auteurs militaires antiques aux XV-XVI siècles. *Stratégique*, 68, p78, 1997-4.

93. O cronista Ruiz de Pena faz menção a tal tradução, porém não se encontra qualquer fragmento dela.

94. “O texto de Modesto é somente um extrato de *Vegetius*, como era conhecido na Idade Média. Modesto nunca existiu, e trata-se de uma mistificação literária patenteada/revelada pelo humanista François de Maulde, em 1580, redescoberta no século XIX”. RICHARDOT, op. cit nota 92. p.90.

do e traduzido para o latim pelo grande humanista bizantino Jean Lascaris, passa a ser moda por obra de Maquiavel, com várias traduções para o francês (1545-1546), italiano (1535 e 1583), inglês (1568), alemão (1574), latim (1609)<sup>95</sup>. Ele constitui a base, com Vegetius, do compêndio de arte militar sobre os antigos, escrito por Claude Saumaise (*De Re Militari Romanorum*, 1657) por solicitação de Frederico Henrique de Orange. Cesar é divulgado por múltiplas edições, Montaigne consagra-lhe um ensaio, em que ele proclama que “este deveria ser o brevíario de todo homem de guerra, como sendo o verdadeiro e soberano padrão da arte militar”<sup>96</sup>, idéia partilhada pelo condottiere italiano Piero Strozzi e o inglês Clement Edmonds (*Observations upon the Five First Bookes of Caesar's Commentaries*, 1600, 1604, 1609). Entre os protestantes, a *Histoire des Juifs* (*História dos judeus*) de Flavius Josephe exerce uma influência profunda enquanto manual de tática.

Apesar do obstáculo da língua, que os exclui de edições coletivas nos séculos XV e XVI, os autores gregos são tidos em elevada conta. Enéas o Tático é editado e traduzido para o latim por Isaac Casaubon (1609, 1670, 1673-1674); Onosander é editado várias vezes (1598, 1604, 1610) e traduzido para o latim (na metade do século XV, 1493, 1595, 1598), alemão (1524), francês (por Jean Charrier 1546 e por Blaise de Vigenère, com um enorme comentário, 1605), italiano (1546), inglês (1563), espanhol (1567 e 1635); Tucídides é traduzido para o latim pelo célebre humanista Laurent Valla (1543), para o francês por Claude de Seyssel (1527), para o italiano pelo condottiere Francesco di Soldo Strozzi. Xenofontes é contemplado com uma edição de obras completas (1516), a *Ciropédie* é traduzida para o alemão e o inglês (1552), a *Anabase* é traduzida para o alemão (1540), francês, inglês (1623), e italiano (1660); os *Helenos* são traduzidos para o latim (1555) e italiano (1550) por Francesco di Soldo Strozzi. Élien é associado aos autores latinos e traduzido para o francês (1615) e o inglês (1489 e 1616-1629), “Arrien”, curiosamente, é abandonado, existindo somente traduções latinas (1664 e 1683); Poliano tem uma acolhida relativa, com duas traduções simultâneas para o italiano (1551 e 1552) e uma tradução para o latim por Casaubon (1589), mas a tradução francesa esperará até o século XVIII. As *Constituições táticas* de Leão VI são editadas no original grego nas Províncias Unidas (1612, 1613) e traduzidas para o latim (1554, 1612), italiano (1541, 1586, 1602, 1612), espanhol<sup>97</sup>, o alemão e húngaro; a *Tática* de Constantino Porphyrogénète é traduzido para o latim (1558).

No século XVIII, a moda dos antigos, longe de atenuar, atinge o ápice: o cavaleiro de Folard coloca Políbio no coração do debate tático, mesmo que seja “para proteger-se”, como reconhece-o ele mesmo<sup>98</sup>. Andreu de Billestein intitula seu ensaio *Instituições militares para a França ou o Vegetius francês* (1762), enquanto que Lancelot Turpin de Crissé publica um copioso *Comentário sobre as Instituições militares de Vegetius* (1769), depois um *Comentário sobre César* (1785). Carlet de la Rozière compila *Os Estratagemas da guerra* (1756). O General prusiano Carl-Gottlieb Guischardt apóia-se nos antigos para fixar seus *Princípios da Arte militar* (1763), e isso leva-o a ser cognominado por Frederico II, grande leitor de César e de Vegetius, como “Quintus Icilius”, com base no nome de

95. MOMIGLIANO, Arnaldo. La redécouverte de Polybe en Europe occidentale. In: \_\_\_\_\_. *Problèmes d'historiographie ancienne et moderne*. Paris: Gallimard, 1983.

96. Citado em COLSON, op. cit. p.22.

97. A tradução permanece no estado de manuscrito, por Joseph Pellicer de Tobar, ao final do século XVI ou ao início do século XVII.

98. ILARI, op. cit.

um tenente de César; ele traduz, particularmente, Onosander (1758; tradução para o espanhol em 1776) e Arrien (1758). Dom Lobineau traduz os *Estratagemas (Strategemata)* de Polyanos (1739)<sup>99</sup>, Bourdon de Sigrails e o cavaleiro de Bongars, o *De Re militari* de Vegetius (1743 e 1772), o Barão de Zur-Lauben, o *Strategicus* de Onosander (1754), Jean-Jacques de Beausobre a *Poliorcétique* de Enéas (1757), Bourchaud de Bussy, a Tática de Eliano (1757), Joly de Maizeroy traduziu o *Comandante da Cavalaria de Xenofonte* e as *Instituições* de Leão o Filósofo (1771), e comenta os estratagemas de Frontin e de “Polyanos” (*Tratado dos Estratagemas permitidos na guerra*, 1765). Um oficial anônimo traduziu os *Estratagemas* de Frontin (1772)<sup>100</sup>. O Marechal de Puységur se inspira, claramente, em Vegetius e Frontin. No campo militar, como nas artes ou na filosofia, a Antiguidade é uma referência constante<sup>101</sup>, e a discussão sobre os antigos e os modernos ocupa a linha de frente do debate intelectual. Ainda em 1805, o Príncipe de Ligne qualifica o *De Re Militari* como o “livro de ouro... Um deus, diz Vegetius, inspirou a legião, e eu digo que um deus inspirou Vegetius”<sup>102</sup>.

Apenas depois das guerras napoleônicas, em consequência das formidáveis desordens políticas engendradas pela Revolução Francesa e a aceleração do progresso técnico, é que a caução dos antigos deixa de ser, senão pertinente, pelo menos usual. A tentativa do General Rogniat em fazê-la reviver (*Considerações sobre a arte da guerra, Consideration sur l'art de la guerre*, 1816) revela o combate dos “guardiões do passado”. Wilhelm Rüstow, um dos autores mais prolíficos do século XIX, produz, entretanto, uma antologia dos *griechischen Kriegschriftsteller* (1855); e sabe-se quanto o Conde Schlieffen foi fascinado pela batalha de Cannes (216 aC.), modelo de envolvimento tático que ele tentou transpor para o nível estratégico. Frontin, Vegetius e mesmo Políbio não são quase mais postos em prática hoje, a não ser pelos historiadores. E se Raymond Aron se inspira em Tucídides para a sua visão da ordem internacional, é em Clausewitz que ele vai procurar o ponto de partida de sua síntese estratégica. Hoje, um historiador constata, com tristeza, que “esta literatura tática da Antiguidade foi relegada à lixeira da história”<sup>103</sup>. Uma reviravolta da tendência parece estar florescendo: Virgílio Ilari estima que a “restitutio” dos autores clássicos, empreendida por Bruno Colson, Philippe Richardot... poderia contribuir para a “definição de um modelo “europeu” e “humanista” de revolução militar”<sup>104</sup>, em oposição ao discurso norte-americano sobre a RMA (Revolução dos Assuntos Militares – ver mais adiante em 279). Mas, apenas são, ainda, premissas.

99. Os extratos estão na *Revue Militaire Générale*, 1936, p.360-376.

100. Seria necessário fazer o mesmo levantamento das traduções para os outros países da Europa. Vegetius é finalmente traduzido em polonês (1776), traduzido de novo em Espanhol (1764)...

101. Cf. WIDEMAN, Thieny. L'histoire de la guerre: l'exemple de la référence antique. *Revue Historique des Armées*, 1997-2.

102. RICHARDOT, op. cit. na nota 91. p.13.

103. DACK, E. Van't. La littérature tactique de l'antiquité et les sources documentaires, em sua compilação Ptolemaica selecta. Études sur l'armée et l'administration lagides, p.50.

104. ILARI, op. cit.

## SEÇÃO III – O PENSAMENTO ESTRATÉGICO EUROPEU MODERNO

### 85 – O eclipse medieval

O pensamento militar medieval é extremamente pobre, mesmo no caso de começar-se a reconsiderar o julgamento sumário a propósito da arte da guerra durante esse período que prenunciou a investigação erudita do século XIX. Nenhum tratado veio a concorrer com Vegetius antes do século XV: “*Alguns tratados de arte militar anteriores a 1400 eram amplamente compilações de autores clássicos*”<sup>105</sup>. O rei de Castela, Afonso X, o Sábio, em torno de 1280, serve-se até mesmo das ordenanças para tornar obrigatórias as regras que Vegetius recomenda! Os primeiros ensaios sobre a guerra, no século XIV, transcrevem-no de novo, freqüentemente com servilismo, como Egidio Colonna, pseudônimo de Gilles de Rome, que redige em torno de 1280 *De Reginime Principium*, que faz um imenso sucesso. Honoré Bonet (ou Bouvet), monge beneditino, escreve *L'Arbre des batailles* (1386-1387; tradução para o espanhol – 1447), que obtém um grande êxito, mas é, em primeiro lugar, uma teoria da guerra; em Bonet, “*os problemas de estratégia colocam-se em termos de ética e de teologia política*”, com uma dialética sobre os fins e os meios que não negaria Clausewitz: “*Certamente, um cavaleiro deve ser corajoso e não temer o combate; mas ele só é virtuoso, no sentido próprio, à medida que ele exerce sua coragem a serviço de uma estrita compreensão e conhecimento do porquê dele combater*”<sup>106</sup>; Christine de Pisan toma dele bastante emprestado em seu *Livre des faits d'armes et de chevalerie* (1406-1407; tradução para o inglês 1489). Jean de Bueil, Almirante da França, redige durante o seu infortúnio, em torno de 1466, *Le Jouvencel*, “*pequeno tratado narrativo*” sobre a ação da guerra, o qual recomenda uma tática mais prudente do que aquela da cavalaria que levou aos desastres de Poitiers e d'Azincourt: o chefe do exército não deve ceder à sua impulsividade, mas aconselhar-se, sobretudo quanto a uma “*coisa que traz tão grande consequência como a que decorre da batalha*”<sup>107</sup>. A estratégia está ausente, exceto por meio de algumas anotações fugazes. Ela aparece mais claramente a partir da segunda metade do século XIII, particularmente em vários projetos de cruzada que apresentam planos com boa base de argumentos<sup>108</sup>.

A reflexão só desenvolve-se, verdadeiramente, a partir da segunda metade do século XV, quando o impacto da artilharia se faz sentir mais claramente. O pensamento militar se mostra muito em efervescência na Espanha com o *Libro de la guerra* (em torno de 1420) do Marquês de Vellena e, sobretudo, com o *Tratado de la perfección del triunfo militar* (1459) de Alfonso Hernandez de Palencia, uma obra alegórica de uma surpreendente modernidade, na qual “*um guerreiro chamado Exercício... estava decidido a averiguar por quais razões o Triunfo julgava conveniente desdenhar da Espanha*”: as soluções que ele apresenta (o primado da infantaria, a utilização do terreno, a disciplina desenvolvida pelo exercício e pelo estudo...) serão amplamente retomadas por Alonso de Quintanilla, reorganizador do exército ao final do século, e empregadas pelo Grande Capitão, Gonzalve de Cordoue, na sua campanha italiana,

105. RICHARDOT, op. cit. na nota 91. p.86

106. QUILLET, Jeanine. Quelques aspects de la pensée de la guerre au Moyen Age. *Cahiers de Philosophie Politique et Juridique: la guerre*, n.10, p.82-83, 1986.

107. CONTAMINE, Philippe. Le *Jouvencel* de Jean de Bueil. *Revue de la Société des Amis de Musée de l'Armée*, 2, n.114, p.50, 1997.

108. \_\_\_\_\_. *La Guerre au Moyen Âge*. Paris: Universitaires de France, Nouvelle Clio, 1980. p.356357.

entre 1501-1503, que tem como desfecho a sua vitória em Cérignoles, a primeira batalha ganha pelo poder de fogo<sup>109</sup>. Também são encontrados autores na França, como a *La Nef des Princes et des batailles de noblesse* (1502) de Robert de Balsac, na Inglaterra com o *Tratado sobre a arte da guerra* de Béraud Stuart<sup>110</sup> e, na Alemanha, com o *Kriegsbuch* de Phillip von Seldeneck (ao final do século XV). Na Itália, depois de *De Militia* (1422, tradução espanhola em torno de 1440) de Leonardo Bruni e o *Semideus liber tertius de re militari* (1438) de Catone Secco, Roberto Valturio, secretário do célebre condottiere Sigismondo Malatesta, escreve, por volta de 1460, um *De Re militari* ( 1472, 1483, 1531, 1532, 1534; traduções italiana 1483, francesa 1555 ) por ordem do seu senhor: é o primeiro tratado militar a ser impresso e a ser enriquecido por ilustrações.

## Subseção I – O amadurecimento do século XVI

### 86 – Pensadores espanhóis e italianos

A experiência adquirida nas guerras da Itália (daí a denominação de escola hispano-italiana<sup>111</sup>) fez da Espanha a potência militar dominante, com um novo modelo de exército que toma forma nos anos 1534-1536: o *tercio*, que marca o fim da preponderância da cavalaria. Uma intensa reflexão acompanha essa transformação fundamental<sup>112</sup>. A contar dos anos 1520-1530, o movimento começa com o *Tratado del Esfuerzo Bellico* (1524, 1616, 1793) de Juan Lopez de Palacios Rubios; o *De Re militari* (1536, 1590; tradução espanhola *Dialogo del arte de la guerra*, 1590) de Diego de Salazar, que por ele faz pronunciar o maior capitão do seu tempo, Gonzalve de Cordoue; *Instrucción y regimiento de guerra* (1537) de Diego de Montes... O movimento se intensifica na segunda metade do século. Diego Gracian de Alderete (*De Re militari*, 1566); Geronymo Ximenez de Urrea (*De la Verdadera honra militar*, Venise, 1566; tradução italiana 1569), Luis Gutierrez de la Vega (*Nuevo Tratado i compendio de re militari*, 1569; tradução inglesa 1582), Francisco de Valdés (*Espejo y Disciplina Militar*, 1578, 1588, 1589, 1590, 1595, 1598; tradução inglesa 1590, italiana em 1598), Diego de Alava y Viamont (*El Perfecto Capitán instruido en la Disciplina Militar y nueva ciencia de la Artillería*, 1590), Martin de Eguiluz (*Milicia, discurso y regla militar*, 1595), Bernardino de Escalante (*Diálogos del arte militar*, 1583, 1595), Sancho de Londoño (*El Discurso sobre la forma de reducir la Disciplina Militar*, 1589, 1593, 1596; traduções francesa em 1589, inglesa em 1589), teorizam os regulamentos que fazem do *tercio* a melhor infantaria da Europa<sup>113</sup>, apesar das deficiências persistentes denunciadas por Marcos de Isaba (*Cuerpo enfermo de la milicia española*, 1594). A maioria desses autores está ligada à escola da Itália. A escola de Flandres é menos difusa, mas de grande aplicação. A obra mais importante é a de Bernardino de

109. QUATREFAGES, René. La pensée militaire castillane et son influence sur la guerre à l'aube des Temps modernes CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS, 17., 1990, Madrid. *Actas.* t.2. Citação na p.215. E a edição recente de DURAN BARCELO, Javier. *Alfonso de Palencia: de perfectione militaris triunphi-La perfección del triunfo*. Salamanca: Universidad Salamanca, 1996.
110. CONTAMINE, Phillip. The War litterature of the late middle ages: the treatises of Robert de Balsac and Béraud Stuart, Lord of Aubigny. In: WAR, literature and politics in the late middle ages. Ed. por Ch. T. Allmand. Liverpool: Liverpool University, 1976.
111. Proposto por BAQUER, Miguel Alonso. *El Pensamiento militar em la historia de la infantería española*. Madrid.
112. Cf. ESPINO LÓPEZ, Antonio. *Guerra y cultura en la época moderna*. Madrid: Ministério de Defesa, 2001. Vários tratados foram reeditados pelo Ministério de Defesa espanhol, em edições de baixo custo e de fácil manuseio. Um exemplo a seguir.
113. Cf. QUATREFAGES. René Quatrefages. *Los Tercios*. Madrid: Ejercito, 1983.

Mendoza, embaixador da Espanha na França, e comandante do exército de Flandres: *Theorica y practica de la guerra* (1577, 1595, 1596; traduções inglesa em 1597, francesa em 1597<sup>114</sup>, italiana em 1596, alemã em 1667) trata de todo o desenvolver de uma campanha, tanto em terra quanto no mar, e propõe uma tipologia das guerras defensivas. Depois dele vem Cristobal Lechuga (*Discurso en que trata del cargo de maestro del campo general*, 1603; tradução italiana 1611).

Perto da Espanha, Portugal parece estar ausente. Entretanto, de lá surge um começo de uma literatura militar, e, em especial, uma reflexão elaborada sobre a condução das guerras coloniais, prevalecendo o *Soldado Prático* de Diogo do Couto, escrito ao final do século, o qual permanecerá durante muito tempo como manuscrito<sup>115</sup>.

A literatura é particularmente abundante na Itália, teatro privilegiado da rivalidade das potências europeias, mas também exposta pelo seu flanco no Adriático aos ataques que necessita fazer frente Veneza. Segundo John R. Hale, Veneza tem mais produção de livros militares, entre 1492 e 1570, do que todo o resto da Europa<sup>116</sup>: 145 edições, reedições ou traduções, das quais 54 títulos são originais; destaca-se o tratado em versos *Dell' Arte militare* (1493, reimpresso pelo menos oito vezes; tradução espanhola 1558) de Antonio Cornazzano, Francesco Maria della Rovere, Duque de Urbino, fruto da sua experiência como condottiere, produz *Discorsi militari* (escrito em torno de 1530, publicado em 1583). Na segunda metade do século XVI, Bernardino Rocca continua a tradição dos venezianos com *Impresse, Strategem e errori* (1566, 1567, 1570, 1582; tradução francesa 1571), um volume importante que trata verdadeiramente de estratégia, a partir de exemplos antigos e modernos. Girolamo Cataneo (*Dell'Arte militare*, 1571; traduções francesa, inglesa em 1574, latina em 1600), Girolamo Ruscelli (*Precetti della militia moderna*, 1564, 1568, 1572, 1583, 1595, adaptação alemã 1620) e Bartolomé Scarríon (*Doctrina militar*, 1598) expõem as diferentes ordens táticas que o *tercio* pode adotar. O Capitão Francesco Ferretti, de Ancona, redige dois tratados militares, *Della Osservanza militare* (1568; tradução francesa 1587) e *Dialoghi notturni* (1604). Francesco Patrizi publica *Paralleli militari* (1594) que são bastante lidos. Mario Savorgnano produz *Arte militare terrestre e marítima* (1595; tradução alemã 1618). Francesco Marchi revoluciona a fortificação com o *Delle Architettura militare* (1599), que teoriza sobre o “traçado italiano”.

## 87 – Maquiavel: tático e estrategista

A obra mais conhecida do século XVI é a de Maquiavel, *L'arte della guerra* (1521, o único livro que ele publica em vida), completado por um ensaio histórico, os *Discorsi sopra la prima decade di Tito-Lívio*. Como o *Príncipe*, os escritos militares de Maquiavel “são essencialmente de natureza negativa: são críticas às instituições militares da época”<sup>117</sup>: os Exércitos italianos foram incapazes de fazer frente aos exércitos franceses, os mercenários preocupavam-se, primeiramen-

<sup>114</sup>. Que deve ter sido posto como confidencial. Apenas conhece-se um único exemplar, na Biblioteca Municipal de Blois, após ter passado pelas coleções do abade Grégoire.

<sup>115</sup>. Cf. BEBIANO, Rui. *A Pena di Marte*: escrita da guerra em Portugal e na Europa (Sécs XVI-XVIII). Coimbra: Minerva, 2000 que cita vários autores. Maurice Cockle, um bibliógrafo sério, assinala igualmente João Carrião, *Arte Militar*, 1595, desconhecido do Bebiano, do *Dicionário Bibliográfico Militar Português* e dos Catálogos das Bibliotecas Portuguesas.

<sup>116</sup>. HALE, John R. Industria del libro e cultura militare a Venezia nel Rinascimento. In: *Storia della cultura veneta dal primo quattrocento al concilio di Trento*, II. Venise: Neri Pozza, s.d. p.245. (subestima, talvez, o resto da Europa)

<sup>117</sup>. GILBERT, Félix. Machiavel: la renaissance de l'art de la guerre. In: EARLE, Edward Mead. *Les Maîtres de la stratégie*. t.1. p.23.

te, com as suas vidas, e não estavam premidos por dar término a uma campanha. A exemplo dos seus predecessores florentinos do século anterior, em especial Leonardo Bruni<sup>118</sup> (*De Militia*, 1422, tradução para o espanhol), ele reivindica o retorno a um exército de cidadãos. Contra as guerras sem definição, ele insiste na necessidade da batalha, e pela busca do ataque do forte sobre o fraco. Bastante imbuído da autoridade dos antigos, ele condena as fortificações “geralmente mais nocivas do que úteis” e descuida da artilharia.

A influência da *L'Art de la guerre* será grande e duradoura: “*Tornou-se um clássico da literatura militar. Teve pelo menos sete edições no século XVI* (de fato vinte e uma) *e foi traduzida para a maior parte das línguas européias* (em francês, 1546; em espanhol, por Diego de Salazar, com um comentário 1536<sup>119</sup>; em inglês, 1560; em alemão, 1623; em latim, 1610; em holandês). *Montaigne colocava Maquiavel ao lado de César, Polibio e Commynes...* (Ele) era ainda, no século XVII, citado com freqüência. No século XVIII, o Marechal de Saxe se inspirou bastante nele para escrever sua obra *Rêveries* ... Jefferson possuía a obra de Maquiavel, quando da guerra de 1812 cresceu o interesse dos EUA sobre os problemas militares, a Arte da guerra foi objeto de uma edição norte-americana especial (em 1815)”<sup>120</sup>. Ele será, ainda, traduzido para o russo em 1839. Entretanto, é forçoso constatar que a *Arte da Guerra* não tem a intemporalidade do *Príncipe* e que a sua leitura não apresenta mais quase nada do que um interesse histórico, o estrategista não irá tirar dele grande coisa de útil.

O gênio maquiavélico aparece mais nos *Discorsi sopra prima decade di Tito Livio*. Nesta, ele está verdadeiramente tratando de uma questão de estratégia, e o fez de maneira brilhante: sobre a inutilidade da defesa das passagens (livro primeiro, capítulo XXIII), sobre o interesse de uma guerra “*curta e exagerada*” (livro segundo, capítulo VI), sobre a ligação entre o dinheiro e a guerra (livro II, capítulo X), sobre as vantagens respectivas do ataque e da espera (livro segundo, capítulo XII), sobre o valor das fortalezas (livro segundo, capítulo XXIV), sobre a informação (livro terceiro, capítulo XVIII), sobre os pequenos combates (livro terceiro, capítulo XXXVII).... É necessário aguardar a Montecucculi, mais de um século e meio depois, para reencontrar desenvolvimentos tão estruturados sobre um tal conjunto de assuntos. No entanto, os *Discorsi* (discursos) não perduraram para as gerações futuras da mesma forma que a *Arte da Guerra*, talvez em razão do seu título, pouco sugestivo, sem dúvida, também, porque eles são prolixos e densos: considerações políticas e considerações militares se alternam sem muita ordem. Um ensaio mais conciso teria conhecido a sorte do *Príncipe* e, assim, acelerar a emergência de um pensamento estratégico constituído.

## 88 – Pensadores ingleses e franceses

Ao contrário, o pensamento inglês testemunha a regressão para final da Guerra dos Cem Anos e para isolamento que se segue com o continente. Logicamente, a arte da guerra não mais evolui e os ingleses se fixam no que fez a sua grandeza passada: “*A teoria militar inglesa do século XVI será dominada, oficialmente, pelo dogma do arco, considerada como a arma providencial da nação. Muitos autores se refugiaram na segurança do passado e vangloriam-se*

118. BAYLEY, CC. *War and society in renaissance Florence: the militia of Leonardo Bruni*. Toronto: Toronto University, 1961.

119. O de *Re Militari* de Diego de Salazar, sempre foi apresentado como um plágio vulgar do livro de Maquiavel. Seu editor recente mostrou que as coisas eram menos simples e que o saque não impedia Salazar de propor uma filosofia da guerra original, oposta a de Maquiavel. (SALAZAR, Diego de. *Tratado de re militari*. Ed. Eva Botella Ordinas. Madrid: Ministério de Defensa, 2000.)

120. GILBERT, op. cit. p.3031. Em sentido inverso, Brantôme qualificava Maquiavel de “*o instrutor nocivo no ar*”. Frédéric Verrier chama a atenção que ele louva Guillaume du Bellay, Senhor de Langcy, que plagia Maquiavel. Mas, “*Langey era nobre, francês e homem da guerra*”.

*“das famosas vitórias de nossos Eduardos e de nossos Henriques”*<sup>121</sup>. É, notadamente, o caso do escritor mais importante do período, John Smythe (*Certain Discourses military*, 1590), e igualmente de Roger Ascham (*Toxophilus*, 1545, 1571, 1589) e de Matthew Sutcliffe (*The Practice, Proceedings and Laws of Arms*, 1593), para somente citar alguns exemplos de uma literatura abundante<sup>122</sup>. Os que defendem a arma de fogo, como Roger Willam (*A Briefe Discourse of Warre*, 1590), Humphrey Barwick (*A Briefe Discourse, concerning the Force and Effect of all manual Weapons of Fire*, 1594) ou Thomas Smith (*The Art of Gunnery*, 1600), são minoritários, assim como são raros os comentadores dos progressos táticos no continente (William Garrard, *The Art of Warre*, 1591 e Robert Barret, *The Theorike and Practike of Modern Warres*, 1598). Essa estagnação do pensamento militar explica amplamente a grande mediocridade dos exércitos dos dois lados que caracteriza a guerra civil do século seguinte.

A França não tem esse problema: as guerras da Itália oferecem um vasto campo de experiência e de meditação que inspira o *Rosier des guerres* (1502), escrito por encomenda do Rei Luis XI, por seu médico e astrólogo Pierre Choisnet, para a instrução do Delfim e que teria sido utilizado por Maquiavel; *L’Arbre des batailles* (em torno de 1510) de Claude de Seyssel, Bispo de Marselha. *Les Ruses et cauetelles de guerre* (1514) de Rémy Rousseau, compilação de estratégias antigos e modernos; e, sobretudo, o *Instruction sur le fait de guerre* com numerosas edições de 1548 a 1592, traduzido em italiano (1550), espanhol (1567), inglês (1589), alemão (1594) e latim, aqui não se sabe se atribui a Raymond de Fourquevaux ou a Guillaume du Bellay, senhor de Langey, um dos melhores generais de François I (autor de *Discipline militaire*, 1592) que se atribui a Polibio, Frontin, Vegetius, Cornazzano e, sobretudo, a Maquiavel, a quem ele plagia abundantemente<sup>123</sup>; o *Discours sur la castramétation et discipline militaire des Romains* (1553; tradução em italiano 1556, espanhol 1579, holandês e latim conjuntas 1684) de Guillaume Du Choul que trata de toda a arte da guerra; a de um anônimo, *Institution de la discipline militaire au royaume de France* (1559). Ao lado dessas obras gerais<sup>124</sup>, o crescimento de poder da infantaria suscita, como na Espanha, uma literatura especializada, com um comentário anônimo da ordenança de 1534 (*Familière instruction pour les légionnaires* 1537), o manuscrito inédito de Jacques Chantareau (*Miroir des armes militaires et instruction des gens de pied*, em torno de 1545), que estava à espera, no final do século, do *Mémoire sur l’infanterie* (1595) de Jean de Gontaut-Salignac, igualmente inédito, mas cujo autor concluirá mais tarde um *Discours au Roy pour le reiglement de l’infanterie françoise* (1614)<sup>125</sup>.

- 121. GAIER, Claude. L’invincibilité anglaise et le grand arc après la guerre de cent ans: un mythe tenace. In: \_\_\_\_\_. *Armes et combats dans l’univers médiéval*. Bruxelles: De Boeck Université, 1995. p.331.
- 122. Cf. COCKLE, Maurice J. D. *A Bibliography of military books up to 1642*. Londres, 1900. (Reimpressão de The Holland Press, 1957.) e BRUCE, Anthony. *A Bibliography of british military history from the roman invasions to the restoration 1660*. Londres: Saur, 1981.
- 123. Como Maquiavel foi posto no Index em 1559, o livro de Fourquevaux passou a ser bastante lido na Itália.
- 124. François d’Espinay de Saint-luc produz um tratado semelhante, que permanecerá inédito. Aguarda-se uma edição moderna.
- 125. Esses autores são citados em MICHAUD, Hélène. Les Institutions militaires des guerres d’Italie aux guerres de religion. *Revue Historique*, 523, juil./sept. 1977, que nota discretamente que “a literatura militar do século XVI é mal conhecida”. Deve-ser-ia saber mais com a publicação da memória de habilitação de Frédérique Verrier, *Fortunes et infortunes machiavéliennes dans la littérature militaire du XVI<sup>e</sup> siècle*.

As guerras da Itália encerradas, as guerras religiosas assumem a posição delas, o Marechal de Saulx-Tavannes deixa as *Memóries* (escritas de fato por seu filho), das quais seu sobrinho Charles de Neufchaises faz um resumo (*Instruction et devoirs d'un vray chef de guerre*, 1574) antes da edição integral que se interporá no século seguinte, com um sucesso duradouro. Um chefe do partido protestante, François de la Noue elabora *Discours politiques et militaires* (1587, com várias reedições; traduções para o inglês em 1587, alemão 1592, adaptação holandesa 1613), defende uma sólida formação teórica e prática dos chefes e das tropas. A resposta é dada no campo católico, por *Nouvelle milice françoise* (1590) de Picaïne. Igualmente bastante lidos, os *Commentaires* de Blaise de Monluc (1592; tradução para o italiano e o inglês em 1674)<sup>126</sup> insistem, também, quanto à organização e à disciplina e manifestam reflexões sobre a condução de uma campanha.

## 89 – Pensadores alemães

A Alemanha produz, também, uma reflexão militar abundante, favorecida pela proliferação dos principados, em situação de conflito freqüente, quase permanente, entre eles ou com o Imperador. Philippe, Duque de Clèves, Flamand ao serviço dos Habsbourg, produz entre 1508 e 1516 suas *Instructions sur toutes manières de guerroyer tant par mer que par terre*: ele tenta livrar-se da influência de Vegetius para integrar as transformações introduzidas pela arma de fogo. Sucedem-lhe compilações, das quais as mais conhecidas são as de Reinhard, Conde de Solm, que redige um compêndio de oito livros sem título entre 1544 e 1549, e L. Fronsberger, cujos “cinco livros” (*Fünff Bücher von Kriegsregiment und Ordnung*, 1544-1556) tiveram um imenso sucesso. O margrave (chefe de um principado alemão) Albrecht de Brandebourg é um dos primeiros a demandar uma ordem oblíqua, que ele detalha em inúmeras gravuras em sua obra *Kriegsordnung* (1555).

O autor mais importante é Lazarus von Schwendi, Comandante-em-Chefe do exército imperial, que se inspira em Maquiavel ao escrever suas obras, em especial o *Kriegsdiskurs* (entre 1571 e 1577), defende um exército permanente, organizado e livre dos importunos mercenários. O Conde João VII de Nassau, primo de Mauricio de Orange, e seu cunhado, o “landgrave” (título de alguns príncipes da Alemanha) Mauricio de Hesse, redigem, ao final do século, uma defesa a favor de uma milícia, que anuncia as grandes reformas que serão realizadas nas décadas seguintes pela casa Orange-Nassau<sup>127</sup>. A Guerra dos Trinta Anos irá ver a entrada em ação de instrumentos e táticas concebidos durante esse longo período de fermentação intelectual que produziu muitos benefícios. É preciso assinalar o aporte dos suíços, os principais criadores da tática moderna.

## 90 – O balanço do século XVI

Essa produção do século XVI, muito maior do que se acredita, foi apenas, a não ser algumas exceções, sucintamente examinada. Um estudo sistemático revelaria, provavelmente, ensinamentos mais vastos e mais interessantes do que se supõe. As obras da segunda metade

126. Cf. a antologia apresentada por NACHIN, Lucien. *Blaise de Monluc*. Paris: Berger-Levrault, Les Classiques de l'art militaire, 1949.

127. Todos esses autores (e outros mais) são quase desconhecidos. CARRIAS, Eugéne. *La Pensée militaire allemande*. Paris: Universitaires de France, 1948, não cita qualquer um deles. Eles são desenterrados por Jean-Jacques Langendorf, *Les Fondements de la pensée militaire prussienne*, a ser editado.

do século, pelo menos, adotam, freqüentemente, uma perspectiva bem ampla: Mendoza, Rocca, Ruscelli, Sutcliffe tratam, simultaneamente, da guerra em terra e da guerra no mar. Muitos autores se manifestam sobre a estratégia, com reflexões sobre o comando, a organização do exército, o conhecimento acerca do inimigo, a exploração do sucesso: Monluc, assim como Rocca, sublinham que a vitória na batalha não é o suficiente, que é a vitória na guerra a que deve ser obtida; eles se apóiam, os dois, no exemplo de Aníbal depois de sua vitória em Cannes. Na Espanha, fala-se de *Milicia*, “*a arte de fazer a guerra ofensiva e defensiva e nisso formar os soldados*”, segundo a definição que será dada a ela pelo dicionário da Academia espanhola em 1803. Por outra parte, a obra limita-se aos estratagemas, mas começa-se, também, a falar da arte militar<sup>128</sup>.

Os aspectos não militares, tanto políticos como econômicos, são igualmente evocados. É a época onde o mercantilismo apresenta o problema das relações entre a guerra e a economia, insistindo na importância do comércio exterior e nos enfrentamentos que daí emanam. A guerra é um meio de fazer voltar o dinheiro para as caixas do Estado, o grande economista e filósofo Jean Bodin não hesita em recomendá-la e a descrever, em a *République* (1576), o exército que seria conveniente para a França. O famoso homem do mar Walter Raleigh (mas adiante ver neste livro no item nº 298) dedica um longo desenvolvimento em favor da causa mercantilista<sup>129</sup>. Mendoza profere a frase que promete ter uma posteridade brilhante: “*A vitória irá para aquele que vier a possuir o último escudo*”<sup>130</sup> (peça antiga de moeda).

Não falta muito para que se esteja na presença de um pensamento estratégico verdadeiramente constituído. Contudo, ele não irá desabrochar no século seguinte. Sem chegar a falar-se de regressão, uma vez que isto não nos é permitido pelo estado muito embrionário da pesquisa (o século XVII não é bem conhecido, talvez até menos conhecido, do que o XVI), deve-se ao menos constatar que uma abordagem mais técnica, a rigor tática, parece dominar o século XVII.

## **Subseção II – O século XVII**

### **91 – Um século a ser descoberto**

A produção do século XVII é quase exclusivamente tática; o problema central, além do da fortificação, é o da disciplina, dos automatismos necessários em função das novas ordens de combate. As inovações de Mauricio de Nassau (aumento do poder de fogo pela generalização dos mosquetes, dos fogos de salva e o adelgaçamento das linhas, a melhora da artilharia, o aumento da mobilidade...)<sup>131</sup> suscitam uma abundante literatura. Esta é ainda menos conhecida que as do século XVI: não tem o brilhantismo do humanismo da Renascença e padece na comparação com os inúmeros escritos (e com freqüência de um nível superior) do século XVIII. Por outro lado, o século XVII é particularmente belicoso, com a Guerra dos Oitenta Anos (ocorrida no Flandres, pela independência da Holanda), depois a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), ao final as guerras “luis-quartozianas” e a última ofensiva turca (cerco de Viena, 1683): a consequência lógica, freqüentemente observada, é que a prática eclipsa a teoria. Mas esta

128. CONTAMINE, op. cit. p.364.

129. Cf. SILBERNER, Edmond. *La Guerre dans la pensée économique du XVIIC au XVIIIe siècle*. Paris: Sirey, 1939.

130. MENDONZA, Bernardino de. *Teórica y práctica de la guerra*. Madrid: Ministerio de Defensa, 1998. p.52.

131. Cf POUSSOU, Jean-Pierre. *Les îles britanniques, les provinces unies, la guerre et la paix au XVIIc siècle*. Paris: Économica, 1991. p.190-191.

existe, mais abundante, mais sólida do que se possa crer. Antonio Espino López estima que o século XVII “produz obras notáveis que não têm qualquer demérito em relação aos clássicos do fim do século XVI”<sup>132</sup>. Essa conclusão não está, talvez, limitada ao caso espanhol.

## 92 – A ascensão da Europa do Norte

Não será surpresa que “o modelo holandês” ocasione um equilíbrio da literatura militar em proveito dos países da Europa do Norte, eclipsados no século anterior pela escola hispano-italiana. É naturalmente a Holanda que dá o tom: Juste Lipse, uma das grandes personalidades do humanismo, advoga por “uma abordagem mais “científica” da arte da guerra e da organização militar sob a tutela dos antigos”<sup>133</sup>, em *Política* (1589, várias reedições; tradução para o espanhol por Bernardino de Mendoza 1598, para o francês 1606, italiano 1618, alemão e polonês), *De Militia romana. Commentarium ad Polybium* (1595, 1598, 1601...) e *Poliorceticón* (1596, 1599, 1605, 1625); os *Maniements d'armes* de Jacob de Gheyn são publicados, quase simultaneamente, em inglês (1607) dinamarquês (1607), francês (1608), alemão (1608), holandês (1607) e beneficiam-se de uma edição em quatro línguas (1619); Simon Stevin escreve *Castramétation* (1617; edição francesa 1618), Johan Jacobi um *Art de la guerre* (1617). Johan Jakob von Wallhausen, primeiro diretor da Academia Militar de Siegen, criada por João de Nassau, deixa uma obra imensa sobre o emprego das diferentes armas, como o *Kriegskunst Zu Fuss* (1615; traduções para o espanhol em 1615, para o francês 1615, para o holandês 1617, para o russo 1647), o *Kriegsknust Zu Pferdt* (1616; tradução para o francês 1616) e o *Corpus militare* (1617). É, certamente, o autor mais lido do período.

Na Inglaterra, nos anos precedendo à guerra civil, vários tratados sobre disciplina militar preparam o caminho para o *New Model Army* de Cromwell, que se inspira nas reformas estrangeiras: Henri Hexham (*The Principles of the Art Militarie*, 1637, 1642) apresenta o Exército holandês; Robert Ward (*Anima's Adversions of Warre*, 1639), a disciplina neerlandesa e sueca; *Military Discipline* de William Barriffe teve seis edições de 1635 a 1661. Mas o conservadorismo permanece forte, testemunha-se a persistência dos defensores do arco, como a obra de Gervase Markham (*the Art of Archerie*, 1634). É preciso, sem dúvida, pô-la relacionada com a rejeição da inovação continental que é o exército permanente, que impregnará de forma duradoura a mentalidade britânica<sup>134</sup>.

A Dinamarca, que é, então, um país importante no cenário, é igualmente ativo: seria necessário estudar as compilações de estratégias de Henrik Ranzovius (*Commentarius bellicus*, 1595) e de Elias Winstrup (*Manipulus stratagematum*, 1632) ou o tratado de Fromhold von Elerdt (*Ein newes Kriges-Tractälein*, 1644, com várias reedições; versão alemã 1646). Em contrapartida, a Alemanha, devastada pela Guerra dos Trinta Anos, não aparenta ter muito a publicar. O polígrafo Elias Reusner compila, ele também, uma coleção de estratégias (*Stratagematographia sive Thesaurus bellicus*, 1609, 1661). O *Kriegsbuch* (1607, 1689) do engenheiro alemão da região de Hessen, Wilhelm Dilich, faz a síntese dos antigos e das inovações holandesas. O Conde Miklós Zrínyi cria um pensamento estratégico húngaro *Tábori kis tracta* (pequeno tratado de campo, em torno de 1640) e Vitéz Hadnagy (o bravo capitão, 1650-1653), bastante inspirado em Maquiavel. A Polônia pouco aparece,

132. ESPINO LÓPEZ, Antonio. *Guerra y cultura em la época moderna*. p77.

133. COLSON, op. cit. p.50. Exatamente Lipse foi o professor de Mauricio de Nassau; Gustavo Adolfo da Suécia e Turenne leram seus livros.

134. Infelizmente, não há, para esse período, o equivalente à obra de WELB, Henry J. *Elizabethan military science: the books and the practice*. Madison: Wisconsin Press, 1965.

exceto na parte de artilharia com os tratados de Kazimierz Siemenowicz, *Artis magnae artilleriae* (1650), cuja influência será considerável (tradução francesa 1651, alemã 1676, inglesa 1729) e com vários continuadores<sup>135</sup>.

## 93 – Um declínio da Europa do Sul?

As inovações originadas na Europa do Norte não implicam em uma decadência da reflexão nos países da Europa meridional. Certamente, a Espanha começa um processo de declínio, mas isso foi amplamente exagerado por uma historiografia anglo-saxã, que começa a reconciliar-se com uma visão mais equilibrada<sup>136</sup>. Somente na metade do século é que a invencibilidade do *tercio* chegará ao fim, no campo de batalha de Rocroi (1643). O pensamento militar permanece abundante mesmo assim. Como é freqüente, ela não é conhecida. A bibliografia preparada por Francisco Barado e a síntese recente de Antonio Espino López recensiam dezenas de títulos que cobrem todo o campo da arte da guerra. A tática é tratada por Fernando Alvia de Castro (*Aforismos y ejemplos militares*, 1604). Cristóbal de Rojas (*Cinco discursos militares*, 1607); Luis Méndez de Vasconcellos (*Arte militar*, 1612); Alfonso Cano Urreta (*Días del jardín o arte de la guerra*, 1619); Miguel Pérez de Ejea (*Preceptos militares*, 1632)... Mas são encontrados, ainda, autores de concepções mais amplas que tratam da organização do exército e da disciplina, alguns ascendendo à estratégia. Esse é o caso de Francisco Melo (*Política militar y avisos de generales*, 1638; tradução portuguesa 1720), de Francisco Lanario de Aragón (*Tratado del Príncipe i de la guerra*, 1624; reedição *El Príncipe en la guerra y en la paz*, 1640), de Bernandino Rebolledo (*Silva militar y política*, 1652). Escrevendo na mesma época de Rocroi, Carlos Bonieres analisa, com lucidez, o declínio militar da Espanha (*Arte militar*, 1644). Depois do desastre, o Marques de Aytona se lança a uma crítica bastante dura acerca das instituições militares, incriminando a fraqueza da nobreza, (*Discurso militar*, 1647). Seria indispensável citar a muitos outros, até ao final do século, e aí incluir alguns livros escritos em catalão, assim como inúmeras obras especializadas dedicadas à artilharia (notadamente o *Tratado de la Artilleria* de Diego Ufano, 1613; traduzido para o alemão em 1614, francês em 1614, polonês em 1643), à cavalaria, à infantaria e à fortificação. É a isso que se chamou, mais tarde, de a decadência espanhola do século XVII, que não é um fenômeno linear de diminuição de entusiasmo: a Espanha perde a sua posição de preeminência em razão das fraquezas estruturais e do crescimento das potências concorrentes, mas ela continua a esforçar-se por meio de uma tentativa militar impressionante. Portugal produz algumas obras (escritas em português e em espanhol), das quais a mais importante é a de Luis Mendes de Vasconcelos, Capitão geral dos Exércitos do Oriente e Governador de Angola, *Arte militar* (1612). Pode-se, também, citar *Perfeito soldado e política militar* (1659) de João de Medeiros Correia.

A produção italiana é menos numerosa do que no século precedente, o que parece lógico, uma vez que a Itália não é mais o teatro das guerras europeias e a nobreza italiana se desvia da carreira das armas<sup>137</sup>. Mas essa impressão, por outro lado, resulta também, sem dúvida, da carência de pesquisas. O maior autor do início do século é Giorgio Basta, de origem albanesa (*Il maestro di campo generale*, 1606; tradução para o francês em 1617, alemão, 1617).

135. Cf. NOVAK, Tadeusz Marian. Polish warfare technique in the 17th century: theoretical conceptions and their practical applications. In: *Military technique, policy and strategy*. Varsovie: Ministry of National Defense Publishing House, 1976.

136. Cf. ELLIOT, J. H. *Richelieu et Olivares*. Paris: Universitaires de France, 1991.

137. Cf. HANLON, Gregory. *The Twilight of a military tradition: italian aristocrats and european conflicts: 1560-1800*. Londres: UCL Press-Taylor and Francis, 1997.

*Del governo dell'artiglieria*, 1610. *Il governo della cavalleria leggiera*, 1612; tradução para o alemão em 1614, francês em 1616, espanhol em 1624). Depois dele, apenas são assinaladas obras técnicas sobre a cavalaria, a artilharia e, sobretudo, sobre a fortificação. Um único autor se coloca em posição mais elevada na tática geral e na estratégia: Galazzo Gualdo Prioratto (*Il Guerriero prudente e politico*, 1640; tradução para o francês 1642). Porém, existem talvez outros a serem descobertos.

## 94 – O pensamento militar francês

Na França, Louis de Montgomery, senhor de Corbuson, analisa as reformas de Maurício de Nassau (*Les Évolutions et les exercices qui se font en la milice de Hollande*, 1603, 1610, 1615, 1636), Jérémie de Billon, ele também discípulo de Maurício de Nassau, arrola as diferentes ordens de combate em *Les Principes de l'art militaire* (1612, 1622, 1636, 1641; tradução para o alemão em 1613), sem jamais atingir o nível superior. Os “Discursos Militares” do Senhor de Praissac (1618, 1623, 1625; traduções para o holandês em 1623, inglês em 1639) são bastante lidos, pois têm uma visão mais abrangente.

O Duque de Rohan, um dos chefes do partido protestante, publica em 1636, *Le Parfait capitaine*, cujo modelo é César, e nele se encontra um esboço dos princípios da guerra; a sua experiência na área diplomática dá-lhe uma visão global que lhe permite ir além da tática para esboçar uma reflexão estratégica, pelo menos no capítulo dedicado à batalha. A receptividade é enorme (nove edições no século XVII, e mais duas em 1744 e 1745; traduções para o inglês em 1640, espanhol em 1652, alemão em 1673, adaptada para o italiano por Majolino Bisaccioni, 1660). Rohan é seguido pela obra *Le Marechal de bataille* (1647) do senhor de Lostelnau que trata tanto do emprego das armas e das evoluções, assim como das funções dos generais dos exércitos. *O Livre de guerre* (1663) do senhor de Aurignac, que descreve “as cinco principais ações militares, que são acampar, marchar e combater, atacar e defender as fortalezas”, permaneceria como manuscrito (o que não significa que não tenha propagado-se). Em contrapartida, *Pratique et maximes de la guerre* (1667; traduções para o espanhol em 1676, para o alemão em 1676) do cavaleiro de La Vallière tem uma grande difusão. *Politique militaire* (1668, 1757) de Paul Hay du Chastelet alcança um nível superior, fazendo notar, por exemplo, que “é uma máxima inviolável a necessidade de antes estabelecer uma ponte de ouro em relação ao seu inimigo do que impedi-lo de fazer a retirada”<sup>138</sup>, mas ele quase não chegará às gerações futuras.

## 95 – A idade de ouro dos engenheiros

Seria preciso, ainda, acrescentar os livros dos engenheiros; eles não tratam diretamente de estratégia, mas influenciam-na de modo decisivo, uma vez que os cercos tornam-se a parte central da seqüência das operações. Os mais conhecidos são, pela França, Jean Errard de Bar-le-Duc (*La Fortification réduite en art et démonstrée*, 1594, seis edições; tradução para o alemão 1604), Antoine de Ville (*Traité de fortification*, 1628, pelo menos com onze edições até o final do século; traduções para o latim 1637, para o alemão em 1758. *De la charge des gouverneurs des places*, 1640, ainda em uso até o meio do século XIX), o Conde de Pagan (*Les Fortifications*, 1645, sete edições; traduções para o alemão em 1725, holandês em 1738), Manesson-Mallet (*Les Travaux de Mars*, 1671, 1684; traduções para o alemão 1672, para o holandês 1695),

---

138. CHATELET, Paul Hay du. *Politique militaire ou traité de la guerre*. Paris: Chez Antoine Jombert, 1757. p.187. No século XVIII, ele é contestado quanto à paternidade do seu livro devido a uma confusão com o seu pai.

Vauban (cujas obras serão editadas tardiamente<sup>139</sup>: *Traité de l'attaque et de la défense des places*, 1737).

A glória, merecida, de Vauban ofusca seus concorrentes estrangeiros, em primeiro lugar entre eles deve-se citar os holandeses Adam Freitag (*Architectura militaris nova et aucta*, 1642; tradução para o francês em 1698) e, sobretudo, Menno Van Coehoorn (*Nieuwe Vestingbouw*, 1685, oito edições; traduções para o francês em 1706, para o alemão em 1709). Mas há também o espanhol Sebastián Fernández de Medrano (*El Ingeniero*, 1687; tradução francesa em 1696. *El arquitecto perfecto en el Arte militar*, 1700, 1708, 1735) e os italianos Guarino Guarini (*Trattato de fortificattione*, 1676), Girolamo Portigiani (*Prospettiva di fortificattioni*, 1684).

## 96 – Montecucculi, o primeiro estrategista

A segunda metade do século é dominada pelo italiano Montecucculi<sup>140</sup>, generalíssimo dos exércitos do Imperador, o adversário de Turenne<sup>141</sup>. Seus ensaios sobre a condução dos exércitos reabilitam verdadeiramente a estratégia, com uma classificação das guerras (civil ou estrangeira, ofensiva ou defensiva, marítima ou terrestre), uma comparação da guerra com o jogo de xadrez, ou as considerações sobre o preparo das forças e a condução das operações, por certo ainda sucintas, mas que se elevam, claramente, acima das preocupações dos seus contemporâneos. “A sua riqueza se deve também ao fato de que Montecucculi conheceu os dois tipos de guerra que eram praticados na Europa do século XVII: a guerra ao modo ocidental, onde um certo número de regras se estabelece que intenta limitar a violência, e a guerra à moda oriental que ignora essa evolução”<sup>142</sup>. Raimundo Luraghi, que edita suas obras completas, aproxima-o a Sun Tzu<sup>143</sup>.

Seus escritos somente serão amplamente difundidos depois de sua morte: se o seu *Arte Militar* apareceu em italiano desde 1653, em espanhol em 1693 (sete edições até 1812), suas outras obras apenas são publicadas no século XVIII (depois de ter circulado sob a forma de manuscritos). As suas *Mémoires* aparecem em francês (nove edições de 1712 a 1760 e uma com um volumoso comentário de Turpin de Crissé 1769), e em alemão (1736). O seu livro mais célebre, *Della Guerra col Turco in Ungheria*, igualmente conhecido sob o título de *Aforismi dell'arte bellica*, conhece um grande sucesso, com sete edições italianas, seis francesas, duas em latim, duas espanholas, duas alemãs e uma russa. Pela extensão com que foi lido e do seu público, Montecucculi merece ser qualificado como o fundador da ciência estratégica moderna.

## 97 – A estagnação da reflexão ao final do século XVII

Mas seu exemplo fica isolado. As guerras de Luis XIV não suscitam qualquer análise imediata, talvez porque seja imprudente lançar-se a crítica no tempo do grande rei: no apogeu do reinado, apenas nota-se o *Art de la guerre* (1673, 1677, 1689, 1692; traduções para o inglês

139. As cópias manuscritas dos seus escritos circulam bem cedo, antes mesmo de sua morte em 1707.

140. THIRIET, Jean-Michel. La redécouverte d'un homme de guerre et de lettres: Montecucculi. *Stratégique*, 60, 1995-4.

141. Esse deixou as *Mémoires*, que se detém a 1660. Muito lidos no século XVIII, não têm a mesma riqueza teórica dos livros de Montecucculi.

142. COLSON, op. cit. p 103.

143. LURAGI, Raimundo. *Sun Tzu (Zj) e il pensiero militare occidentale*. SUNZI. *L'arte della guerra*. Rome: Stato Maggiore Esercito – Ufficio Storico, 1990. p.11 e 17.

em 1684, italiano em 1684, espanhol em 1707) de Luis de Gaia, a *Conduite de Mars* (1685) de Courtiz de Sandras; o comissário da artilharia, Vaultier, lança, desde o final da Sucessão da Espanha, *Observations sur l'art de faire la guerre suivant les maximes des plus grands généraux* (1714, 1744, 1748, 1768, tradução para o espanhol 1772), mas só em 1740 é que o Marquês de Quincy publicará *L'Art de la guerre ou maximes et instructions sur l'art militaire* (traduções para o alemão em 1745, italiano 1745, espanhol 1772), síntese da tática “Luís-quatorziana”, sobre a qual Carrion-Nissas, no século seguinte, dirá que ele “nunca se eleva acima da esfera de um marinheiro não-especializado ou de um sargento”<sup>144</sup>.

O resto da Europa quase não se sobressai. Na Inglaterra, o Conde de Orrery Boyle (*A Treatise of the Art of War*, 1677), anuncia as mudanças “luís-quatorzianas”; James Turner conduz uma comparação entre os antigos e os modernos (*Pallas Armata. Military Essays on the Ancient Graecian, Roman and Modern Art of War*, 1683). Igualmente, a Itália só produz uns poucos autores notáveis, entre os quais se pode citar Aunibale Porroni (*Trattato universale militar moderno*, 1670). Em compensação, a produção espanhola se mantém, tanto na tática, com Francisco Murago (*Prácticas y máximas de la guerra*, 1676), Francisco Danila (*Excelencia del arte militar*, 1683), o Marquês de Gastañana (*Tratado y reglas militares*, 1689), e o anônimo da *Escuela de Palas* (1693)... quanto na estratégia, com Juan Baños de Velasco (*Política militar de príncipes*, 1680), porém ela fica confinada no interior de suas fronteiras. Portugal produz pelo menos uma obra notável, *O Tratado da cavalaria ligeira* de Antonio Galvão de Andrade (*Arte de cavalaria de Gineta e Estardiota*, 1678). Ao início do século XVIII, Puységur tristemente constata que:

*Hoje, essa teoria (da condução dos exércitos) caiu no esquecimento, ela não é conhecida e não há nenhum mestre que ensine nada sobre este gênero, exceto sobre as fortificações... Não existe qualquer teoria, regra, princípio estabelecido, nem mesmo nada escrito; não se ensina nada disso, faz o que se viu fazer sem que se conheça mais do que isso*<sup>145</sup>.

### Subseção III – O século XVIII

#### 98 – O debate tático na França: da coluna à ordem oblíqua

O pensamento militar nasce, verdadeiramente, no século XVIII. Seu desenvolvimento, como foi dito antes no item 21, é devido à complexidade crescente da arte da guerra, à consolidação dos Estados, a um longo período de paz interrompido por guerras curtas, assim como a fatores de ordem mais intelectual: o desenvolvimento da edição, o aparecimento de um conjunto de leitores militares, e o interesse do público civil pelas questões militares<sup>146</sup>. O debate é, inicialmente, sobre tática: pesquisa-se para dar soluções novas com o fim de superar o bloqueio engendrado pelo dispositivo em linha, que se impôs com a generalização do fuzil.

Contra a linha, o cavaleiro de Folard<sup>147</sup> é o propagandista mais talentoso da coluna,

144. CARRION-NISSAS. *Essai sur l'histoire générale de l'art militaire*, 2. p.252.

145. PUYSÉGUR, op. cit. p.13 e 37.

146. A *Encyclopédie* consagra à arte militar várias centenas de artigos. A maioria foi escrita por Guillaume Leblond, professor de matemática para crianças na França e autor de diversas obras sobre a fortificação, os cercos e a tática. Cf. CHAUVIRÉ, Frédéric. Guillaume Leblond: encyclopédiste de la guerre. *Enquêtes et Documents*, 25, 1998.

147. CHAGNIOT, Jean. *La Stratégie de l'incertitude: le Chevalier de Folard*. s.l.: Éditions du Rocher, 1997.

julgada como capaz de conseguir resultados decisivos, em sua *Nouvelles Découvertes sur l'art de la guerre* (1724), seguida por *Histoire de Polybe*, cujos seis tomos são publicados de 1727 a 1730 (reedições em 1753 e 1774, e resumos em 1754 e 1761). Durante vários decênios, sua obra estará no centro do debate militar. Folard está relacionado ao Marechal de Saxe, ele é lido e comentado por todos. Os “Folarites” e os adversários se enfrentam por toda a Europa. O alemão Quintus Icilius (Theophile Guischart) assinala “os erros do cavaleiro de Folard” em sua obra *Mémoires militaires sur les grecs et les romains* (1758) que são refutados pelos “folarites” italianos (Duque de Sant’Arpino, *Della milizia greca e Romana*, 1763; conde de Brézé, *Observations sur les Commentaires de Folard et sur la Cavalerie*, 1772) e pelo cavaleiro flandrense (flamengo) Lo-Looz (*Recherches d’antiquités militaires*, 1770). Na Holanda, ele é criticado pelo General Savornin e o Coronel Terson (francês ao serviço da Holanda). Em Portugal, seu sistema é difundido por André Ribeiro Coutinho (*O Capitão de Infantaria Português*, 1751). O grande Frederico fala do “diamante encravado no meio do adubo” e publica, anonimamente, um ensaio sobre *L’Esprit du Chevalier Folard* (1740). Seu discípulo, o Barão de Mesnil-Durand<sup>148</sup> irá com seu sistema até às mais extremas consequências: seu *Projet d’un ordre français en tactique ou traité des plésions* (1777) será ridicularizado pelo Conde de Guibert, que teoriza a ordem oblíqua imaginada por Frederico II em o *Essai général de tactique* (1772), ao qual se segue *Défense du système de guerre moderne* (1779), que se orienta “na direção de uma tática mista, a qual iria esforçar-se para combinar as vantagens de cada ordem em função do terreno, das tropas e das circunstâncias”<sup>149</sup>.

Na metade do século, o Marechal de Saxe escreve *Rêveries*, que serão publicadas (1756) depois da sua morte, com uma compilação apócrifa: *Esprit des lois de la tactique* (1762). As *Rêveries* iniciam com uma frase que é citada por todos, tanto é encontrada em Jomini como em Raymond Aron: “A guerra é uma ciência coberta por trevas, no meio das quais não se avança um passo com segurança; a rotina e os prejuízos são a base disso, consequência natural da ignorância. Todas as ciências têm princípios, a guerra é a única que ainda não possui; os grandes capitães que escreveram não nos deram nenhum; faz-se necessário serem absorvidos para entendê-los”<sup>150</sup>. Jomini reprova-o, não sem razão, por não ter contribuído para dissipar essas trevas: ele nada oferece de importante sobre as grandes partes constituintes da guerra, mesmo no capítulo final sobre o general-de-exército, no qual se retém, sobretudo, na condenação das batalhas temerárias. Mas o seu discurso em defesa de um estilo de guerra indireta seduziu T.E. Lawrence, que fez dele um dos seus mestres.

O Brigadeiro Lancelot Turpin de Crissé publica um *Essai sur l’art de la guerre* (1754), que será mal recebido na França, mas terá um grande sucesso no estrangeiro: ele se livra do estilo da manobra engenhosa, que ainda é o do Marechal de Saxe, para enfatizar sobre a pesquisa da batalha. Ele produz, em seguida, os *Commentaires* sobre Montecucculi (1769), Vegetius (1770) e César (1785) que irão encontrar também uma grande aceitação. Apesar de não ser um teórico de primeiro plano<sup>151</sup>, ele desempenhou um grande papel de divulgador.

148. Mesnil-Durand nunca mais estará livre dos sarcasmos de Guibert, ao ponto de tornar-se o modelo do estrategista de gabinete. Contudo, a ele não faltava experiência e toda a sua obra não deve ser rejeitada. Há esse comentário bem justo: “Folard, celebrizado com justiça, não terminou, nem estabeleceu nada, ele preparou tudo”. *Fragmentos de tactique*, p.14. (Cf. COUTAU BÉGARIE, Hervé. *Un tacticien à la suite: le baron de Mesnil-Durand*. In: \_\_\_\_\_. *Combattre, gouverner, écrire: mélanges offerts à Jean Chagniot*. Paris: CFHM – Économica, 2003.)

149. COLSON, op. cit. p.215.

150. Marechal de Saxe, *Mes Rêveries*. Os ensinamentos do Marechal de Saxe são difundidos igualmente pelo Barão de Espagnac, que se torna seu historiador, em “Recueil d’ observations de différents auteurs”, ao início intitulado *Essai sur la science de la guerre* (1753), depois *Essai sur les grandes opérations de la guerre* (1755).

151. “Ele fala de tudo, a propósito de tudo, sem finalidade, sem plano, sem sistema que coordene as partes. O que ele diz acerca de Vegetius, ele falava igualmente sobre César ou Montecucculi: as transposições ocorreram sem consequências, não foram descobertas”. (CARRION-NISSAS, op. cit, p.255.)

Nos anos 1770-1780 o debate tático permanece intenso, tanto no domínio naval, com Amblimont e Grenier (ver mais adiante no item 299 deste livro), como no domínio terrestre, com o cavaleiro de Berny, cujas *Observations sur la tactique moderne* (1771-1773) são dedicadas ao Duque de Brunswick, Joly de Maizeroy<sup>152</sup>, que publica inúmeros comentários táticos deduzidos da Antigüidade e de Folard e Guibert. Produz-se, assim, uma transferência notável: é a França, graças especialmente a Guibert, que vai perceber da melhor maneira o espírito do sistema de Frederico<sup>153</sup>, inicialmente com base na adaptação às circunstâncias. O resultado é o *Règlement concernant l'exercice et les manoeuvres de l'infanterie* (1791), que será imitado por toda parte, na Europa e nos Estados Unidos<sup>154</sup>. Somente o entusiasmo dos voluntários do ano II explica os êxitos dos exércitos da Revolução Francesa.

## 99 – O aparecimento da dimensão estratégica na França

Este pensamento, ainda fundamentalmente tático, ascende, progressivamente, ao nível estratégico. O crescimento dos efetivos impõe o fracionamento dos exércitos, o que permite ampliar o teatro de operações. A primeira metade do século é dominada por três nomes: Folard, Feuquière e Puységur, que se situam em planos diferentes: Jomini dizia que “*Feuquière tinha o instinto da estratégia, assim como Folard possuía o da tática, e Puységur o da logística*”<sup>155</sup>.

O cavaleiro de Folard raramente é considerado como um precursor da teoria estratégica. A formidável controvérsia acerca da coluna reduz de modo abusivo a sua reputação àquela de um tático. Mas, dentro da desordem de seus comentários sobre Políbio, vê-se serem desenhadas as grandes linhas de uma concepção estratégica fundamentada na ofensiva e na busca da batalha decisiva. A coluna é apenas um meio tático ao serviço dessa finalidade. Bem antes de Guibert, ele anuncia a evolução em direção à estratégia do aniquilamento.

O Tenente-General Antoine de Pas, Marquês de Feuquière<sup>156</sup>, morto em 1711, redigiu, após deixar o serviço ativo, *Mémoires* (publicadas em 1736 depois de três edições clandestinas e plenas de falhas; reedições em 1737, 1740, 1741, 1750, 1775), nas quais ele teoriza a arte da manobra engenhosa, característica do Antigo Regime. Ele não exclui igualmente as batalhas, mas estas, “*decidindo, com freqüência, o êxito de toda a guerra, pelo menos, e quase sempre da campanha, só devem ser empreendidas por necessidade, e em função de razões importantes*”<sup>157</sup>. O seu método é o histórico: conhecido pelo seu caráter difícil, ele se dedica a uma crítica severa dos erros cometidos pelo comando durante as recentes guerras. Carrion-Nissas reprova-o por “ir buscar raramente aos grandes, aos verdadeiros princípios: ele se detém, com maior freqüência, as suas próprias opiniões, ele incide, por muito tempo, sobre fatos e detalhes particulares”<sup>158</sup>. Mas ele é um dos raros

152. *Cours de Tactique*, 1766; *Traité de tactique*, 1767; *La Tactique discutée et réduite à ses véritables lois*, 1773. O conjunto é reprisado em uma edição póstuma do *Cours de Tactique*, 1785.

153. Não sem se chocar com fortes resistências. No Exército, chamavá-se os discípulos de Guibert “*les faiseurs*” (os operários).

154. Cf. o colóquio sobre a tática no século XVIII. (COLLOQUES DE LA COMMISSION INTERNATIONALE D'HISTOIRE MILITAIRES, 13., 1991. Actas.)

155. JOMMINI, op. cit. p.5. A logística é aqui entendida como ciência do estado-maior.

156. Geralmente escrito, a torto e a direito, por engano, Feuquières.

157. MÉMOIRES de M. le Marquis de Feuquière. Londres: Chez Pierre Dunoyer, 1736. p.282.

158. CARRION-NISSAS, op. cit. p.198.

autores, senão o único, a liberar-se do problema das evoluções para aderir à condução geral das operações.

O Marechal Jacques-François de Chastenet, Marquês de Puységur, escreve durante o seu longo período como reformado, a *Art de la guerre par principes et par règles*, publicado depois de sua morte pelo filho em 1748. O seu método é o racional: ele define as ordens de batalha e de marcha, os modos de bloqueio, e aplica-os, em seguida, às campanhas de Turenne e a uma suposta guerra entre Seine e Loire, enfatizando sobre a adaptação ao terreno. Ele inspirará consideravelmente Frederico II da Prússia.

A segunda onda é a do Antigo Regime chegando ao fim. Ela compreende inúmeros autores entre os quais os mais importantes são Le Roy de Bosroger (*Principes de l'art de la guerre*, 1770), *Eléments de la guerre*, 1773), de cujo modelo subsiste Turenne, o Conde de Grimoard (*Essai théorique sur les batailles*, 1775), e Paul-Gédéon Joly de Maizeroy, Tenente-Coronel de infantaria e membro da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, que introduz no vocabulário militar o conceito de estratégia. A sua *Théorie de la guerre* (1777) pleiteia por princípios estabelecidos firmemente: “*Sem uma teoria fundamentada sobre regras fixas, nunca se fará, o mínimo progresso na ciência das armas*”<sup>159</sup>. A terceira parte é dedicada ao estratégico ou dialética das operações de guerra. Ela mostra que “*a ciência da dialética está sempre apoiada sobre um cálculo de tempo e de distância*”. Mas sua obra será sobrepujada pela de Guibert.

## 100 – Guibert

O primeiro livro de Jacques-Hippolyte de Guibert (1743-1790)<sup>160</sup>, que lhe assegura a celebridade, o *Essai général de tactique* (1772), é, ainda, um livro do Antigo Regime, o qual leva à perfeição um modelo de guerra em declínio: a arte da manobra sutil e engenhosa vai em breve ceder lugar às guerras conduzidas com efetivos volumosos. Seu último livro, *Traité de la force publique*, publicado após a sua morte, em 1790, capta os testemunhos dessa mutação em termos proféticos.

O destino dessa obra é singular. Adulado na sua época, (o grande Frederico publica *Remarques sur l'Essai...* é imitado pelo suíço Warnery; o Príncipe de Ligne concede-lhe “*o Elogio que lhe é devido por sua superioridade em relação a todos os autores*”)<sup>161</sup>. Também é criticado (o piemontês Silva, em suas *Remarques sur quelques articles de l'Essai général de Tactique* 1773, diz que “*a disposição atual, preconizada pelo autor, é... a mais complicada de todas, a menos meditada... em uma palavra, a pior que se pode ter imaginado*”), valorizado de modo intenso por Napoleão (o que não é nada), Guibert caiu, em seguida, em um esquecimento relativo. Jomini reconhecia nele o mérito de “*ter feito progressos na tática*”, mas deprecia a sua contribuição para a estratégia: “*Guibert, em um capítulo excelente sobre as marchas, não aprofundou o assunto sobre estratégia, mas ele não evolui além do que prometia tal capítulo*”<sup>162</sup>. Ao contrário, o General Poirier faz dele o fundador da ciência estratégica moderna, “*ao qual nos une uma imensa dívida*”<sup>163</sup>. Não há, necessariamente, contradição, pois tudo depende do plano em que nos situamos: Guibert se

159. MAIZEROY, Joly de. *Théorie de la guerre*. Nancy: em la Veuve Leclerc, 1777. p.xviii.

160. LAUERMA, Matti. *Jacques-Antoine-Hippolyte de Guibert*: (1743-1790). Helsinki: Annales Academiae Scientiarum Fenniae, 1989.

161. *Préjugés militaires*, por um oficial austríaco, em Kralovelhota, 1780, p. 34.

162. JOMINI, op. cit. p.6.

163. POIRIER, op. cit. p.309.

interessou pelas duas extremidades do espectro: a tática, obsessão do seu tempo, e a articulação entre a política e a guerra, que nos interessa hoje. Ele tem pouco a dizer sobre a estratégia operacional que monopoliza os autores do século XIX.

## 101 – O esplendor francês

O pensamento tático e estratégico do século XVIII, tanto militar quanto naval, é dominado pelos autores franceses. O imperialismo do intelecto francês se estende, também, à ciência da guerra. As traduções são inúmeras: os *Commentaires sur Polybe de Folard* são traduzidos para o alemão (1759 -1760), em parte para o espanhol (1777). As *Mémoires de Feuquière* são traduzidas para o inglês (1738), alemão (1735), e Holandês (1745), e provocam um vivo debate na Suécia<sup>164</sup>. As *Réveries do Marechal de Saxe* são traduzidas para o inglês (em Londres, 1757 e em Edimburgo, 1759, 1776), alemão (1757, 1767) parcialmente para polonês (1759) e espanhol (S.d.). O *Art de la guerre* de Puységur é valorizado por edições em alemão (1753), italiano (1755) e dinamarquês (1810 – 1811); o *Essai* de Turpin de Crissé é lido em toda a Europa, com traduções para o alemão (1756 – 1757, 1785), russo (1758 - 1759), inglês (1761), espanhol (1776) e polonês (1783); o *Cours de tactique* de Joly de Maizeroy é traduzido para o alemão (1771 - 1772), inglês (1781) e espanhol (S.d.); os *Principes de le Roy de Bosroger* em inglês (1771); O *Essai* de Guibert traduzido para o alemão (1774), inglês (1781) e até mesmo em persa! A sua *Défense du système de guerre moderne* é traduzida para o espanhol (1786)<sup>165</sup>. Vauban é traduzido para o turco (1791)! Mas, o mais freqüente, é que elas não são necessárias: leêm-se os autores franceses no original. E inúmeros autores estrangeiros escrevem diretamente em francês.

## 102 – Os escritores alemães e austríacos

O melhor analista do sistema de “Frederico” é o próprio Frederico II. Sua obra, totalmente escrita em francês, é farta: depois dos *Principes généraux de la guerre* (1746), a *Instruction pour mes généraux* (1747), vêm o *Testament militaire* (1768) e os *Eléments de castramétrie et de tactique* (1771). Entre as obras da juventude e as da maturidade, “ele conserva sempre as mesmas idéias sobre a organização de um exército e a tática, mas, em matéria de estratégia e de prática da guerra, ele evolui de uma agressividade violenta, manifestada em 1740, a uma filosofia de relativa passividade”<sup>166</sup>. Sua aceitação é, evidentemente, imensa: a *Instruction pour mes généraux*, que estava destinada a ficar em sigilo no grau de secreto (cinquenta generais tinham-no recebido, em 1753, traduzida para o alemão, com a proibição de levar consigo em campanha) é publicada, depois de sua descoberta pelos austríacos, em francês (1761, feita uma nova tradução pelo capitão saxão Faesch, e em seguida pelo Príncipe de Ligne), em alemão (1761), em inglês, espanhol e sueco (1762), em russo (1801), em português (1803).

O outro grande autor alemão, praticamente desconhecido, é o Conde Wilhelm de Schaumbourg-Lippe, um personagem curioso que deixou seu pequeno principado para colocar-se ao serviço do rei de Portugal, que o nomeia Marechal. Ele redige, em francês

164. ZEEK, Erik. L'influence française sur les méthodes de guerre en Suède du XVIe et au XVIIIe siècles. *Revue Internationale d'Histoire Militaire*, 5, 1941-1945.

165. A maior parte das traduções espanholas é feita pelas academias militares que reservam seus trabalhos para seus alunos ou seus membros, e recusam-se a publicá-las.

166. PALMER, R. Frédéric le Grand, Guibert, Bülow: de la guerre dynastique à la guerre nationale. In: EARLE, op. cit. t.1. p71.

com maior freqüência, memórias em profusão, algumas com finalidade bastante prática (sobre a disciplina, a tática; ele propõe um dispositivo em cruz com quatro quadrados para ultrapassar a controvérsia entre a coluna e a linha...), outras para a “*meditação militar*”, muitas vezes sob a forma de aforismos, tão bem elaboradas quanto pertinentes. Ele foi o mestre de Scharnhorst. De um ponto de vista estratégico, faz-se necessário, sobretudo, reabilitar sua teorização da defensiva e o lugar que ele concede ao fator psicológico. Certas passagens prefiguram Clausewitz<sup>167</sup>.

Ainda menos conhecido é o Coronel de Wurtemberg, François Nockern de Schorn, que toma como empreitada resumir os ensinamentos de Frederico da Prússia em “*Idées raisonnées sur le système général et suivi de toutes les connaissances militaires et sur une méthode lumineuse pour étudier la science de la guerre*”<sup>168</sup>, publicado em francês (em Nuremberg) em 1783 e traduzido para o alemão em 1785 e italiano em 1825 ; ele é o primeiro, depois de Joly de Maizeroy, a teorizar a estratégia, ao qual ele dedica um capítulo.

Abaixo deles, a produção alemã é abundante. Seria necessário empreender um levantamento sistemático<sup>169</sup>. Jomini assinala “*entre a Guerra dos Sete Anos e a da Revolução, um grande número de escritos, mais ou menos extensos, sobre diferentes ramos secundários da arte, que puseram em evidência fraco vislumbre*”<sup>170</sup>: Os saxões Thielke (sobre a castramentação) e Faesch (sobre as partes acessórias das operações de guerra), o prussiano Holzendorf (sobre as manobras), o hanoviano Scharnhorst, que falará sobre ele. A eles deve-se, ainda, juntar o Wurtemburguês Friedrich von Nicolai (sobre a tática) e outros que Jean-Jacques Langendorf nos fará em breve descobrir. Friedrich-Wilhelm von Zanthier pleiteia por um ensino científico da arte da guerra (*Versuch über die Kunst den Krieg zu studieren*, 1775. *Versuch über die Märsche der Armeen, die Läger, Schlachten und den Operations Plan*, 1778). O pior se alterna com o melhor. Os sucessores do Grande Rei transformarão suas idéias em dispositivo rígido, entre os quais o campeão é o General von Saldern, inspetor Geral da infantaria, que expõe, anonimamente, o seu sistema em *Taktische Grundsätze und Anweisung zu militärischen Evolutionen* (1781; traduções francesa em 1783, inglesa em 1787). O espírito que domina a sua exposição está bem representado neste expressivo pensamento: “*É verdade que está prescrita a maneira de fazer setenta e seis passos por minuto, mas em consequência de reflexões e de importantes observações, eu fui levado a pensar que seria preferível executar somente setenta e cinco passos por minuto*”<sup>171</sup>. Os anos 1780-1790 dão lugar a uma grande efervescência intelectual, com o *Aufklärung militaire* (ver antes no item 22 desse livro), porém, não resulta disso nenhuma reforma da estrutura.

A Áustria apresenta uma pálida figura. O Marechal Conde de Khevenhuller (neto de Montecucculi) dedica uma compilação de máximas à guerra de campanha e aos cercos (*Kuzer Begriff aller militärischen Operationen*, 1778; traduções para polonês 1750, para francês 1771, para russo 1786, para espanhol 1793). O Conde V.D.SG. (que nunca foi possível identificar) publica um *Abrégé de la théorie militaire* (1766, tradução para o alemão 1777), no qual ele tenta exaltar a ação do Marechal Daun, adversário de Frederico II; além das marchas e dos acampamentos, ele se

167. Totalmente ausente da história do pensamento estratégico, ele foi tirado do esquecimento pelo professor Curd Ochwaldt, que produziu uma edição dos seus escritos.

168. Uma reedição está em curso.

169. Que não se encontra no livro, por sinal bastante rico, GAT, Azar. *The Origins of military thought, from the enlightenment to Clausewitz*. Oxford: Clarendon, 1989, que se apega aos autores conhecidos.

170. JOMINI, op. cit. p7.

171. Citado em CARRIAS, op. cit. Engène Carrias. p.112.

manifesta sobre a estratégia com a sua comparação entre a ofensiva, “*a parte da guerra mais brilhante, porém o mais fácil quando se tem tudo o que é preciso para sustentá-la*”, e a defensiva, “*a parte mais engenhosa e mais difícil da guerra*”, e sua análise da batalha e de suas consequências. O Príncipe de Ligne, belga (portanto, dependente austríaco), produz *Mémoires militaires, littéraires et sentimentaires* em 34 volumes que lhe assegurarão uma permanente glória póstuma, mas não no campo militar. Ele possuía uma experiência real (ele foi Marechal na Áustria) e suas observações são normalmente perspicazes. Em 1780, ele publica, anonimamente, duas compilações com os títulos expressivos, *Préjugés militaires* e *Fantaisies militaires* (tradução para o alemão em 1783), nas quais as reflexões, as mais diversas, são vizinhas por uma agradável desordem. Aí não se trata muito de estratégia.

## 103 – A escola italiana

A Itália vê a publicação de várias obras. O Marquês Piemontês de Silva é o autor de *Pensées sur la tactique et quelques autres parties de la guerre* (1768), reeditadas dez anos mais tarde sob o título de *Pensées sur la tactique et la stratégique* (traduções para o italiano 1778, para o alemão em 1780). Gioachino Bonaventura Argentero di Bersezio, chamado de Conde de Brézé, ajudante-geral de cavalaria ao serviço do rei da Sardenha, publica, em Turim, *Réflexions sur les préjugés militaires* (1779; tradução para o alemão 1787), uma série de artigos, da Águia à Tática (Aigle à Tactique), às vezes amenizados por diálogos imaginários entre o soberano e o filósofo, entre um oficial moderno e Marius. O polígrafo veneziano F. Algarotti publica *Lettere e discorsi sulla scienza militare* (1759, traduções alemã 1770, inglesa 1782) e um comentário de Maquiavel, *Scienza militare del Segretario Fiorentino* (1791). O Reino de Nápoles não fica ausente com o Marquês Palmieri, hoje completamente esquecido, mas bastante conhecido à sua época: suas *Riflessioni critiche sull'arte della guerra* (1761, 1788, 1816) apenas tratam da tática. Em Veneza, o romano Casimiro Waquier de la Barthe conclui o período com um *Saggio elementare di tattica pratica* (1794).

## 104 – A escola espanhola

A Espanha, no século XVIII, não é mais uma potência de primeira classe, ela se apresenta, em vez disso, à reboque da política francesa. Ela não está, igualmente, em vias de buscar uma descida aos infernos, o que acontecerá com a invasão napoleônica. Há, ao contrário, um verdadeiro renascimento “bourboniano” à época de Charles III. O exército e a marinha não fazem mais estremecer a Europa, mas eles perseguem, contudo, um esforço real de modernização. A reflexão militar permanece ativa<sup>172</sup>.

Tal reflexão é dominada pelo Marquês de Santa Cruz de Marcedano (em torno de 1687-1732, que não deve ser confundido com o ilustre marinheiro do século XVI) que publica de 1724 a 1730, em Turim, onde ele estava como embaixador, as *Reflexiones militares*. Este enorme epítome de 11 volumes, de tipografia bastante densa, trata de todos os assuntos militares, com muitos exemplos: no tomo I, qualidades do general e dispositivos a serem tomados antes da guerra; no tomo II, as surpresas, as emboscadas, os espiões, mas também a passagem pelos rios; no tomo III, as marchas e os acampamentos e meios de levar o inimigo ao combate; o tomo IV trata da guerra ofensiva; os tomos V e VI da batalha; o tomo VII das revoltas; o tomo VIII e IX dos cercos (bloqueios), o tomo X da guerra

172. A extensão da obra a estudar acaba de ser posta à disposição por GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes. *El arma de la palabra: los militares españoles y la cultura escrita en el siglo XVIII (1700 – 1808)*. La Coruña: Universidade da Coruña, 2002.

defensiva; o tomo XI e último, retoma o combate. Na segunda edição, um décimo segundo volume trata dos “*motivos que devem determinar a paz ou a guerra*”. Encontram-se, também, algumas considerações navais. A morte do autor em combate, durante uma campanha na África do Norte, impediu-o de dar ao seu livro interminável, uma seqüência que ele projetava, a qual se intitularia *Calculs militaires*, dela deixou apenas uma breve estimativa. A receptividade será grande e durável em toda a Europa: as *Reflexionessão* traduzidas para o inglês (1737), para o francês (1738), para o polonês (1741-1753), para o italiano (1752), para o alemão (1753); depreciadas pelo Príncipe de Ligne, elas serão recomendadas tanto por Frederico II, como por Napoleão.

Abaixo de Santa Cruz, encontra-se um grande número de autores, que estão longe de serem todos negligenciados. O mais conhecido é o Marquês de la Mina, cujas *Máximas para la guerra* (1784) obtêm um grande êxito. Entretanto, há também Juan Antonio Pozuelo, y Espinosa (*Empresas militares*, 1732), Pablo Minguet (*Arte general de la guerra*, 1752)... As obras técnicas também são sempre em grande número. Isso não é a imagem de um pensamento esclerosado e decadente. Porém, ela apresenta desde então as influências estrangeiras, francesa em primeiro lugar<sup>173</sup>, mas também prussiana depois dos êxitos de Frederico II, entretanto ela não exerce influência no exterior.

## 105 – A produção britânica

O galês Henry Lloyd, cuja vida foi bastante agitada<sup>174</sup>, deixa uma copiosa obra, dominada por *A Political and Military Rhapsody on the Invasion and Defence of Great Britain and Ireland* (1790, seis edições; traduzida para o francês em 1801, para o alemão 1803, para o italiano 1804), que denuncia o “*pânico do medo*” de uma invasão e, sobretudo, pela história da Guerra dos Sete Anos, *The History of the late war between the King of Prussia and the Empress of Germany and her Allies* (1763, com continuação em 1781 e 1790) que terá uma enorme influência até a metade do século XIX. Aparece uma tradução francesa em 1784, e uma adaptação alemã é produzida por Tempelhoff de 1783 a 1787. Ela servirá de ponto de partida para Jomini. Lloyd formula um certo número de conceitos, em especial acerca das linhas de operações, que ele sistematiza em *Military Memoirs*<sup>175</sup> (1781, traduções para o francês *Mémoire militaire et politique*, 1794, para o alemão na edição de Tempelhoff, 1783, 1784, 1790, e tradução parcial para o espanhol, 1813). Napoleão irá tirar proveito delas. Bastante esquecido hoje, ele foi vítima da crítica bastante radical de Clausewitz, mereceria ser redescoberto.

Com exceção de Lloyd, reabilita-se, sobretudo depois, o manual básico de Humphrey Bland, *A Treatise on Military Discipline*, que chega a nove edições entre 1727 e 1762, *A Military Essay* (1761) e *Tactics* (1780) do cavaleiro Campbell Dalrymple e *A Treatise on the Military Science* (1780) de T. Simes que não deixaram um vestígio profundo. O dicionário de Bardin assinala alguns outros autores que caíram no esquecimento completo, em especial John Muller, cuja *The Science of War* se estende por sete volumes. O pragmatismo inglês não é um mito, mesmo que a imagem tradicional de um corpo de oficiais ignorantes<sup>176</sup> tenha sido um pouco amenizado por um estudo recente<sup>177</sup>.

---

173. Cf. \_\_\_\_\_. *Traduciendo la guerra. influencias extranjeras y recepción de las obras militares francesas en la España del siglo XVIII*. La Coruña: Universidade de Coruña, 1999.

174. VENTURI, Franco. Le Aventure del generale Henry Lloyd. *Rivista Storica Italiana*, 2/3, 1979.

175. *La Philosophie de la guerre*, freqüentemente editada ou traduzida separadamente, é um capítulo dessa obra.

176. Repetida por GRUBER, Ira D. British strategy: the theory and practice of eighteenth century warfare. In: RECONSIDERATIONS on the revolutionary war. Ed. por Don Higginbotham. Londres: Greenwood, 1978.

177. HOULDING, J.A. *Fit for service: the training of the British Army 1715-1795*. Oxford: Clarendon, 1981.

O que os britânicos denominarão mais tarde de grande estratégia está certamente compreendida em maior grau pelos civis. Charles Devenant publica, em plena guerra da Liga de Augsbourg, um *Essay upon Ways and Means of Supplying the War* (1695), que alcança um grande êxito, apesar das medidas propostas (criação de novos impostos), que serão, além disso, parcialmente retidos pelo governo. Encontra-se aí, muito claramente, exposta a via britânica de guerra que será teorizada, dois séculos e meio mais tarde, por Liddell Hart: “*De hoje em diante, a arte da guerra, de uma certa forma, reduz-se ao dinheiro e o princípio que se assegura o melhor do sucesso e da conquista não é aquele que tem as tropas mais valentes, mas aquele que consegue o máximo de dinheiro para alimentá-las, vesti-las e equipá-las*”. Ele prefere a guerra naval à guerra terrestre e recomenda a construção de uma marinha forte para pilhar os portos franceses, “*destruir suas bases navais e até mesmo destruir sua força naval*”<sup>178</sup>. Porém, trata-se de uma reflexão econômica, apresentada e percebida como tal; não há mais de novo Raleigh para combinar as duas ordens de preocupações.

## 106 – E os outros

O General suíço Warnery teve uma vida bastante tumultuada, participando de inúmeras campanhas a serviço do Piemonte, da Áustria, da Prússia<sup>179</sup>, e, finalmente, da Polônia. Ele é o autor de uma imensa obra, com comentários sobre Turpin de Crissé, Guibert, César, um ensaio sobre a arte militar dos russos e dos turcos e um tratado sobre a cavalaria (reditada ainda em 1828). Ele exerceu uma grande influência, Scharnhorst fez com que o traduzissem para o alemão (1785 - 1791). A Suíça ainda é representada pelo tático Gabriel Pictet, oficial a serviço do Piemonte (*Essai sur la tactique de l'infanterie*, 1761).

Portugal só pode ter uma modesta produção, mas isso não significa que seja nula. Relembra-se, assim, uma obra cobrindo toda a arte militar de Antonio do Canto Castelo Branco, *Memórias militares* (1719-1740), uma *Milícia prática* (1740) de Bento Coelho, os *Elementos de arte militar* (1785) de José Marques Cardoso. O Conde de Schaumburg-Lippe, durante sua estada em Portugal, encorajou os estudos militares e deixou editar uma versão em português da sua obra *Exercícios de Meditação Militar* (1782)<sup>180</sup>.

A Suécia dá pelo menos dois autores notáveis. De origem finlandesa, o Coronel G.M. Sprengtporten redige um regulamento para as tropas ligeiras (*Exercitiereglemente för Savolax lätta troupe till foth*, 1789); bastante influenciado por Guibert, a obra chama a atenção pela adaptação às condições geográficas peculiares da Finlândia, com uma teoria, sem dúvida a primeira, sobre o combate nos bosques<sup>181</sup>. Diretor das fortificações, o Tenente-General Jean-Bernard Virgin toma como empreitada “*dar parte ao menos igual entre o ataque e a defesa das cidades fortificadas*”, em uma obra volumosa escrita em francês, *La défense des places...* (1781). Um periódico militar, *Militærisk Bibliothek*, é criado em 1765.

O pensamento militar russo se constitui na esteira de Pedro, o Grande, que deixou inúmeros escritos, em especial um *Réglement militaire* (1716), um verdadeiro tratado sobre tática. Seu filho natural, o Marechal Roumiantzov, reorganizador do exército sob Catarina II, junto com Koutouzov, redige inúmeras instruções. Seu discípulo, Souvorov (1729 - 1800), o

178. SILBERNER, op. cit. p.69-72.

179. Jomini, suíço como ele, acreditava que ele fosse prussiano! Alguns esclarecimentos em CHABLOZ, Michel. Le Général de Warnery (1720-1786): remarques sur la cavalerie. *Histoire et défense*, 18, 1988-2.

180. Cf. BEBIANO, op. cit. p424-438.

181. HAKALA, Ilmari. G.M. Sprengtporten: a tactician. some aspects about the swedish-finnish tactics in the latter part of the 18th century. In: COLLOQUES DE LA COMMISSION INTERNATIONALE D'HISTOIRE MILITAIRE, 13., 1991. Actas.

maior dos generais russos, é também um escritor prolixo; Ao final de sua vida, ele escreve *L'art de vaincre*, uma curta compilação de aforismos e de máximas, destinada a seus soldados, que se assemelha mais a um manual de disciplina do que de reflexão estratégica ou mesmo tática. Ao lado de pensamentos luminosos especificamente nacionais, essa escola russa se apóia amplamente nos teóricos estrangeiros, em especial Turpin de Crissé e Lloyd.

A Turquia, que em definitivo mostra-se em situação superior aos seus adversários, experimenta compreender a arte militar dos cristãos. Ibrahim Effendi advoga por uma modernização do exército em um *Traité de tactique* que foi traduzido para francês por um erudito húngaro (1769) e para o alemão. Mas trata-se de iniciativas isoladas, que não desembocam em reformas de profundidade. Por outro lado, vários autores europeus tentam compreender a guerra otomana; o mais célebre é o Barão de Tott com suas *Mémoires sur les Turcs et les Tartares* (1784).

## 107 – A vitória do racionalismo

Quase todos esses autores, efetivamente, são militares. O autor naval escocês Clerk of Eldin, que é um civil autêntico, negociante por profissão, é uma exceção. Não obstante, assiste-se a um fenômeno novo. Não são mais apenas os chefes da guerra que possuem a prática do comando que se inspiram nas suas experiências. Vê-se aparecer jovens autores como Folard ou Guibert na França, os defensores de *Aufklärung* na Alemanha, que se apóiam mais no argumento do que na experiência. Começa, assim, uma dissociação entre a arte estratégica e a ciência estratégica, que vai dar a esta um caráter crítico, às vezes julgado subversivo pela hierarquia militar. O Conde de Shaumburg-Lippe estima que “*o tenente não deve ler de modo algum, isto é a função dos generais. Tal procedimento seria mais prejudicial do que útil*”.<sup>182</sup>

O pensamento militar do século XVIII, que participa da efervescência do Iluminismo, é dominado pelo racionalismo, pela busca das leis. O método geométrico, o qual será um ponto de discussão mais adiante, está em moda, ao ponto de levar à invenção de uma disciplina bem particular, a stratarithmétique “*a arte de dispor em batalha um batalhão sobre uma figura geométrica conhecida e de encontrar o número de homens que contém essa figura enquanto eles estão na batalha*”<sup>183</sup>. Com isso dito, não é preciso exagerar. A maioria desses escritores participou da guerra, em especial a Guerra dos Sete Anos no caso dos autores da segunda metade do século. Eles tomaram parte nas batalhas e puderam compreender a importância decisiva das forças morais. Lloyd, chefe da fila da corrente geométrica, com os seus conceitos de base de operação e de linha de operação, criticado duramente por Clausewitz em razão do seu dogmatismo, faz da força moral o fator decisivo para a vitória final de Frederico II:

*Inutilmente, dizia-se que o rei da Prússia estava em boa parte destruído; que as suas tropas não eram mais as mesmas; que ele estava sem generais, etc.; isso podia ser até certo ponto, mas seu espírito, que animava a tudo, era sempre o mesmo e os austríacos estavam sempre mergulhados na mesma letargia*<sup>184</sup>.

Além da controvérsia estéril entre a coluna e a linha, a copiosa produção, em todas as potências européias, dá testemunho do fim da estratégia intuitiva que caracterizava, ainda, o

182. LIPPE, Shaumburg. *Schriften und briefe*. p.127.

183. DICTIONNAIRE de Trévoux.

184. LLOYD, Henry. *Histoire des guerres d'Allemagne*. Paris: ISC-Économica, Bibliothèque Stratégique, 2001. p.272.

século XVII, condenada pelo crescimento dos efetivos e pelo aperfeiçoamento da arte da guerra: a reflexão nascente sobre os setores de atividade profissional da guerra nos níveis mais elevados, sugere a insuficiência das manobras engenhosas de Turenne e de Montecucculi. A teoria esboça o paradigma da batalha antes que a Revolução Francesa a imponha pela prática<sup>185</sup>.

É contra tal racionalismo de inspiração francesa que vai se levantar o idealismo alemão, cuja primeira transposição militar será a obra de Georg-Heinrich von Berenhorst, crítico de Frederico II: as suas obras *Betrachtungen über die Kriegskunst* (1777-1779), que terão uma grande influência (na Alemanha; Berenhorst permanecerá quase totalmente desconhecido na França), outorgam ao acaso um papel decisivo na guerra. Bullöw, e depois Clausewitz, por caminhos diferentes, irão empenhar-se a reestabelecer a legitimidade da ciência estratégica.

## SEÇÃO IV – O PENSAMENTO ESTRATÉGICO CONTEMPORÂNEO

### 108 – A transição 1789-1815

De 1789 a 1815, a Europa está em guerra quase contínua, entrecortada por curtos períodos de trégua. A arte da guerra passa por uma transformação profunda, mas as testemunhas disso têm outros temas a tratar do que teorizá-la. Lazare Carnot concebe uma nova estratégia, porém somente expõe-na em observações circunstanciais. Seu único grande livro é de um propósito muito limitado: “*De la défense des places fortes*” (1809) tem várias edições e traduções para o alemão (por Rühle von Lilienstern, 1811) e para o inglês (1811). A produção francesa é insignificante: a *Introduction à l'étude de l'art de la guerre* de La Roche-Aymon (1802-1804; tradução para o alemão 1801-1804) está limitada à tática; o *Traité élémentaire d'art militaire et de fortification* de Simon-François Gay de Vernon (1805; traduções para o português – no Brasil – 1813, para o inglês – nos Estados Unidos – 1817) é um curso ministrado na Polytechnique, quase totalmente dedicado à fortificação. A farta obra de Reveroni de Saint-Cyr<sup>186</sup>, dominada pelos seus *Essais sur le mécanisme de la guerre* (1808), corrigidos mais tarde sob o título *Statique de la Guerre ou Principes de stratégie et de tactique* (1826), caiu em um esquecimento bastante justificado, ainda que nele se encontre uma teoria dos centros de gravidade, noção para a qual se vaticinava uma grande ventura. Esse é também o caso do *L'art militaire chez les nations les plus célèbres...* (1805) de L.M.P. de Laverne (ex-cidadão Tranchant-Laverne, tradutor de von Bülow), que deseja criar “*a verdadeira teoria da guerra*”, numa ambição algo tanto excessiva, mesmo no caso de obra não despojada de todo interesse. Na Itália, Ugo Foscolo, editor das obras de Montecucculi, esboça uma reflexão estratégica que somente será conhecida mais tarde. Na Prússia, a reflexão que se manifesta das Lumières militaires, é estimulada pela intensa agitação intelectual do idealismo alemão. Gerhard von Scharnhorst, natural de Hanover, mas ao serviço da Prússia, dirige em Berlim a *Militärische Gesellschaft* de 1801 a 1805, círculo de reflexão onde inicia-se a ruptura com o modelo esclerosado de Frederico<sup>187</sup>, e o instituto para os oficiais mais jovens: Clausewitz sai major da primeira promoção em 1804. Escritor incansável, autor de manuais e estimulador de vários magazines militares,

185. É o que o General Poirier resume em sua fórmula: “*teoria fundadora, prática criadora*”. (POIRIER, Lucien. *Des stratégies nucléaires*. Paris: Hachette, 1977. p.12.)

186. A nota histórica bibliográfica sobre ele comunica-nos que ele “*se lançou ao estudo com tal ardor que as suas faculdades intelectuais, por causa disso, ficaram definitivamente abaladas*”. Foi preciso interná-lo.

187. WHITE, Charles E. *The Enlightened soldier: scharnhorst and the militärische gesellschaft in Berlin, 1801-1805*. New York: Praeger, 1989.

Scharnhorst analisa, muito cedo, as causas do sucesso da guerra revolucionária dos franceses (*Entwicklung der allgemeinen Ursachen des Glücks der Franzosen in den Revolutionskriegen*, 1797). Ministro da guerra depois da catástrofe de 1806, ele faz acompanhar a sua obra reformadora de um estudo sobre a condução da guerra, que ele não terá tempo de terminar. O Major prussiano August Wagner determina com precisão a definição de estratégia (*Grundzüge der reinen Strategie*, 1809). Discípulos de Scharnhorst, os Generais Rühle Von Lilienstern (*Vom Kriege*, 1814) e von Lossau (*Der Krieg*, 1815, tradução francesa 1819) revelam, de forma fragmentada, a filosofia da guerra de Clausewitz (que não reconhecerá sua dívida com respeito a isso, em especial Lossau), enfatizando sobre o primado da política, a importância das forças morais e a necessidade da vitória pela batalha. Na Rússia, Chatov esboça uma teoria da tática (*Obscij opyt taktiki*, 1807). O período produz apenas um reduzido número de autores importantes: Jomini, que será discutido mais adiante, von Bülow e o arquiduque Charles, expoente principal de uma escola austriaca que aparenta ter sido bem ativa<sup>188</sup>.

## 109 – Bülow e o Arquiduque Charles

A abordagem geométrica culmina com a obra do prussiano Dietrich von Bülow, que publica, em Hamburgo, *Geist des neuern Kriegs Systems* (Espírito do sistema da guerra moderna) em 1799, no qual ele pretende apresentar os axiomas extraídos do raciocínio e demonstrá-los em seguida pela experiência. Ele reivindicará, com muita desenvoltura, a paternidade intelectual dos êxitos de Bonaparte em seu segundo livro *Lehrsätze des neuen Krieges, oder reine und angewandte Strategie* (Teoremas da guerra moderna ou estratégia pura e aplicada, 1805). Clausewitz irá criticá-lo muito energicamente em um dos seus cinco escritos que ele publicará, anonimamente, ainda em vida, porém o *Esprit* será traduzido para o francês (1801), para o espanhol (1806-1807), para o inglês (1806) e para o húngaro (1811) e terá um grande êxito em toda a Europa, o que não impedirá seu autor de ser lançado na prisão, onde morreu em 1807.

O método se revela ainda entre as obras do Arquiduque Charles, o maior dos adversários de Napoleão, vitorioso no decurso da campanha de 1796 na Alemanha, vencido em 1809 (de forma honrosa) em Wagram. Ele é o autor de várias obras<sup>189</sup>: *Grundsätze der grosse Kriege* (1808; traduções para o italiano por Francesco Sponzilli 1844, para o francês *Principes de la Grande Guerre* pelo capitão de La Barre Duparcq, 1851), *Grundsätze der Strategie erläutert durch die Darstellung des Feldzugs von 1796 in Deutschland* (1813; traduções para o francês por Koch, revista por Jomini: *Principes de la stratégie développés par la relation de la campagne de 1796 em Allemagne*, 1818, para o italiano 1819, para o espanhol 1830), *Geschichte des Feldzuges von 1799 in Deutschland und in der Schweiz* (1819; tradução para o francês em 1820), em todos prevalecem a mesma apresentação geométrica. Ao mesmo tempo, o arquiduque outorga uma importância determinante ao terreno que impõe os objetivos geográficos. Disso resulta uma conduta muito prudente, senão tímida, dominada pela pesquisa dos “pontos-chave”.

Bülow e o Arquiduque Charles marcam a transição entre o Antigo Regime militar e a estratégia moderna. Do primeiro, conserva-se a aversão pelas batalhas. Bülow repete: “Os combates dos nossos dias não decidem mais nada... Ninguém trava mais batalhas... É preciso

188. Seria necessário, igualmente, arrolar os autores dos países secundários, como por exemplo o dinamarquês Jens Kragh Höst.

189. Assim como muitos dos numerosos manuscritos, perdidos em 1956 durante a insurreição de Budapeste.

*ter cometido um erro para ter a necessidade de travar uma batalha”<sup>190</sup>.* Quanto ao segundo, obtêm-se o seu conceito de base e os seus primeiros tratados sistematizados. Quanto a esse aspecto, eles desempenharam um papel importante e exerceram uma grande influência. A de Von Bülow foi relativamente passageira, embora ele tenha conservado discípulos notáveis até os anos 1830, notadamente o General bávaro Xylander e o General russo Okounieff. A influência do arquiduque Charles será mais duradoura. Na Prússia, o General von Valentini nele se inspira para fazer sua obra *Die Lehre von Kriegen* (1820). A sua forte influência permanece por completo na Áustria até a derrota em Sadowa em 1866. Ele é constantemente reeditado até o final do século XIX. Na Itália, ele será bastante lido até os anos 1850, mas, na segunda metade do século, ele será ofuscado por Jomini e Clausewitz, ao ponto de ser somente conhecido pelos historiadores.

## Subseção I – Os pais fundadores

### 110 – Jomini

Henri-Antoine Jomini combina a herança dos autores do século XVIII e os ensinamentos do modelo napoleônico. É com ele que se constitui, verdadeiramente, a ciência estratégica contemporânea<sup>191</sup>.

Nascido em 1779, na Suíça, serve no Exército francês e é designado, em 1805, para o estado-maior do Marechal Ney. É nesse ano que ele publica o seu primeiro livro, o *Traité de grande tactique ou relation de la guerre de Sept Ans extraite de Tempelhof...com uma compilação dos princípios mais importantes da história militar*. Como o título indica, trata-se de uma tradução, totalmente reescrita e enriquecida por novos desenvolvimentos, da obra do General prussiano Tempelhof, publicada em 1783, a qual ele mesmo havia traduzido e dado continuidade à história da Guerra dos Sete Anos do General Lloyd. Mas Jomini aproveita-se disso para introduzir comparações com as operações das campanhas que ele foi testemunha. Conta-se que Napoleão teria desejado sequestrar a obra, que revelava muito sobre o seu sistema de guerra e, ao final, teria renunciado a isso para não despertar a atenção. Durante os anos que se seguiram, Jomini publica vários volumes que tratam da Guerra da Sucessão da Áustria, depois das guerras da Revolução e do Império, até que essa obra compreenda oito tomos, dos quais os últimos são publicados em 1816, quando ele está na Rússia ao serviço do Czar, em 1813, revoltado com as afrontas do Marechal Berthier. Cumulado de honrarias, preceptor do futuro Alexandre II, ele retornará mais tarde à França para morrer em 1869, aos 90 anos<sup>192</sup>.

Na sua forma “definitiva”, a partir de 1818, essa obra histórica monumental seria dividida em duas: de um lado o *Traité des grandes opérations militaires* dedicado às guerras de Frederico II, do outro ‘Histoire critique et militaire des guerres de la révolution’ em oito ou quinze volumes, conforme as diferentes edições! A série se interrompe, portanto,

190. Citado em as “*Remarques sur la Stratégie pure et appliquée de Monsieur von Bülow*”, publicadas anonimamente por Clausewitz em 1805 em a *Neue Bellona*, continuadas em CLAUSEWITZ, Carl von. *De la révolution à la restauration*. Paris: Gallimard, 1976. p79.

191. Cf. a bibliografia crítica estabelecida por Bruno Colson em JOMINI, Antoine de. *Les guerres de la révolution*: (1792-1797). Paris: Hachette, Pluriel, 1998.

192. A bibliografia de referência é, até agora, a de LANGENDORF, Jean-Jacques. *Faire la guerre*: Jomini. Genève: Georg, 2002 e 2004. 2v.

em 1803 e Jomini havia pensado em acrescentar seis volumes para ir até 1815. Depois ele renunciou a essa idéia e contentou-se com a obra *Vie politique et militaire de Napoléon, racontée par lui-même*, em quatro volumes, complementados pelo *Précis politique et militaire de la campagne de 1815*. O Coronel Reichel sublinha, com razão, que o foco sobre a obra teórica de Jomini oculta a sua imensa produção histórica<sup>193</sup>, rica em desenvolvimentos que ainda estão à disposição para uso e que mostram a que ponto cada campanha, cada guerra, constitui um caso particular que só pode ser reduzido a princípios gerais ao custo de uma simplificação com freqüência abusiva.

Esta grandiosa construção histórica foi eclipsada por uma obra teórica, na verdade bem mais acessível, publicada inicialmente sob o título de *Tableau analytique des principales combinaisons de la guerre*, em 1830, da qual se sucedem quatro edições antes de dar lugar ao *Précis de l'art de la guerre*, em 1837-1838. Esta será, ainda, modificada em 1855, após ser enriquecida com três apêndices sucessivos, sendo que o último extraiu ensinamentos da Guerra da Boêmia de 1866. É uma obra em que a principal preocupação está baseada em oferecer as definições e as classificações tão precisas quanto possíveis, a fim de dar um conteúdo científico à estratégia, sem para isso cair nos excessos de Von Bülow. Bruno Colson assinala a contradição, ou pelo menos a digressão, entre as obras históricas de Jomini e o *Précis*: “Os ensinamentos da guerra napoleônica aí estão um tanto quanto desaparecidos dentro de um conjunto de considerações que podem fazer crer em uma vontade de voltar a uma estratégia mais prudente, onde o objetivo é a ocupação de territórios de preferência à destruição do exército inimigo... Embora suas primeiras obras refletissem sua admiração por Napoleão, Jomini parece ter evoluído, finalmente, em direção a uma concepção mais territorial da estratégia”<sup>194</sup>. Bruno Colson vê nisso uma “preocupação com o equilíbrio e o meio-termo”. O General Duffour, em 1930, percebia preferencialmente, “uma confusão indizível”<sup>195</sup>. É verdade que a obsessão por esgotar um tema e pela precisão conduz Jomini a multiplicar as nomenclaturas, ao ponto da classificação substituir, por vezes, a explicação: ele define 12 ordens de batalha, cinco ordens de retirada, cinco meios para julgar as operações do inimigo... Enquanto Clausewitz desejará fazer a filosofia da estratégia, Jomini estabelece a taxonomia da estratégia<sup>196</sup>.

## 111 – A glória de Jomini

Jomini está hoje por demais esquecido, mesmo que o seu longo purgatório pareça não ter fim. Entre as duas guerras, ele sofreu em razão do declínio do modelo napoleônico, julgou-se que “se ele possuía um método, ele não tinha doutrina... A composição sobre isso é chata, e o estilo pesado, desprovido de clareza e de expressão... Há esforço laborioso de análise, de crítica, de avaliação, de agrupamento e de síntese”<sup>197</sup>. Entristece-nos isto, ao fazer-se idéia de como foi grande a sua influência no século XIX. A ele foi dedicada uma biografia em turco! O *Traité des grandes opérations militaires* e a *Histoire critique* são publicados em russo entre 1809

193. REICHEL, Daniel. La guerre en montagne dans l'oeuvre historique de Jomini: analyse sommaire de quelques cas concrets. *Revue Internationale d'Histoire Militaire*, 65, p.159, 1988. O próprio Jomini fazia a mesma reflexão a propósito de Lloyd.

194. COLSON, Bruno. Lire Jomini. *Stratégique*, 49, p70, 1991-1.

195. DUFFOUR. L'élément terrain en stratégie: 1930. *Stratégique*, 58, p.67, 1995-2.

196. Esta é ao menos a leitura comum. Mas o General Poirier mostrou que se poderia fazer uma leitura muito mais complexa. Cf. sua obra POIRIER, Lucien. *Variations sur Jomini. Les voix de la stratégie*.

197. MAYER, op.cit. p.362363.

e 1817, seguidos da obra *Vie politique et militaire de Napoléon*, entre 1838 e 1844. Em inglês, o *Traité* é sumariado por James Anthony Gilbert em 1825, depois traduzido em 1827, o mesmo ocorre com *Vie de Napoléon*, em 1864, e o *Précis de la campagne de 1815* em 1853. Resumos do *Traité* são publicados em holandês em 1830. A *Vie de Napoléon* é traduzida para o italiano em 1829, para o búlgaro em 1895. O *Précis de l'art de la guerre* é o maior sucesso do século (XIX) da literatura militar: seu “protótipo”, o *Tableau analytique*, é traduzido para o espanhol em 1833, para o polonês em 1835, para o russo em 1836, para o sérvio em 1865; a 1<sup>a</sup> edição do *Précis* é traduzida para o alemão em 1839, para o espanhol em 1840, para o russo (por Yazikov, um dos fundadores da geografia militar), para o inglês em 1854, para o italiano em 1855; a 2<sup>a</sup> edição é traduzida para o espanhol em 1857, para o inglês em 1862 (sendo reeditada cinco vezes), para o italiano em 1864, e para a língua sérvia, parcialmente em 1865, e, de modo integral, em 1938, para o alemão em 1891. Será, ainda, reeditada em russo em 1939<sup>198</sup>. Na Grã-Bretanha, Jomini influencia os generais Napier e Hamley. Na Itália, inspira inúmeros autores, notadamente Luigi Blanch, Francesco Sponzilli e Girolamo Ulloa, inclusive Nicole Marselli, um dos mais importantes da segunda metade do século XIX, que nele se baseia antes de afastar-se e criticar, duramente o seu “doutrinismo” (dogmatismo). Na Alemanha, ele supera Clausewitz até os anos 1850: Willisen (*Theorie des Grossen Krieges*, 1840; traduzido para o espanhol em 1850), o competidor do autor de *Vom Kriege*, vale-se de Jomini, assim como o coronel Wilhelm Rüstow, prussiano que esteve ao serviço da Suíça depois da revolução de 1848<sup>199</sup>, cujas duas edições da obra *Die Feldherrnkunst des neuzehnten Jahrhunderts* (1857 e 1867; traduções da 1<sup>a</sup> edição: para o holandês, 1859, para o francês *L'Art militaire au XIX<sup>e</sup> siècle. Stratégie, histoire militaire* em 1869, para o espanhol em 1872; traduções da 2<sup>a</sup> edição: para o francês *L'Art militaire au XIX<sup>e</sup> siècle. Études stratégiques*, três volumes 1875-1880; tradução para o espanhol 1877-1879, para o sueco 1882-1886) conhecem uma grande difusão por toda a Europa. Na Rússia, os maiores pensadores militares do século XIX inscrevem-se e afiliam-se às suas idéias, desde Medem e Yazikov, nos anos de 1830, até a Leer ao final do século. Jomini influencia de modo decisivo os primeiros escritores militares norte-americanos, William Duane e John Armstrong Jr., em seguida, depois deles, Dennis Hart Mahan, professor de tática em West Point e, diretamente, os futuros chefes da Guerra da Secessão, McClellan e Henry Wager Halleck, Lee e Grant de modo mais sutil. Alfred Thayer Mahan (filho de Denis), o evangelista do poder marítimo, transporá seus ensinamentos para a estratégia marítima. Não há autor que tenha contribuído mais do que ele para moldar a cultura estratégica norte-americana<sup>200</sup>.

## 112 – Clausewitz

Clausewitz é, hoje, o mais conhecido de todos os pensadores militares. Sua maior obra *Vom Kriege* é comparável ao *Príncipe* de Maquiavel: é uma referência constante e obrigatória, uma fonte inegotável de citações. Não é, entretanto, correto afirmar que ele seja o estrategista mais lido. Desde os anos 1860, Rüstov constatava que: “Clausewitz é freqüentemente citado, mas muito pouco lido, e nós temos encontrado, mesmo entre os seus mais fervorosos admiradores, aqueles que não se davam conta de que sua obra ficou incompleta e não sabiam, além disso, que nós tínhamos apenas a parte estratégica de *Vom Kriege*”<sup>201</sup>.

198. ALGER, John I. *Henri-Antoine Jomini: a bibliographical survey*. West Point: US Military Academy, 1975, que não menciona as traduções italianas, russas e sérvias do *Précis*. A bibliografia militar não conhece término...

199. Ressentido por não ter obtido a cadeira de tática e estratégia na Escola Politécnica federal, ele se suicida em 1878.

200. Cf. COLSON, Bruno. *La culture stratégique américaine: l'influence de Jomini*. Paris: Économica, Bibliothèque Stratégique, 1993.

201. RÜSTOV, Wilhelm. *L'Art de la guerre au XIX<sup>e</sup> siècle*. t.2. p72.

Carl von Clausewitz nasceu em 1780<sup>202</sup>. Foi inscrito em um regimento com a idade de 12 anos. Em 1806, ele participa da Batalha de Auerstaedt na qualidade de ajudante de campo do Príncipe Augusto da Prússia. Feito prisioneiro, ele traz consigo do seu cativeiro um ódio feroz contra os franceses. Ele participa, logo depois, da obra de reconstrução militar conduzida por Scharnhorst, de quem ele é amigo. Em 1812, ele rejeita a política de colaboração do rei, que aceitou participar da campanha na Rússia. Ele obtém uma licença e serve no Estado-Maior russo. Está presente na Batalha de Borodino, mas representa um papel pouco efetivo, exceto no momento da convenção de armistício decidido, pelo comandante do corpo prussiano, por determinação de seu próprio chefe, o General Yorck von Wartenburg. Ele consegue, com dificuldade, sua reintegração no Exército prussiano e participa das últimas campanhas do Império, especialmente aquela de 1815. Durante esta, seu papel é controverso. Ele dirige, em seguida, a Kriegsakademie de 1818 a 1830. Em 1831, por ocasião de uma ameaça de guerra com a França, ele é chamado para um posto de estado-maior, situação na qual vem a morrer de cólera aos 51 anos de idade.

Clausewitz é, portanto, um homem que possui uma longa experiência da vida militar e da guerra, entretanto em tempo algum ele exerceu grandes comandos. Desde a sua juventude ele estudou bastante. Uma das suas primeiras obras é uma crítica ferina do sistema de guerra de Von Bülow. Depois da derrota de 1806, ele começa a refletir sobre a grande obra, a qual dedicará toda a sua energia após 1815, quando perceberá que sua carreira militar está bloqueada. Redige inúmeros trabalhos históricos sobre as campanhas de Turenne, de Frederico II, da Revolução Francesa e do Império. A partir dessa base histórica, que lhe permite comprovar suas idéias, ele se lança na redação do seu *opus magnum*. Este deveria abranger três livros: um tratado sobre a grande guerra, isto é, a estratégia; um tratado da “pequena guerra”, inspirado nos exemplos da Espanha e do Tirol e nos projetos do recrutamento em massa, com base em uma reserva territorial (*Landwehr*) destinado a incomodar os franceses; e um tratado de tática.

Devido ao fato da morte prematura de Clausewitz, esse imenso programa apenas será realizado de modo parcial. Do tratado de tática, apenas resta um esboço que atraiu muito pouca atenção até os dias de hoje<sup>203</sup>. O tratado de “pequena guerra” inexiste, devemos-nos contentar com o curso ministrado na Kriegsakademie em 1810, com as anotações esparsas nas correspondências e nos estudos das campanhas, em especial a de 1812 e de um capítulo do livro VI do *Vom Kriege*. O tratado sobre a grande guerra foi quase totalmente redigido, mas o seu grau de desenvolvimento é muito desigual, conforme os livros que o compõem: Clausewitz, na nota que deixou no frontispício do manuscrito, indica muito claramente que só o capítulo primeiro do livro I pode ser considerado como acabado e capaz de dar uma idéia do que seria a obra completa, uma vez totalmente redigida. Se os seis primeiros livros são quase coerentes (embora redigidos em épocas diferentes, o que explica as contradições, muitas das quais por outro lado, são apenas aparentes), os dois últimos, o livro VII sobre o ataque e o livro VIII sobre o plano de guerra, são somente esboços. Depois de uma nota datada de 10 de julho de 1827, Clausewitz viria logo atingir a uma nova etapa de seu pensamento, centrada na guerra como a continuação da política por outros meios e sobre a distinção entre as duas formas de guerra. O livro VIII dá as grandes linhas do que deveria constituir-se uma revisão do conjunto de toda a obra. Paradoxalmente, este estado de obra inacabada contribuiu para a glória póstuma de Clausewitz, deixando livres os comentadores para apresentar as mais diversas conclusões. A leitura dogmática, militarista, terá, naturalmente, uma tendência em prevalecer sobre uma análise engenhosa de uma teoria complexa.

202. A melhor biografia é a de PARET, Peter. *Clausewitz and the state*. Princeton: Princeton University, 1976; tradução para o alemão em 1993, que não dispensa aqueles que possam recorrer ao compêndio de SCHWARZ, Karl. *Leben des Generals Carl von Clausewitz und der Frau Marie von Clausewitz*. Berlim: Dümmler, 1878.

203. Bystrzonowski publicou um resumo dessa obra em francês, no ano de 1845. A tradução francesa integral apenas ocorre em 1998 e parece ser a única.

## 113 – Clausewitzianos e neo-clausewitzianos

Essa glória póstuma não foi, entretanto, espontânea. Clausewitz, praticamente, não tinha nada publicado ainda em vida, por um lado porque não tinha conduzido suas idéias ao seu ponto de perfeição e, também, porque receava que as publicações não aprofundassem, ainda mais, a sua imagem de militar intelectual. Antes de partir para a sua derradeira campanha, ele arrumou cuidadosamente em uma mala os seus manuscritos, que sua mulher se encarregou de publicar (parcialmente) em dez volumes entre 1832 e 1837. O acolhimento foi de bastante indiferença. A tiragem de 1500 exemplares não havia se esgotado ao final de 15 anos. Clausewitz não podia rivalizar com o brilho de Jomini, até mesmo em seu próprio país, com a moda, breve mas intensa, de Willisen. Na França, até os anos 1880, ele apenas será conhecido por um pequeno número de pessoas e, na maioria das vezes, por meio de um sumário publicado em *Le Spectateur militaire* por um oficial de origem polonesa, Louis de Bystrzonowski, em 1845, e os *Commentaires sur le traité de la guerre* de Clausewitz do Capitão Barre-Duparcq (1853), apesar de um oficial belga, o Major Neuens, ter traduzido *Vom Kriege* desde 1849. Como dirá mais tarde o Tenente-Coronel Grouard, “*um exército que possuía ao dispor os Commentaires de Napoléon, as obras de Jomini e do Arquiduque Charles, as Mémoires de Gouvion-Saint-Cyr et de Marmont, não tinha necessidade de ler as obras desse general prussiano para aprender a arte da guerra*”<sup>204</sup>. A Suécia, muito atenta acerca do que vinha da Alemanha, contenta-se com um sumário de umas 40 páginas (1855). O único país que manifesta um interesse imediato é a Holanda, onde E.H. Brouwer, bibliotecário da Academia militar, traduz *Vom Kriege* e as campanhas de 1796, 1799, 1812, 1813, 1814 e 1815 (1839-1843).

Somente a partir dos anos 1870 é que a sua reputação começou a firmar-se, menos por razões puramente intelectuais do que pelas nacionalistas. A Prússia, vitoriosa em Sadova (1866) e em Sedan (1870), buscou uma legitimação teórica sobre a sua superioridade no terreno e ela não podia satisfazer-se com base em Jomini, que era suíço e tinha, sobretudo, teorizado os ensinamentos de Napoleão, criticando, por vezes duramente, Frederico II. Clausewitz era um verdadeiro prussiano e, em contraponto àquele que ele denominava o “deus da guerra” apesar de o detestar (Napoleão), ele oferecia como modelo o grande Frederico, o que só causava satisfação aos leitores alemães. Moltke, que alinhava aos seus talentos de estrategista uma verdadeira envergadura intelectual, era um grande leitor de Clausewitz e assegurou a sua fama.

Assistiu-se, então, ao final do século XIX, a uma nova manifestação da síndrome de Políbio: todos os países se voltaram para o modelo alemão, que estava no seu auge, e tomaram como empreitada estudar o novo mestre da teoria: mesmo a Sérvia (tradução parcial em 1880) e o Japão (1903-1908) traduziram *Vom Kriege*. Isso mostra como esta moda, ao contrário do que por vezes comenta-se, foi tão desigual.

Até mesmo na Alemanha, Clausewitz se torna a referência canônica, *Vom Kriege* foi prefaciado pelo grande chefe do momento: Schlieffen em 1905, em seguida, depois de 1918, Von Seeckt. Mas a mística “clausewitziana” é acompanhada por uma incompreensão quase geral de um pensamento que vai contra as preocupações da casta dos oficiais. O primado da política e a superioridade da defesa são ou bem rejeitados, ou simplesmente ignorados. Os leitores buscam em *Vom Kriege*<sup>205</sup> os argumentos para sustentar suas idéias acerca da ofensiva e da batalha decisiva<sup>206</sup>. Ao reler Hans Delbrück, que se apóia na nota de 1827 para levantar a distinção entre a estratégia de aniquilamento e a estratégia do desgaste, de-

204. GROUARD, Antoine. p.5.

205. 2a ed. 1853; 3a ed. 1867-1869; 4eed. 1880; 5<sup>a</sup>ed. 1905; 6<sup>a</sup> ed. 1911; 7<sup>a</sup> ed. 1912; 8<sup>a</sup> ed. 1914; 9<sup>a</sup>, 10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> ed 1915; 12<sup>a</sup> ed. 1917; 13<sup>a</sup> ed. 1918; 14<sup>a</sup> ed. 1933. 15<sup>a</sup> ed. 1937; 16<sup>a</sup> ed. 1952; 17<sup>a</sup> ed. 1966; 18<sup>a</sup> ed. 1972; 19<sup>a</sup> ed. 1980... Esta última edição foi reimpressa, mas sempre com a mesma menção: 19a edição.

206. Cf. CLAUSEWITZ and modern strategy. Michel I. Handel. Londres: Frank Cass, 1986, com três contribuições para o tema e mais nuances em ECHEVARRÍA, A.J. Borowing from the master: use of Clausewitz in german military literature before the great war. *War and History*, July 1996.

sencadeia-se uma polêmica furiosa, a “querela dos estrategos”<sup>207</sup> (ver mais adiante o nº199). A moda é similar no império Austro-Húngaro: *Vom Kriege* é traduzido para o húngaro, parcialmente em 1892, integralmente em 1917.

A França<sup>208</sup>, vítima da Alemanha e adversário designado para o caso de uma nova guerra, manifestou o máximo interesse depois da derrota de 1870/1871. De 1880 a 1905, vivencia-se uma verdadeira moda “clausewitiana”: ela é, efetivamente, lançada pelas conferências do Comandante Cardot na Escola Superior de Guerra em 1884 e pelo estudo do Capitão Georges Gilbert em 1887<sup>209</sup>. *Vom Kriege* torna-se objeto de uma nova tradução em duas partes (e muitas vezes incorreta) pelo Coronel de Vatry, a Escola Superior de Guerra manda traduzir a maioria das campanhas. Autores franceses e alemães encetam uma polêmica acerca da interpretação de Napoleão por parte de Clausewitz. Os primeiros afirmavam que o mestre prussiano não tinha analisado corretamente. Os segundos se congratulavam por isso, pois “*as fontes de nossa força continuam a ficar interditas aos franceses*”<sup>210</sup>. A partir dos anos 1905-1910, o interesse declina para quase extinguir-se.

O mundo anglo-saxão se mostrou mais reticente<sup>211</sup>. Se os sumários de *Vom Kriege* foram traduzidos desde 1834<sup>212</sup> em uma revista inglesa e houve continuidade em uma revista norte-americana no ano seguinte, eles só representam cerca de 20 páginas. A obra completa somente foi traduzida em 1873, com inúmeros erros, pelo Coronel Graham, cuja tradução será revista por F.N. Maude em 1908. O insucesso é retumbante: em 12 anos, foram vendidos 69 exemplares! A forma filosófica da obra choca-se com o pragmatismo britânico. Corbett, que transpõe para a estratégia marítima a abordagem “clausewitiana”, é uma exceção. Durante a Grande Guerra, o Major-General Pilcher produz um resumo dela, *War according Clausewitz* (1918) dentro de um espírito bastante hostil. Mesmo Fuller e Liddell Hart, que leram a obra, não extraíram de *Vom Kriege* os elementos de suas teorias<sup>213</sup>. Nos Estados Unidos, a influência de Jomini permaneceu absoluta até a segunda metade do século XX, eclipsando completamente o seu concorrente prussiano. Raymond Aron salientava, em 1976, que entre os grandes nomes da comunidade estratégica norte-americana, só Bernard Brodie lhe parecia ter estudado, com profundidade, a obra de Clausewitz<sup>214</sup>.

Na Itália, Clausewitz foi muito pouco estudado no século XIX, salvo, exceção muito importante, por Nicole Marselli. A sua descoberta só começa com o ensaio de Emilio Canevari, *Clausewitz e la guerra odierna* (1930). Uma seleção de páginas escolhidas foi publicada no mesmo ano, esperando uma tradução integral de *Vom Kriege*, feita

207. PARET, Peter. Hans Delbrück on military critics and military historian. *Military Affairs*, 19963.

208. A referência fundamental, aqui é ARON, Raymond. *Penser la guerre*, até completar-se por Bruno Colson em “La première traduction française de *Vom Kriege* de Clausewitz et sa diffusion dans les milieux militaires français et belges avant 1914”. A tese do Tenente-Coronel Bruno Durieux irá, proximamente, trazer várias revelações.

209. Retomada e completada nos ESSAIS de critique militaire. Paris: Librairie de la Nouvelle Revue, 1890. Gilbert se aplica em mostrar a superioridade de Napoleão sobre seus sucessores alemães.

210. CAEMMERER, Von. *L'Évolution de la stratégie au XIXe siècle*. p.121.

211. Cf. BASSFORD, Christopher. *Clausewitz in English: the reception of Clausewitz in Britain and America 1815-1945*. New York: Oxford University, 1994.

212. E a *Campagne de 1812* em 1843. Hoje, ainda, é a única que foi traduzida.

213. LUVAAS, Jay. Clausewitz, Fuller and Liddel Hart. In: HANDEL, Michael I. *Clausewitz and Modern strategy*, p.197-212.

214. ARON, op. cit. p.347. Bernard Brodie prefaciou uma nova tradução de *Vom Kriege*, realizada por Michael Howard e Peter Paret, *On War*, Princeton University Press, 1976. O projeto de obras escolhidas, em 6 volumes, não terminou. Só publicou-se um volume único, *Historical and Political Writings*, 1992.

por Canevari e o General Bollati, a qual somente aparecerá em 1942<sup>215</sup>. O riquíssimo pensamento militar italiano serviu-se mais de Jomini e dos autores franceses (sem esquecer as suas próprias tradições) do que do mestre prussiano.

A Espanha se mostra totalmente refratária ao século XIX. O tradutor de Willisen parece reproduzir um sentimento corrente quando ele trata Clausewitz de “*insolvente*”. Ele quase não é citado. O Coronel Baños y Comas (*Estrategia*, 1887) é um dos raros autores a estudá-lo, mas com o fim de opor-lhe a Lewal, arquétipo da abordagem positivista que era, então, dominante. Faz-se necessário esperar até 1908 para que apareça a primeira tradução, parcial (os três primeiros livros), de *Vom Kriege*. A tradução integral em espanhol somente vai ocorrer logo após a Segunda Guerra Mundial, no Peru (1948). A Espanha só irá conhecer efetivamente a obra de Clausewitz nos anos de 1970. Igualmente, pode-se dizer o mesmo do mundo português e lusófono.

A influência de Clausewitz foi maior na Rússia, pelo que se dispõe de uma monografia notável<sup>216</sup>. Clausewitz foi introduzido desde 1836, em especial pelo General Bogdanovich, professor da Academia Militar de São Petersburgo, depois pelo General Leer nos anos 1850-1870 (o qual combina, curiosamente, Clausewitz e Jomini), entretanto, ele sofreu por muito tempo a concorrência de Jomini. A primeira edição Russa de *Vom Kriege* só aparece em 1902, suscitada provavelmente pelo sumário (bastante orientado para o aspecto operacional) que o General Dragomirov fez nos anos de 1880 (com traduções para o alemão e francês, em 1889). A descoberta verdadeira se produzirá depois da revolução bolchevique. Lenin tinha-o lido minuciosamente e feito anotações. Nos anos de 1930, a moda “clausewitiana” alcança uma extensão admirável: *O Vojne* (Da Guerra) torna-se o objeto de uma nova tradução em 1932-1933, reeditada em 1934, em 1936, em 1937, em 1941, e completada pelas edições bielorrussa (1934) e ucraniana (1936), e as várias campanhas (1796, 1799, 1806, 1812) são traduzidas entre 1937 e 1939. O General Svechin vale-se dele para reabilitar a defensiva e dedica-lhe um ensaio (Klauzevitz, 1935). A queda é brutal depois da Grande Guerra patriótica. Stalin dirige um ataque violento contra os “ideólogos militares alemães”<sup>217</sup>. A sua morte permitirá retornar, progressivamente, uma apreciação positiva. Quase 50 anos se passarão entre a 5ª (1941) e a 6ª (1990) edições de *O Vojne*.

De um modo geral, ao entusiasmo que prevalece entre os anos 1870 a 1914, sucede um longo período de indiferença, pelo menos relativa; o entre-guerras apenas conhece algumas traduções ou edições, com exceção da Rússia: tradução finlandesa parcial (1924), polonesa (1928), romena (1932), turca (cerca de 1930), servo-croata (1939-1940); nenhuma reedição das traduções inglesa e francesa. Clausewitz é acusado com muita facilidade de ter favorecido os massacres da guerra mundial: Liddel Hart se dedica a uma recriminação implacável (*The Ghost of Napoléon*, 1937). Após um breve crescimento do interesse provocado pela Segunda Guerra Mundial (uma nova edição russa, 1941; uma tradução para o sueco parcial, 1942; uma edição norte-americana, 1943), uma estiagem prevalece até os anos 1970: novas traduções francesa (por Denise Naville, 1955) e japonesa (1965); tcheca (1959), grega (1960), húngara (1961-1962); e uma edição norte-americana parcial, prefaciada por Anatol Rapoport (1960).

A partir dos anos 1970, ao contrário, as traduções afluem: espanholas (1972, 1978 – cubana – e 1984), norueguesa (1972), portuguesa (1976), uma nova para o inglês (1976), uma israelense (1977), chinesa (1980-1985), uma nova romena (1982), uma nova holandesa (1982), dinamarquesa (parcial, 1986), suecas (1981 e 1991), uma nova grega (1991),

215. BOTTI, Fenicio. Clausewitz en Italie. *Stratégique*, 2/3, p78-79, 2000.

216. ROSE, Olaf. *Carl von Clausewitz. wirkungsgeschichte seines werkes in russland und der sowjetunion 1836-1995*. Munich: Oldenborburg Verlag, 1995.

217. ROMER, Jean-Christophe. Quand L'armée rouge critiquait Clausewitz. *Stratégique*, 33, 1987-1.

indonésia (?), árabe (parcial, 1998), finlandesa (parcial, 1998, três vezes mais desenvolvida que aquela de 1924). As Forças Armadas norte-americanas se atiram sobre a tradução de Paret e Howard, que se torna leitura obrigatória no Naval War College em 1976, e na Air University em 1978 e no Army War College em 1981<sup>218</sup>.

Hoje, os estudos sobre Clausewitz podem fundamentar-se, apesar da falta surpreendente de uma edição das obras completas, sobre bases sólidas, com a publicação da quase totalidade dos escritos do mestre<sup>219</sup>, de inúmeras traduções, úteis apesar dos seus defeitos<sup>220</sup>, e de numerosos ensaios e comentários, dos quais o mais importante é o de Raymond Aron (*Penser la guerre. Clausewitz*, 1976, traduções para o inglês, alemão, espanhol, português, grego e japonês). A condenação do “doutrinariismo” oficial do militarismo alemão é acompanhada de uma ação de reler o teórico<sup>221</sup>, da qual se descobre que ele se interessou pelo armamento do povo e pela guerrilha, que o seu pensamento é infinitamente mais complexo do que aquilo que foi dito pelos autores do final do século XIX, e assim, interrogamo-nos sobre o sentido que ele teria dado à revisão completa de *Vom Kriege...* As resistências, pouco numerosas, revelam uma incompreensão da riqueza teórica do mestre.

## 114 – Jomini e Clausewitz

O movimento para buscar o equilíbrio entre os dois pais fundadores da teoria estratégica contemporânea é lógico, uma vez que tudo tende a opô-los. Clausewitz tinha criticado duramente Jomini, mesmo que o fizesse em comentários encobertos; Jomini se vingou em sua obra *Précis de l'art de la guerre*, disparando algumas flechas sobre seu rival, desaparecido prematuramente, reprovando-lhe, especialmente, por proclamar a impossibilidade de uma teoria da guerra, para em seguida propor a dele. Os seus sucessores continuaram *post-mortem* o duelo dos dois, usando floretes com protetores na ponta (quer dizer: sem ferir mortalmente): ou se era “jominiano” ou “clausewitiano”. Uma tal atitude é facilmente comprensível, uma vez que as diferenças de estilo e de substâncias são grandes, tornando problemático o esboço de uma síntese entre aqueles dois gênios tão diferentes.

218. WASINSKI, Christophe. Paradigme clausewitzien et discours stratégique aux États-Unis 1945-1999. *Stratégique*, 2/3, 78-79, 2000, que nota, com justiça, as ambigüidades dessa moda, falando mesmo de uma “jominização de Clausewitz”.

219. É preciso sempre se referir à edição, em dez volumes, publicada por sua viúva de 1832 a 1837 e que é bastante incompleta. Múltiplos textos foram publicados um pouco por toda parte. Encontram-se ainda inéditos (por exemplo, uma carta para o Príncipe Augusto da Prússia sobre as campanhas de 1796 e 1797 na Itália. NA UNKNOWN letter by Clausewitz. Ed. por Peter Paret. *The Journal of Military History*, apr. 1991). O III Reich tinha lançado o projeto de uma nova edição, mas esta não havia sido concluída. O professor Werner Hahlweg conseguiu oferecer uma edição crítica de *Vom Kriege* que é uma referência (19ª edição) e publicou três grandes volumes de diversos escritos, em 1966, 1979 e 1992, que compreendem especialmente o curso sobre a “pequena guerra”. Nos Estados Unidos, o *Clausewitz Project*, lançado em 1964, foi abortado. A França tenta, por sua vez, uma experiência com as obras (quase) completas sob a égide da Comissão Francesa de História Militar e do Instituto de Estratégia Comparada. Estão previstos doze volumes.

220. Raymond Aron põe-se de acordo com o General Poirier para julgar que a tradução de Denise Naville não permite um estudo científico de *Vom Kriege*. Benoit Durieux sugeriu algumas correções em DURIEUX, Benoit. *Relire de la guerre de Clausewitz*. Paris: Économica, 2005. p.158-160. Quanto à tradução para o inglês de Michael Howard e Peter Paret, embora ela represente um progresso considerável em relação àquela do Coronel Graham e de Maude, um comentarista verificou que ela “corrects a lot of errors but adds others” (corrige uma série de erros, mas ela adiciona outros). Ver um bom exemplo de diferença de tradução em HONIG, Jan Willem. Interpreting Clausewitz. *Security Studies*, spring, 1994. p.575576.

221. CIMBALA, S.J. *Clausewitz and escalation: classical perspective on nuclear strategy*. Londres: Frank Cass, 1991.

Uma tal abordagem é, porém, superficial. O Tenente-Coronel Albrecht von Boguslawski, ele próprio um jominiano, foi, provavelmente, o primeiro a observar, em 1881, no seu prefácio à tradução alemã do *Précis de l'art de la guerre*, que as diferenças entre os dois autores não eram também insuperáveis como acreditava-se até então: “*a mesma concepção da íntima relação entre a guerra e a política, visões idênticas sobre a concentração das forças para golpear em um dado ponto, idéias semelhantes no que concerne à utilização das linhas de operações*”<sup>222</sup>. Nas duas obras, encontra-se uma matriz comum resultante, por sua vez, da herança dos pensadores do século XVIII (mesmo se todos os dois se empenham, por razões diferentes, a rebaixá-los) e da experiência básica das guerras napoleônicas.

Por essa razão, as diferenças são consideráveis. Elas foram sintetizadas pelo Coronel suíço David Reichel nas seguintes proposições: “*1) A maneira de apresentar as coisas: estetismo filosófico no caso do primeiro, trabalho de escultor para o segundo, que martela o mármore. 2) A bipolaridade ofensiva-defensiva que obceca Clausewitz, não existe em Jomini que distingue quatro fatores essenciais: a incerteza, a manobra, o poder de fogo, o choque. E afinal 3) A recusa, por parte de Jomini, dos exércitos de massa, cuja utilização somente pode sancionar a escorregadela para a barbárie (ver 1914-1918), enquanto todos os esforços de Clausewitz levam à criação de tais exércitos*”<sup>223</sup>. Encontra-se aqui a ilustração de um fenômeno universal: um campo tão vasto como a estratégia pode fazer-se objeto de uma miríade de abordagens sem que qualquer uma, mesmo a mais genial, possa pretender esgotar a matéria.

O Tenente-Coronel Émile Mayer, em um artigo judicioso acerca da rivalidade entre Jomini e Clausewitz, chegou à única conclusão justa: “Os escritos desses dois grandes teóricos completam-se mutuamente. Tanto na obra de um, quanto na do outro, pode-se aprender a grande guerra, mas ter-se-á um melhor conhecimento, lendo a todos dois”<sup>224</sup>. Se é permitida uma comparação musical, Jomini e Clausewitz são o Haendel e o Bach da estratégia: o primeiro é mais brilhante, o que explica a aceitação que ele conheceu em sua vida, o segundo é mais profundo, o que explica a sua duradoura posteridade depois de um lento amadurecimento. Mas os dois devem ser lidos com um igual proveito.

## Subseção II – A primeira parte do século XIX

### 115 – Um rico pano de fundo

Jomini, Clausewitz e, de modo acessório, o Arquiduque Charles dominam a ciência estratégica do tempo deles a tal ponto que todos aqueles que tiveram a infelicidade de escrever na mesma época deles foram imediatamente desqualificados, não tiveram nem mesmo direito a existir. Ao melhor, eles aparecem fugazmente nas obras através da história como contrapontos sem importância e sem amanhã. Sem amanhã, talvez, em um plano teórico. Sem importância é uma outra questão. Esses autores foram lidos intensamente e, alguns, entre eles, puderam exercer uma grande influência. É graças ao esforço conjunto de uma quantidade de pensadores, hoje esquecidos, que o vocabulário fica mais preciso, que os conceitos tomam forma, que a formação individual de alguns indivíduos de elite vai, progressivamente, dar lugar a doutrinas elaboradas.

- 
222. LANGENDORF, Jean-Jacques. Clausewitz et Jomini, deux biographies impossibles? In: LA BIBLIOGRAPHIE: modes et méthodes. *Direção* de Robert Kopp. Paris: Honoré Champion-Fondation Guy de Pourtalès, 2001. p.161.
223. LANGENDORF, op. cit. p.162.
224. MAYER, Émile. La rivalité de Jomini et de Clausewitz. *Bibliothèque Universelle et Revue Suisse*, p.334, sept./déc. 1924.

Como no século XVIII, o arrolamento sistemático de toda essa literatura resta por fazer. Jomini chama a atenção, em poucas palavras, que “*a queda de Napoleão, ao deixar livres muitos oficiais estudiosos, em razão do tempo de paz, transformou-se no sinal de aparição de uma multidão de escritos militares de todos os gêneros*”<sup>225</sup>. Normalmente, tratam-se de trabalhos limitados à tática. Aqueles que se elevam à estratégia combinam, como regra geral, as influências do Arquiduque Charles e de Jomini. É um período de tentativas e experimentos durante o qual os autores procuram conciliar o modelo napoleônico com as inovações técnicas.

## 116 – A escola alemã

Jomini cita o bávaro Xylander, naturais de Wurtemburgo, Theobald e Müller (de fato Moritz Von Miller), os prussianos Valentini, Wagner, Decker e Hoyen, todos generais, aos quais seria necessário acrescentar, pelo menos, o Major Heinrich von Brandt (*Handbuch für den ersten Unterricht in der höheren Kriegskunst*, 1829) e, o autor anônimo dos *Grundzuge der praktischen Strategie* (1928). Curiosamente, ele não menciona os dois grandes predecessores de Clausewitz, os Generais Von Lossau<sup>226</sup> e Rühle von Lilienstern<sup>227</sup>, já citados (ver antes o item 108), sem dúvida em conflito com a “inclinação diletante deles pela filosofia que os conduziu ora na direção de um ceticismo excessivo, ora em direção às extravagâncias especulativas sem valor teórico ou prático”<sup>228</sup>, sem dúvida também por razões pessoais<sup>229</sup>. Irá caber a Clausewitz fazer a síntese de todas esses elementos esparsos, com uma incomparável autoridade, e de desembaraçar o pensamento alemão do seu invólucro especulativo. A sua lição só será assimilada lentamente, como disso dá testemunho a *Theorie des grossen Krieges* (1840; traduções, espanhola 1850, francesa não publicada, pela Escola Superior de Guerra da França, em torno de 1890) do General Willisen que deseja realizar a síntese de Hegel e de Clausewitz: com uma fraseologia terrível, são encontradas as geometrias de Von Bulow e Jomini. Sua falência teórica será acompanhada de sua derrota retumbante no campo de batalha de Idstedt contra as milícias dinamarquesas (1850)<sup>230</sup>. Isso não o impedirá de continuar a escrever... O elo será logo a seguir retomado por Wilhelm Rüstow, já citado (ver antes o nº 111).

A tradição austríaca, injustificadamente ocultada, prossegue com uma figura fora do comum, o Marechal Radetzki, procônsul na Lombardia-Venetia<sup>231</sup>, autor de inúmeras obras que permanecerão quase todas inéditas. Assiste-se a um esforço de renovação depois do desastre de 1866, com o General Barão Joseph-Wilhelm von Gallina, autor de notáveis trabalhos acerca da condução das grandes unidades (*Tecknik der Armee-Leitung*, 1866), que suscitarão um interesse intenso no estrangeiro.

225. JOMINI, op. cit. p.9.

226. A obra de Loussau é coroada por um compêndio histórico que vai de Alexandre a Napoleão, *Ideale der Kriegsführung* (1836-1843).

227. Como um Pic de la Mirandole, Rühle tocou em todos os assuntos: arqueologia, numismática, música, linguística, história das religiões, filosofia... Mas ele nunca concluirá seu *Handbuch für den Offizier*, cujas duas primeiras partes publicadas (1817-1818) só tratam de tática elementar. As duas outras deveriam tratar da tática superior e da estratégia.

228. ROSINSKI, Herbert. Scharnhorst to schlieffen: the rise and decline of german military thought. *Naval War College Review*, p.83, summer 1976.

229. Jomini era, inicialmente, bastante ligado a Rühle, mas eles tinham brigado, no ponto de polemizarem abundantemente.

230. Cf LANGENDORF, Jean-Jacques. Apresentação. In: WILLISEN. *Théorie de la grande guerre*. Paris: ISG-CFHM Économica, Bibliothèque Stratégique, 2003.

231. Quando não escreve mais, ele repovoou sua província. Ele deixará 251 filhos naturais, todos reconhecidos e beneficiados por pensão pelo Estado austríaco.

## 117 – A escola italiana

A Itália gera uma monografia exaustiva<sup>232</sup>, o que revela uma produção abundante, ao redor de dois pólos, piemontês e napolitano. O primeiro é mais produtivo, com Joseph Pougny-GUILLET de Monthoux (*Éléments de stratégie et de tactique*, 1832), Paul Racchia (*Précis analytique sur l'art de la guerre*, 1832), Enrico Giustiniani (*Essai sur la tactique des trois armes isolées et réunies*, 1848. *Nozioni elementari di strategia*, 1851). A reflexão mais política de Giuseppe Cridis (*Della Política militare*, 1824); e, sobretudo, Luigi Blanch (*Della Scienza militare considerata nei suoi rapporti colle altre scienze e col sistema*, 1832; traduzido para o espanhol em 1851, francês, 1854), é o autor italiano mais importante da primeira metade do século, mas que é mais um filósofo da guerra do que um estrategista. A escola napolitana está representada por Donato Ricci (*La Scienza della guerra in progetto militare*, 1824), Francesco Sponzilli (*Sunto di alcune lezioni di strategia*, 1837) e Girolamo Ulloa (*Sunto della tattica delle tre Armi*. 1838)... aos quais faz-se necessário acrescentar inúmeros autores secundários.

Ao lado desses pensadores que Ferruccio Bolti qualifica de “escolásticos”, isto é, próximos dos meios oficiais, há, também, os teóricos “laicos”, intelectuais independentes de um tom mais crítico: a escola lombarda do Politécnico, cujos expoentes principais são Andrea Zambelli e Carlo Cattaneo, e o piemontês Cesare Cantù (*Sulla guerra*, 1846), que se interessam, como Blanch, mais sobre a guerra como fenômeno social do que pela estratégia propriamente dita. Outros autores focalizam sobre o problema imediato, o da guerra com a Áustria, tendo em vista a realização da unidade italiana: Cesare Balbo e Vincenzo Gioberti.

## 118 – A decadência espanhola

Depois da “guerra da independência” contra os franceses, a Espanha não chega a encontrar um equilíbrio. O século XIX será somente uma sucessão de guerras civis e de “pronunciamentos” (termo espanhol que designa um golpe de Estado perpetrado por militares), até a conclusão lógica que será a derrota diante dos Estados Unidos, na guerra de 1898. A reflexão militar reflete esse rebaixamento. Na verdade, pode-se, ainda, identificar inúmeros autores<sup>233</sup>, mas eles são de importância secundária na história da ciência estratégica, sem, por essa razão, serem desprezíveis. O Brigadeiro Juan Sánchez Cisneros introduz na Espanha o estudo da estratégia (*Ideas sueltas sobre la ciencia militar*, 1814. *Principios elementales de la estrategia*, 1817), imitado por José Cortines Y Espinosa (*Lecciones de estrategia*, 1827), mas isto se defronta com resistências: prefere-se, em vez disso, permanecer com o velho conceito de *Milícia*, o da estratégia não aparece na obra maior de Evaristo San Miguel, *Elementos del Arte de la Guerra* (1826), cuja perspectiva, apesar disso, é bastante ampla. Retornado do exílio, San Miguel lança a *Revista militar* (1838), que terá uma existência caótica, com várias interrupções na sua publicação. É preciso esperar até o meio do século para encontrar obras importantes sobre tática, com o *Proyecto de táctica de las tres armas* (1852; tradução alemã 1865) do Marquês Duero, e sobre estratégia, com as *Nociones del Arte Militar* (1863) do Comandante Francisco Villamartín, cuja importância somente será reconhecida após a sua morte prematura, aos 39 anos, em 1872<sup>234</sup>.

232. BOTTI, Ferruccio. *Il Pensiero militare e navale italiano dalla rivoluzione francese alla Prima Guerra Mondiale*. Rome: Stato Maggiore dell'Esercito-Ufficio Storico, 1995-2001. v.1. 1789 - 1815 e v.2. 1815 - 1870.

233. Cf. a bibliografia impressionante de MURO MORALES, José Ignacio. *El pensamiento militar sobre el territorio en la España contemporánea*. Madrid: Ministério de Defensa, 1992.

234. Cf. a *Revista de História Militar*, 1983, número especial dedicado a Villamartin.

## 119 – A incógnita portuguesa

A escola portuguesa é muito discreta. Um único autor parece ter obtido uma certa reputação, Luis da Camara Leme (*Elementos da Arte Militar*, 1864). Ele apresenta seu livro como um primeiro ensaio de síntese<sup>235</sup>, o que sugere que ele quase não teve predecessores. Talvez um exagero, de acordo com um pequeno defeito comum a muitos eruditos. Antes dele, há, pelo menos, José Fortunato Barreiros (*Ensaio sobre os principios geraes de strategia e de grande tactica*, 1837), que se vale de Jomini e do Arquiduque Charles. Faz-se necessário saber o que contém as *Noções geraes da guerra* (em torno de 1850), de Antônio José da Cunha Salgado ou as *Meditações militares* (1871) de José da Cunha Vianna. Uma revista militar é publicada, sem interrupção a partir de 1849, que apenas vai tornar-se acessível, muito timidamente, ao tema da estratégia, ao final do século.

## 120 – A escola russa

A escola russa continua a oscilar entre uma via, puramente nacional e os empréstimos estrangeiros<sup>236</sup>. O General de artilharia Nicolas Medem, em *Obozrenie investnjchich pravil i sistem strategij* (ensaios sobre as regras e sistemas conhecidos de estratégia, 1836) analisa as obras de Lloyd, Büllow, Jomini e Clausewitz. Depois em *Taktika* (1837), ele anuncia o regresso a Souvorov que se desenvolverá nos últimos decênios do século. O Coronel M. I. Bogdanovich dedica seus *Zapiski strategii* (ensaços de estratégia, 1847) a Napoleão, ao Arquiduque Charles e a Jomini. O General Astafev analisa “a arte da guerra moderna” após a guerra da Criméia (*O sovremennom voennom iskussstve*, dois volumes, 1856-1861). Seu livro se insere na corrente reformadora suscitada pela derrota e dirigida por Dimitri Milioutine, historiador militar conhecido e Ministro da Guerra de 1861 a 1881. O coronel, e depois General, Okounieff publica inúmeras obras, entre as quais *Mémoire sur les principes de la stratégie* (1831) e um comentário estratégico da campanha de 1812 (tradução para o francês em 1841, alemão em 1876). No final do século, Lewal o coloca no mesmo plano de Jomini e Clausewitz, o que parece um pouco exagerado.

## 121 – A ausência britânica

A produção britânica permanece modesta, quase inexistente. A desconfiança com relação à teoria persiste: o Marechal Sir John Fox Burgoyne (o filho do vencido em Saratoga) exprime um estado de espírito comum quando ele afirma que as tarefas de um oficial são “essencialmente práticas” e que “há pouco a aprender nos livros”<sup>237</sup>. O desdém pela estratégia é particularmente acentuado. O Exército britânico se limita aos teóricos continentais, em particular a Jomini, ao qual o futuro General Sir William Napier, autor de uma obra monumental sobre a história da guerra da Espanha (*History of the War in Peninsula*, 1828-1840), ajuda o público britânico a descobrir em 1821, seguido por James Anthony Gilbert (*Exposition of Principal Military Combinations*, 1825). Em compensação, os esforços do Major-General

235. LEME, Luis da Câmara. *Elementos da arte militar*. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874. p.13.

236. DYKE, Carl von. *Russian imperial military doctrine and education*. Westport: Greenwood, 1990 e PINTER, Walter. Russian military thought: the western model and the shadow of suvorof. *Makers of Modern Strategy*.

237. Cf. LUVAAS, Jay. *The education of an army: British military thought 1815-1840*. Chicago: The University of Chicago, 1964. p.88.

John Mitchell para fazer conhecidos os pensadores alemães, em especial Berenhorst e Clausewitz (*Thoughts on Tactics and Military Organizations*, 1838) permanecem sem futuro. George Twemlow experimenta justificar as mudanças em curso (*Considerations of Tactics and Strategy*, 1853), com um pouco mais de sucesso que a sua refutação a Darwin ou sua demonstração da historicidade do Dilúvio.

O despertar intelectual se produz nos anos 1850, ao redor do Staff College, depois dos resultados ambíguos da guerra criméia. Ele se insere na tradição “jominiana”. O Comandante Patrick MacDougall apresenta uma exposição sistematizada dos clássicos da tática e da estratégia, de Frederico II a Jomini, a qual conhece um grande sucesso (*The Theory of War*, 1856, 1858, 1862; tradução para o francês em 1862, e alemão) antes de extrair as consequências da Guerra da Secessão (*Modern Warfare as Influenced by Modern Artillery*, 1863). O autor mais notável (e o único verdadeiramente estratégista) é Sir Edward-Bruce Hamley, cujo livro principal *The Operations of War* tem oito edições de 1866 a 1914 (as três últimas, 1907, 1909 e 1914, revisadas pelo General Kiggell). Será reeditado, ainda, em 1922. Sua notoriedade é grande nos Estados Unidos, assim como na Espanha (tradução espanhola em 1876) e até mesmo na Alemanha (onde é aclamado por Moltke). Em compensação, é desconhecido na França.

## 122 – A escola francesa

A produção francesa é dominada pelo *De l'esprit des institutions militaires*, do Marechal Marmont, publicado em 1845 e reeditado, constantemente, até 1865. Hoje negligenciado, ele foi bastante lido, uma vez que ele expunha a teoria geral da arte militar, a organização e a manutenção dos exércitos, as diversas operações de guerra (marchas, batalhas, retiradas, defesa dos sítios...) e, finalmente, a filosofia da guerra (os costumes dos soldados, o perfil do General...) de maneira clara e expressiva<sup>238</sup>. Entre os outros marechais do Império, Gouvion Saint-Cyr publicou as *Mémoires pour servir à l'histoire militaire sous le Directoire, le Consulat et l'Empire*<sup>239</sup>, do qual foram derivadas *Maximes de guerre*, que tiveram uma grande difusão. O General Rogniat publicou as *Considérations sur l'art de la guerre* (1816; traduções para o alemão 1823, espanhol 1827, sueco 1834) que pleiteavam um sistema legionário assemelhado ao dos antigos e criticavam Napoleão. O Imperador, ao ter conhecimento disso, a ele respondeu em *Observations*<sup>240</sup>, obra que os estratégistas negligenciam hoje, enquanto os historiadores tratam com desprezo<sup>241</sup>; injustamente, visto que neles se encontram, entre os múltiplos resumos ditados em Santa Helena, máximas e comentários de uma elevada perspectiva<sup>242</sup>. Mas será preciso esperar o Segundo Império para que o conjunto desses textos seja publicado. Eles serão ofuscados pela edição de *Correspondance*, que se tornará uma das referências privilegiadas para os autores da Bela Época.

238. Cf. COLSON, Bruno. Apresentação. In: MARMONT. *De l'esprit des institutions militaires*. Paris: ISC-Économica, Bibliothèque Stratégique, 2001.

239. Cujos quatro volumes, surgidos em 1831 após a morte do marechal, cobrem apenas os anos 1798-1800 (I e II) e 1812-1813 (III e IV).

240. Rogniat replicou pelas *Nouvelles considérations* (1823). Rogniat foi refutado, igualmente, por MARBOT. *Remarques critiques sur l'ouvrage de M. le Général Rogniat*, 1820.(Cf. COLSON, Bruno. *Le Général Rogniat, premier ingénieur de la grande armée et critique militaire de Napoléon*. Paris: ISC-Économica, Bibliothèque Stratégique, 2006.)

241. Tendência bem apreciada pelo General Poirier quando ele fala da inveja dos críticos.

242. As obras oriundas de Santa Helena foram objeto de várias edições, aí incluído a em inglês (desde 1831, chandler publicava *The Military Maxims of Napoléon*). A mais certa é aquela ordenada por Napoleão III. *Commentaires de Napoléon Ier*, Paris: Imprimerie Impériale, 1867. 6v. Convém desconfiar de certas edições, como a de Le Vasseur, *Commentaires de Napoléon*, Paris, Corréard, 1851, que tenta “completar as partes inacabadas do monumento que Napoleão construía em seu exílio”.

Colocar-se-á a parte os *Principes de stratégie élémentaires et de progrès* (1846) do General Victor Rémond, pela boa razão de que ele caiu imediatamente no mais completo esquecimento: desconhecido de Guillon e dos historiadores mais eruditos, ele não é citado em parte alguma<sup>243</sup>. Apesar disso, ele foi publicado pela livraria Dumaine, editor de Marmont, o que deveria ter-lhe assegurado uma boa divulgação, uma vez que não se trata de um opúsculo circunstancial, mas de um robusto tratado de mais de 600 páginas, repleto de Arquiduque Charles e de Jomini. Sem ser excepcional, não obstante ele é lido com proveito. Um exemplo de tesouro escondido que só aguarda seu “descobridor”.

Os anos 1815-1870 são, para a França, um período de instabilidade política. O debate sobre o Exército não pode deixar de ser afetado. À direita, alguns peliteiam por um retorno à tradição interrompida em 1789; é a acepção das *Réflexions militaires* (1818) do príncipe Louis de Hohenlohe Bartenstein, da *Philosophie de la guerre* (1827, 3<sup>a</sup> edição ampliada de dois capítulos em 1838; tradução espanhola 1847) do General de Chambray, do *Essai sur l'organisation défensive militaire de la France* (1835) do General Vaudoncourt. Eles suscitam a oposição dos liberais, cujos expoentes são os Generais Lamarque e Foy. O Coronel Marbot (*De la nécessité d'augmenter les forces militaires de la France*, 1825), o General Morand (*De l'Armée selon la Charte*, 1829) o Tenente-Coronel Paixhans (*Force et Faiblesse militaires de la France*, 1830) propõem reformas militares que não receberão nenhum seguimento. Mas trata-se de um debate antes de mais nada político, não sendo, uma questão de estratégia.

Encontram-se estudos mais técnicos, por exemplo, o *Traité de tactique* do Marquês de Ternay (1832)<sup>244</sup>, os *Cours d'art et d'histoire militaire* de Jacquinot de Presle (1829; tradução para o espanhol em 1833, holandês 1836, italiano 1851) e de Rocquancourt (1831; tradução para o espanhol em 1849), ou os trabalhos históricos dos Generais Carrion-Nisas e Pelet; o Marechal Bugeaud extraí da sua experiência os *Aperçus sur quelques détails de la guerre*, que conhecerão um imenso sucesso (1846, 24 edições até 1873). Porém, em todas estas obras, trata-se só da questão da tática. O mesmo acontece com os *Études sur le combat* do Coronel Charles Ardant du Picq, a obra militar francesa de maior importância no século XIX, a qual só será conhecida após a morte do seu autor, morto à frente do seu regimento em 1870<sup>245</sup>.

Ao início do século XX, o Comandante Mordacq deu a conhecer um julgamento muito severo sobre tal período: “Depois do Marechal Marmont até a guerra de 1870, a pesquisa seria em vão, nas obras militares francesas publicadas durante este período, de um livro que tivesse por objeto a condução dos exércitos, que fosse verdadeiramente interessante, realmente original”. A época, dominada pela “escola des Innéistes – escola resultante infelizmente das guerras da África, da Criméia e da Itália e que possuía a seu favor a sanção da vitória. Para que serve esse trabalho, para que ir pesquisar na mixórdia dos livros uma ciência inútil, pois bastava ir para frente para obter o sucesso?”<sup>246</sup>. Esta imagem, amplamente aceita, foi recentemente matizada, em especial por um universitário britânico, que sublinhou a abundância da produção livresca, a difusão da imprensa militar (o *Journal des sciences militaires*, fundado em 1825, Le

243. Sua existência me foi revelada por um de seus descendentes.

244. Redigido no período de emigração a Portugal, de 1797 a 1813, e revisada eficazmente pelo Tenente-Coronel Koch, professor de arte e história militares na Escola de Aplicação do Estado-Maior, o qual foi ajudante-de-campo de Jomini.

245. Publicados sob a forma de artigos em 1876-1877, os *Études sur le combat: combat antique et combat moderne* foram reunidos em um volume em 1880 e tiveram reedições em 1903, 1942, 1978 e 2004. Traduções para o espanhol em 1883, inglês (nos Estados Unidos) 1921, português 2000.

246. MORDACQ, op. cit. p.63.

*Spectateur militaire* no ano seguinte, o *Journal de l'Armée*, lançado em 1833, *Le Moniteur de l'Armée*, fundado pelo Ministério em 1840, para fazer contrapartida ao precedente, com uma tiragem de muitos milhares de exemplares), a fonte da inovação...<sup>247</sup> O período não é um deserto intelectual. Mas é verdade que tais debates, preferencialmente, foram a respeito da organização do exército e, de modo acessório, sobre a tática. Eles não desembocaram na constituição de uma doutrina estratégica francesa: sobre isso dedicava-se antes de mais nada ao dinamismo da tropa e ao golpe de vista do general. A maioria dos oficiais fica indiferente a essa reflexão.

Sob o parágrafo Segundo Império, a esclerose torna-se evidente<sup>248</sup>: o antiintelectualismo é, então, tão forte que uma designação como professor para Saint-Cyr foi vista como prejudicial para a carreira de um oficial<sup>249</sup>. A derrota de 1870 punirá duramente esses velhos hábitos e mostrará a necessidade de uma doutrina constituída.

## 123 – Um movimento policêntrico

Os autores franceses conservam uma grande influência. Jomini é, antes de tudo, o mais lido em francês, Marmont é traduzido para o espanhol (1845) alemão (1845), inglês (1862 para a edição norte-americana e 1865 para a britânica), para o italiano (1866, 1939): ele é a principal referência para os italianos Carlo De Cristoforis e Nicole Marselli e do espanhol Francisco Villamartín. Gouyon Saint-Cyr é traduzido para o alemão (1823). Bugeaud é lido por toda parte, com traduções para o dinamarquês (1849), alemão (1850), italiano (1850), inglês (1863, para os confederados), sueco (1866), espanhol (1874). É um dos autores preferidos do russo Dragomirov. Sua influência é, ainda, bastante forte para provocar uma reação nacionalista na Itália: os anos 1815-1845 são marcados por uma controvérsia violenta entre os “puristas”, que demandam por um vocabulário expurgado das influências estrangeiras, e os “antipuristas”<sup>250</sup>. O mesmo se passa na Alemanha, onde o General Carl von Decker ocupa-se de somente citar os autores germânicos (*Ansichten über die Kriegsführung im Geiste der Zeit*, 1817). Porém, se o francês permanece como a língua internacional (isto é bem nítido na Espanha e na Itália, onde os autores alemães, particularmente Clausewitz, só são conhecidos por suas traduções francesas, e onde vários autores continuam a publicar seus ensaios em francês), a França não mais exerce essa hegemonia intelectual, característica do século XVIII. A Alemanha se emancipa, sem, todavia, tornar-se um foco de atração: Willisen somente é traduzido para o espanhol. Clausewitz somente encontra, ainda, um público limitado. O pensamento estratégico não irradia mais a partir de um único centro.

---

247. GRIFFITH, Paddy. *Military thought in the french army: 1815-1851*. Manchester: Manchester University, 1989.

248. Mas ela não é percebida por essa razão. Em 1866, um professor em Sand Hurst, Theodore Karcher, publica em francês um ensaio sobre *Les écrivains militaires de la France*, no qual ele homenageia aos “enfatigáveis escritores franceses”.

249. SERMAN, William. *La vie professionnelle des officiers français au milieu du XIXe siècle*. p.128.

250. Cf. BOTTI, op. cit. v.1. p.231-297.

## Subseção III – A BELA ÉPOCA (BELLE ÉPOQUE)

### 124 – A Institucionalização da ciência militar

Depois de 1870, a reflexão estratégica muda de dimensões, sob todos os pontos de vista. Ela se generaliza e institucionaliza-se. Enquanto antes ela dizia respeito somente a uma ínfima minoria de oficiais, exceto na Alemanha, e permanecia desconhecida para a grande maioria, a partir desta data passa a tornar-se um elemento essencial para a formação de oficiais superiores, que devem compreender a doutrina em vigor. Depois de 1870, as escolas de guerra e as bibliotecas militares se espalham por todos os países, favorecendo a difusão do pensamento e o aparecimento súbito de um público. Como consequência lógica, as publicações se multiplicam, assim como da mesma forma os livros e as revistas<sup>251</sup>. Enquanto estas últimas tratavam, até então, quase só de administração e de história, doravante elas se abrem à geografia militar, à tática e, lentamente, à estratégia. Para ter-se um exemplo, a Suécia lança, em 1871, a coleção “Militärlitteraturföreningens förlag”, que publica 120 volumes até 1914. Por toda parte, as publicações são de tal monta, que se torna quase impossível dar a conhecer outra coisa que não seja uma exposição sumária.

### 125 – O primado da tática

A característica principal desta literatura é de abandonar a dimensão superior que, hoje, chamar-se-ia político-estratégica, para voltar-se preferencialmente na direção dos aspectos táticos. Depois de um longo período de progressos lentos, as transformações técnicas se aceleram e a tática entra numa fase de renovação contínua: faz-se necessário definir as novas regras, adaptadas aos novos materiais (na França a infantaria passa do fuzil Mle 1866 – o Chassepot – ao Mle 1874 – o Gras – depois ao Mle 1886 – o Lebel; a artilharia adota os materiais de Bange, depois o célebre “75” Mle 1897 e o 155 Rimailho...). Enquanto os regulamentos da infantaria francesa de 1831, de 1862 e de 1869 levam, ainda, a marca do seu ilustre predecessor de 1791, os regulamentos que se sucedem após a guerra com a Alemanha (1875, 1894, 1901-1902, 1913) revelam as divergências consideráveis entre as duas tendências, a que prega uma ofensiva baseada no choque, em cima do modelo napoleônico, e a que faz considerar as novas potencialidades do poder de fogo, as quais condenam o assalto em massa. Tal debate tático é prioritário. Constata-se um fenômeno análogo no campo naval, onde os marinheiros devem, em primeiro lugar, dominar os novos instrumentos colocados à disposição: o vapor, a mina, o torpedo, o submarino..., antes de tentar definir uma doutrina geral de emprego. Acrescentar-se-á um outro fator de explicação, secundário, mas de modo algum desprezível: o exército afirma sua especificidade para proteger-se das usurpações do poder civil; em compensação, ele se desinteressa do que possa dizer respeito à política.

No caso francês, uma razão específica vem acrescentar-se: o nível de formação dos oficiais era de tal modo inferior ao final do Segundo Império que a Escola Superior de Guerra, no momento de sua criação, tem que abandonar os estudos estratégicos para desenvolver uma doutrina tática: é a obra do General Lewal, organizador da Escola, que define o programa a seguir desde o dia seguinte da derrota (*La Réforme de l'armée*, 1871) e o desenvolve

251. Na França, o *Journal des Sciences militaires* et *Le Spectateur militaire* são reunidos em uma revista de informação, a *Revue militaire de l'étranger* ou *Revue Militaire des armées étrangères*) em 1871, em seguida pela *Revue d'histoire appliquée à l'état-major de l'Armée*, em 1899, e pela *Revue militaire générale*, em 1907.

em uma série de *Études de Guerre* (1873, 1875, 1879, 1881-1883, 1889-1890, 1893, 1895) que passam, metodicamente, em revista todas as ramificações da tática, dentro de uma ótica que deseja para si ser rigorosamente racional (*Introduction à la tactique positive*, 1878; traduzida para o espanhol em 1883). A sua influência será profunda e duradoura, não só na França, mas também na Espanha, em Portugal<sup>252</sup>, na Itália e mesmo na Rússia, e ainda no México (onde a parte orgânica dos *Études de guerre* é traduzida em 1879). O seu ensinamento será prolongado pelos do Coronel Derrécagaix (*La Guerre Moderne*, 1855, traduzido para o inglês em 1888), pelo do Coronel Maillard (*Éléments de la guerre*, 1891) e do General Hubert Bonnal (*L'Esprit de la Guerre moderne*, 1902-1904).

Mas é a Alemanha que, de agora em diante, é o país-farol, aquele que o mundo inteiro observa e tenta imitar. Moltke o Velho, que escreveu bastante, porém de maneira dispersa, sem manter uma síntese didática<sup>253</sup>, é objeto de inúmeras notas explicativas por parte do General Julius Von Verdy du Vernois, seu antigo chefe de Estado-Maior que se tornou ministro da Guerra (suas numerosas obras são inteiramente dedicadas à formação prática dos oficiais, a partir dos estudos das guerras de 1866 e 1870-1871 ou de situações imaginárias); pelo Príncipe Kraft von Hohenlohe-Ingelfingen, vulgarizador da nova ortodoxia nas obras apresentadas sob a forma de cartas (*Strategische Briefe*, 1887; tradução para o francês 1895; inglês 1897, *Militärische Briefe: I. Über Infanterie*, 1884; tradução para o inglês 1892, francês 1895; II. *Über Kavallerie*, 1884; tradução para o francês, 1885, inglês 1889. III. *Über Artillerie*, 1885; tradução francesa, 1886, inglesa, 1890). Os ensinamentos da guerra de 1870-1871 são debatidos, a perder de vista, pelo Coronel Jacob Meckel (*Taktik*, 1878; tradução para o francês em 1887. *Grundriss der Taktik*, 1897), pelo Comandante Fritz Hoenig (*Untersuchungen Über die Taktik der Zukunft*, 1890; tradução para o inglês 1898)... O debate é intenso entre os partidários da *Normaltaktik* (tática padrão, aplicável em todas as circunstâncias) conduzidos pelo Coronel, depois General, Albrecht Von Boguslawski (*Taktische Folgerungen aus den Krieg von 1870-71*, 1872; tradução para o inglês em 1872) e pelo General Wilhelm von Scherff (*Studien der neuen Infanterie-Taktik*, 1872-1874; tradução para o inglês em 1873). *Von der Kriegsführung*, 1883; tradução para o francês não publicada pela ESG (pela Ecole Supérieure de Guerre) s. d. *Die Lehre vom Kriege*, 1897) e os adeptos da *Auftragstaktik* (tática adaptada à missão com uma ampla iniciativa para todos os escalões), cujo expoente é o General Sigismund von Schlichting<sup>254</sup> (*Taktische und strategische Grundsätze der Gegenwart*, 1897-1899; tradução para o francês 1897-1898, russo 1910. Moltke Vermächtnis, 1901; tradução para o francês não publicada, 1903).

Essa literatura superabundante, muito técnica, freqüentemente bastante árida, desagradou os comentadores que, diante dos resultados de 1914, proferiram uma condenação sumária, depois de uma leitura parcial e, com freqüência, superficial. O Coronel Echevarria estudou, recentemente, de modo sério, esse conjunto e chegou a uma conclusão bem diferente: o problema ao qual deviam fazer frente os teóricos militares alemães era imenso, devido ao fato das transformações técnicas e sociais em ritmo acelerado, e a isso, eles com freqüência responderam corretamente, percebendo os progressos do poder de fogo, exaltando a vinculação entre o fogo e o movimento, os ataques em ordem dispersa em lugar das antigas formações

252. TELLES, Sebastião. *Introdução ao estudo dos conhecimentos militares*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1887, faz dele uma das suas duas maiores referências (a outra é Rüstow).

253. Os escritos de Moltke fazem objeto de inúmeras edições e traduções, das quais a mais abundante foi aquela produzida pelo grande Estado-Maior de 1892 a 1912, *Militärische Werke*, 14 volumes. A introdução mais prática é a antologia reunida por HUGHES, Daniel J. *Moltke on the art of war selected writings*. Novato: Presidio, 1993.

254. O General von Schlichting comanda a missão militar alemã no Japão, durante a guerra Russo-Japonesa de 1904-1905.

compactas... As perdas de 1914 resultam menos de regulamentos defeituosos e mais da aplicação insuficiente delas pelos executantes, apressados em chegar à prova suprema<sup>255</sup>. Essa constatação pode, sem dificuldade, ser estendida, praticamente, a todos os países: o Marechal Joffre o fez pela França<sup>256</sup>, o Coronel Danilov pela Rússia<sup>257</sup>.

## 126 – A redescoberta da estratégia

É somente quando essa tática preliminar começa a receber um começo de regulamentação, nos anos 1880 (esperando ser reiniciado na Guerra do Boers e depois na Guerra Russo-japonesa), que a dimensão estratégica pode, em verdade, ser abordada. Na Alemanha, o impulso é dado pelo Marechal Barão Colmar von der Goltz, um dos autores mais influentes do período (*Das Volk in Waffen*, 1883; tradução para o francês em 1884, inglês 1887, russo 1887, espanhol 188..., turco 188..., sueco 1901. *Kriegsführung*, 1895; tradução para o francês em 1895; espanhol 1897, inglês 1898) e o Coronel Wilhelm von Blume (*Die Strategie*, 1882; tradução francesa 1884, sueca 1886-1887, russa 1899). O debate toma em seguida um caminho violentamente polêmico com a “querela dos estrategos”, lançada pelo historiador Hans Delbrück, a propósito da interpretação das guerras de Frederico II (ver o texto mais adiante no nº199). Nos anos 1910, voltamo-nos para preocupações mais imediatas com o General Friedrich von Bernhardi, o autor mais conhecido às vésperas da Grande Guerra<sup>258</sup>: *Vom Heutigen Kriege* (1912) tem traduções para o russo (1912), inglês (1912), italiano (1912), francês (1913) e japonês (1914); *Deutschland und der nächste Krieg* (1913) é traduzido para o inglês (1914), sueco (1914), francês (1916). Na França, após o primeiro ensaio do General Berthaut (*Principes de stratégie*, 1881), o restabelecimento da estratégia dá-se pela obra, não apreciada conforme seu justo valor, do Tenente-Coronel Antoine Grouard (*Stratégie: objet, enseignement, tactique*, 1895)<sup>259</sup> e aquela, célebre, do General Ferdinand Foch (*Des principes de la guerre*, 1903; traduzida para o inglês em 1918, espanhol 1920, romeno 1975. *La Conduite de la guerre*, 1904; traduzida para o espanhol, s.d. em torno de 1920, japonês, grego 1926).

O gênero estratégico se difunde por todos os países na virada do século: na Grã-Bretanha, com W. H. James ( *Modern Strategy*, 1904), H. Tovey (*Elements of Strategy*, 1904), F. N. Maude (*The Evolution of Modern Strategy from the XVIII<sup>th</sup> Century*, 1905)..., nos Estados Unidos, com John Bigelow (*Principles of Strategy*, 1891) e Arthur Wagner (*Strategy*, 1903); na Rússia, com o General Genrich A. Leer (*Metod voennych nauk strategii, taktiki i voennoj istorii*-método das ciências militares da estratégia, da tática e da história militar, 1894, *Korennye voprosy*, 1897, *Strategija*, 1898), o General N. P. Michnevich, chefe do Estado-Maior Geral de 1911 a 1917 (*Strategija*, 1899-1901), e o Coronel A. Nezmanov que se deixa ir por uma crítica bastante dura acerca dos erros cometidos durante a guerra contra o Japão e conclama por reformas radicais (*Oboronitel'naja*

255. ECHEVARRIA, Antulio J. *After Clausewitz: german military thinkers before the great war*. Lawrence: University of kausas, 2000.

256. JOFFRE, *Mémoires*. Paris: Plon, 1932. p.33.

257. Mesmo os oficiais de estado-maior, na sua maioria, depois que saem da Academia, trabalham pouco e lêm pouco. Quanto aos oficiais da tropa, é inútil falar disso sob esse ponto de vista”. Citado em DEBENEY, *Cours d'infanterie*. ESG (École Supérieure de Guerre), 1913.

258. Ele estará em atividade após 1918 (*Vom Kriege Der ZuKunft*, 1920; tradução para o inglês em 1920, espanhol 1920, italiano 1923). Propagandista do pangermanismo, Friederich von Bernhardi é, também, um autor perspicaz. Castex cita-o com freqüência.

259. Antoine Grouard foi retirado de um esquecimento quase completo por Raymond Arom, que considera o livro de Antoine como “superior a maioria das obras da época, afí incluída a do Marechal Foch”.

*vojna. Teorija voprosa. 1 Strategija*, 1909. *Sovremennaia voina*, 1911). Na Itália, a recente unificação nacional, e, portanto, a novidade em termos de instituições impedem a dissociação, com bastante rigor, de política e guerra, de sorte que a reflexão propriamente estratégica é abundante e precoce<sup>260</sup>, com o General Nicole Marselli, o qual aborda a guerra de maneira global (*La Guerra e la sua storia*, 1875-1877, traduzida para o espanhol em 1884), mas também com Eustache Chaurand de Saint-Pierre, Giuseppe Perruchetti (*La Difesa di stato*, 1884)... Em contrapartida, a produção espanhola parece pobre, apesar de Carlos Bañús y Comas (*Política de la guerra*, 1881. *El Arte de la guerra al principio del siglo XX*, 1909). A escola Austríaca declina após o desaparecimento do General Gallina, porém não há produção de autores dignos de apreciação, exceto alguns, como o Coronel A. von Horsetzky (*Anleitung zum Studium der Strategie*, 1888; tradução para o sueco, 1895) e o General Binder von Kriegelstein (*Geist und Stoff im Kriege*, 1896).

## 127 – Um empobrecimento teórico

Essa focalização sobre os aspectos operacionais tem por consequência um indiscutível empobrecimento teórico, denunciado com ênfase por Herbert Rosinski:

A despeito dos volumosos tratados que obstruem ainda as estantes de nossas bibliotecas, os Verdy du Vernois, Blume, Schlichting, Scherff, Bronsart von Schellendorf<sup>261</sup>, Meckel, Bernhardi (pai e filho), Von der Goltz, Boguslawski, Falkenhausen<sup>262</sup>, eram, em verdade, os compiladores e os comentadores de segunda ordem e de segunda mão, incrivelmente empolados e densos, quase sempre desprovidos de qualquer inspiração pessoal e, sobretudo, preocupados com controvérsias bizantinas sobre as sutilezas da estratégia de Moltke e sua diferença (ou não) com a de Napoleão<sup>263</sup>.

Uma tal condenação seria suspeita se ela não proviesse de um dos estrategistas mais perspicazes do nosso século; mesmo que seja expressa com outras nuances por alguns autores (Denis Sholwater propõe numa visão menos negativa de Von der Goltz e Bernhardi, mostrando que eles não se limitavam em pregar a batalha do aniquilamento<sup>264</sup>) e sublinhar o aparecimento de novas direções de pesquisas, sobre a estratégia combinada<sup>265</sup> ou sobre a preparação da guerra<sup>266</sup>, por exemplo, ela é, apesar disso, globalmente justificada, se limitamo-nos só ao plano estratégico. Isso se confronta com a crítica detalhada e implacável de Raymond Aron contra a “*mediocridade*” de Foch, síntese e conclusão do pensamento francês do período<sup>267</sup>. Sobretudo, esta po-

260. Cf. PIERI, Piero. *Guerra e politica negli scrittori italiani*. Milan: Mondadori, 1975.

261. O General Paul Bronsart von Schellendorf redige um tratado de estado-maior, *Der Dienst des Generalstabes*, 1875-1876; tradução para o francês em 1876, inglês, 1905.

262. FALKENHAUSEN, Ludwig von. *FlanKenBewegung und Massenheer*, 1898; traduzida para o francês e não publicada (pela Escola Superior de Guerra ESG) s. d. *Ausbildung für den Krieg*, 1902. *Der Grosse Krieg der Jetzzeit*, 1909; tradução russa em 1911 e francesa não publicada (ESG) s. d. *Kriegführung und Wissenschaft*, 1913.

263. ROSINSKI, Herbert. Scharnhorst to schlieffen. p.103.

264. SHOLWATER, Denis. Goltz and Bernhardi: the institutionalization of originality in imperial german aviny. *Defense Analysis*, Dec. 1987.

265. CALLWELL, Charles E. *Military operations and maritime preponderance*: their relations and interdependence. Reedição. Annapolis: Naval Institute, 1996.

266. BARONE, Enrico. *La guerra nell'ascensione economica*, 1912; RIESSER, Julius. *Kriegsberichtschaft und kriegsführung*, 1913; tradução para o francês em 1916.

267. ARON, op. cit. t.2. p.34. Com o mesmo julgamento veja BRODIE, Bernard. *La Guerre nucléaire*. Paris: Stock, 1965. p.11.

breza se encontra nos planos de guerra que preparam todos os estados-maiores das grandes potências: a minúcia dos dispositivos operacionais está acompanhada de pressupostos político-estratégicos de uma imprudência que está próxima, por vezes, do grotesco: o plano Schlieffen não se preocupa, de modo algum, com as consequências da violação da neutralidade belga (e holandesa na sua versão inicial), que Moltke, o Velho, havia, pelo contrário, procurado afastar de modo categórico. O Almirantado alemão estuda a sério um desembarque nos Estados Unidos, enquanto que o seu homólogo britânico evoca ainda, em 1908, a eventualidade (“pouco provável, reconhece ele”) de uma coalizão franco-alemã contra a Grã-Bretanha<sup>268</sup>!

É significativo constatar que os autores da época, aí incluídos Rüstow e Lewall, cuja divulgação ultrapassava a do próprio Clausewitz nos anos 1870-1880, são muito menos citados nas pesquisas contemporâneas do que os fundadores Jomini e Clausewitz, ou até mesmo os autores do século XVIII, entre os quais obstinamo-nos em decifrar uma dimensão estratégica, a qual, com mais freqüência, é apenas uma filigrana. Igualmente, os autores alemães enumerados por Rosinski, aos quais seria preciso acrescentar, ainda, Caemmerer<sup>269</sup>, Freytag-Loringhoven<sup>270</sup> e alguns outros, como os autores franceses Lewal, Maillard e o próprio Foch, pouco observados hoje, a não ser por um punhado de especialistas. Todos partilham a vontade de dominar os ensinamentos dos seus predecessores para as finalidades práticas da sua doutrina<sup>271</sup>.

## 128 – A pesquisa de estratégias nacionais

Chega-se, assim, a uma outra característica do período: a tradição desencarnada das gerações precedentes é ocultada em benefício de estratégias que desejam para si apresentar-se como nacionais. Guibert tinha dedicado sua primeira obra a sua pátria, Clausewitz quase não dissimulava seu ódio em relação aos franceses ou seu desprezo pelos poloneses. No entanto, eles se inseriam em um contexto europeu e podiam ser lidos pelos leitores de todos os países, sem suscitar reação espontânea de rejeição. Na segunda metade do século, as paixões nacionais tornam-se exarcebadas, o medo da invasão ou a sede de vingança são sustentadas pelos romances acerca da guerra futura que conhecem um imenso sucesso<sup>272</sup>. A hora não é mais de reflexão acadêmica, espalha-se, ao contrário, a idéia de que

aquele que escreve sobre a estratégia e sobre a tática deveria obrigar-se a apenas ensinar uma estratégia e uma tática nacionais, susceptíveis de apenas serem úteis à nação para a qual ele escreve<sup>273</sup>.

268. Cf. THE WAR *plans of the great powers*: 1880 - 1914. Ed. por Paul M. Kennedy, *passim*.

269. CAEMMERER, Rudolf von. *Die entwicklung der strategischen wissenschaft im 19 Jahrhundert*, 1904; tradução para o inglês 1905, francês 1907, russo 1938.

270. FREYTAG-LORINGHOVEN, H. von. *Die macht der persönlichkeit im Kriege*, 1905; tradução para o russo 1906, francês 1913, inglês 1938. *Krieg und Politik in der Neuzeit*, 1911... (obra particularmente copiosa).

271. E muitas outras, caídas em um esquecimento total. Quem lê, ainda, os autores britânicos da época? E, para eles, ao contrário dos autores italianos ou espanhóis, o obstáculo lingüístico não pode ser invocado.

272. Na Grã-Bretanha, *The Battle of Dorking* (1871) de George Chesney, *The Riddle of the Sands* (1903) de Erskine Childers...; na Alemanha, *Banzaï* (1908) de Parabellum, *Männer* (1913) de Georg Heidenmarkt; na França, os inúmeros livros do Capitão Danrit (o mandatário/deputado de Nancy Emile Driant). Esta literatura barata contribuiu, mais do que as obras “sérias”, para sustentar um clima perturbado e pesado, ou por vezes, na definição das políticas militares.

273. GOLTZ, Colmar von der. *La Nation armée*. p.137, citado por FOCH. *Des principes de la guerre*. p.III. (as duas traduções diferem um pouco).

Na Alemanha, Colmar von der Goltz e Friedrich von Bernhardi impõem essa concepção. Na Rússia, apesar do General Genrich Leer, que exerce uma verdadeira autoridade doutrinária nos anos 1870-1890, continuar a tradição de aceitar as influências européias (Lloyd, Jomini, Clausewitz), sofre a concorrência pela moda do General Dragomirov, expoente da “escola nacional”, cuja obra inteira é uma apologia por uma visão russa da guerra<sup>274</sup> encarnada por Souvorov. Mesmo na Espanha isso ocorre: em 1883 é reeditada, com grande pompa, as *Nociones del Arte militarde Villamartin* para “espanholizar na Espanha” os estudos militares<sup>275</sup>. O cartesianismo francês se esforça para preservar um tom de neutralidade, mas a vontade de vingança é mais forte, e as obras do General Bonnal, em particular, tomam uma forma francamente polêmica.

## 129 – A hegemonia da ciência estratégica alemã

Porém, esta é, também, a época na qual Clausewitz se impõe, irresistivelmente, em detrimento de Jomini. Este conserva, ainda, discípulos: o General Leer na Rússia, o General von Scherff e o Coronel Von Boguslawski (que traduz o *Précis de l'art de la guerre*) na Alemanha, o Capitão M. M. Fish na Bélgica (como o seu *Cours d'art militaire*, 1881-1882, trata, sobretudo, de tática), o Coronel Derrécagaix e o Tenente-Coronel Antoine Grouard na França, o Capitão John Bigelow nos Estados Unidos, ao passo que seus ensinamentos são transpostos para o domínio marítimo por Mahan nos EUA. Contudo, pelo menos no domínio terrestre, eles não estão mais de moda: Scherff é ofuscado por von der Goltz e Bernhardi, Grouard fica isolado. Clausewitz é, de agora em diante, a referência, positiva ou negativa. Mas isso ocorre às custas de uma redução do seu pensamento, nos quais privilegiam-se, preferencialmente, os aspectos operacionais, deformando ou negando as idéias mestras do primado da política e da superioridade intrínseca da defensiva. Desde a segunda edição (1853), uma modificação fraudulenta do texto permite “corrigir” a frase sobre a precedência do Gabinete sobre o General-em-Chefe.

Essa moda “Clausewitiana” é, principalmente, a consequência da hegemonia alemã, quase tão forte como foi a hegemonia francesa no século XVIII. A Alemanha é doravante o ponto de referência, o modelo para todos os exércitos do mundo e seus pensadores estão sustentados pelas vitórias de 1866 e de 1870. Isso é particularmente verdadeiro na França, onde a estratégia toma parte no que um historiador das idéias denominou “a crise alemã do pensamento francês”<sup>276</sup>. Todos os autores alemães importantes são traduzidos e estudados, quanto mais isso ocorre, são, também, contestados à medida que a doutrina estratégica se afirma e aperfeiçoa-se. Depois de 1905, ela se liberta do seu complexo de inferioridade e desvia-se do seu contraponto do outro lado do Reno para substituir-lhe por uma interpretação renovada do modelo napoleônico, em que predominam as obras de Colin<sup>277</sup> e de Camon<sup>278</sup> que competem, com sucesso, com a escola histórica alemã de modo algum

274. A Obra de Leer é abundantemente traduzida para o alemão, a de Dragomirov para o francês. N. P. Michnevich, que sucede a Leer como autor de referência, une-se, preferencialmente, à escola nacional.

275. VIDART, Luís. Prefácio. *Obras selectas* de Dom Francisco Villamartin. Madrid: Tipografia de los Sucessores de Rivadeneyra, 1883. p.xix.

276. DIGEON, Claude. *La Crise allemande de la pensée française*. Paris: Universitaires de France, 1962.

277. A obra abundante de Jean Colin (cerca de vinte obras, sobre as campanhas do Marechal de Saxe, a Revolução Francesa e o Império) é dominada por suas duas sínteses: COLIN, Jean. *Les Grandes batailles de l'histoire*. (de l'Antiquité à 1913). Paris: Flammarion, 1913 e \_\_\_\_\_. *Les Transformations de la guerre*. 1911, 1937, 1989; uma edição norte-americana de 1912, que foi reeditada constantemente.

278. COLSON, Bruno. Camon ou l'exégète de Napoléon. *Stratégique*, 60, 1995-4.

decadente, como testemunha-se pelas obras monumentais de Emil Daniels<sup>279</sup> (*Geschichte der Kriegswesen*, 6 vols, 1910-1913) e Hans Delbrück (*Geschichte der Kriegshunst im Rahmen der politischen Geschichte*, 4 vols, 1900-1920, continuada por Emil Daniels. Tradução para o russo 1930-1936, inglês, 1975). No entanto, é forçoso constatar que, diferentemente do que se passa na Alemanha, essa penetração se mantém superficial.

## 130 – A Ideologia da ofensiva

O culto da ofensiva, entretanto, o qual desembocará nas mortandades de 1914, não é especificamente francês. A exaltação do modelo napoleônico, a ascensão dos nacionalismos e uma leitura parcial e facciosa de Clausewitz vão se conjugar para ter como resultado a tal “ideologia da ofensiva”, sutilmente, mas unilateralmente, analisada por Jack Snyder<sup>280</sup>, que se desenvolve verdadeiramente a partir de 1900: os planos alemães contra a França tornam-se ofensivos a partir de 1890, os planos franceses em 1911. É nessa época que a primazia da dimensão operacional acha-se um pouco corrigida em razão da ascensão em influência da dimensão propriamente estratégica. Um indicador dessa direção é o declínio acentuado da geografia militar, que ocupou um lugar muito importante nos ensinamentos transmitidos nos anos de 1880 a 1900, mas acabou por enfastiar em razão de um “geologismo” levado até o absurdo (ver mais adiante o item nº 417).

Essa ideologia da ofensiva põe-se de acordo perfeitamente com o clima da época, dominado por uma vontade de expansionismo que reveste as formas, conforme os países, do imperialismo, do pangermanismo e do paneslavismo...<sup>281</sup>, e por uma exaltação do espírito de sacrifício e da seleção pela guerra<sup>282</sup>. Ela é reforçada por uma incompreensão dos ensinamentos (na verdade ambíguos e parciais) oriundos das guerras periféricas: a Guerra da Secessão já havia trazido à tona o impacto dos novos meios defensivos (como o fio de arame farpado) e da estrada de ferro<sup>283</sup>. A advertência se repetiu durante a Guerra Russo-Turca de 1877-1878, quando os ataques russos contra os turcos entrecerrados em Plevna acontecem às custas de perdas enormes. Isto foi confirmado pela Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905: as perdas japonesas se elevam a 50 mil homens em Port Arthur, a 70 mil homens em Moukden. Porém os comentaristas só desejam ter em consideração o resultado final: a ofensiva japonesa custou caro, mas ela foi vitoriosa. O reforço do poder de fogo é amplamente reconhecido (Antulio Echevarria demonstrou isso para o pensamento alemão e tal conclusão poderia ser estendida às outras escolas nacionais), o que impôs mudanças táticas, porém não a primazia da moral; as perdas serão pesadas, mas a ofensiva oferecerá a vitória. Este é o sentido dos ensinamentos de Foch, do General Langlois (*Ensinamentos de duas guerras recentes*, 1903) e do General Bornal (*L'Art nouveau en tactique*, 1904<sup>284</sup>) na França; de Bernhardi e do

279. Cf. BUCHOLZ, Arden. *Hans Delbrück and the german military establishment*. Iowa City: University of Iowa, 1985.

280. SNYDER, Jack. *The Ideology of the offensive: military decision making and the disasters of 1914*. Ithaca: Cornell University, 1984 e EVERA, Stephen Van. *The Cult of the offensive and the origins of the first world war*. *International Security*, 9-1, summer 1984, para ser completado ao reler o trabalho de SAGAN, Scott D. 1914 revisited. Allies: offense and instability. *International Security*, 11-2 autumm 1986.

281. GOLLWITZER, Philip. *L'Impérialisme de 1880 a 1914*. Paris: Flammarion, 1975.

282. Cf. LINDEMANN, Thomas. *Les Doctrines darwiniennes et la guerre de 1914*. Paris: ISC-Économica, Hautes Études-Militaires, 2001.

283. Cf. LUVAAS, Jay. *The Military legacy of the civil war: the european inheritance*. Chicago: Chicago University, 1959.

284. No qual se encontra, na página 54, essa frase típica do estado de espírito geral: “*Não são algumas baterias de metralhadoras Maxim em serviço recentemente no Exército alemão que irão modificar sensivelmente a fisionomia da batalha futura*”.

Coronel Balck (*Taktik*, 1908-1912; tradução para o inglês 1911-1912) na Alemanha; do Coronel G.F.R. Henderson (*The Science of War*, 1906), do Brigadeiro-General Ian Hamilton (*Compulsory Service*, 1909) do Major-General E.A. Altham (*The Principles of War Historically Illustrated*, 1914), a despeito dos ensinamentos da Guerra dos Boers, na Grã-Bretanha; do General Kouropatkine (um dos expoentes da escola nacional, mas também um dos vencidos na guerra contra o Japão) na Rússia<sup>285</sup>. Segundo a fórmula sugestiva, um pouco forçada, de um comentarista espanhol, a escola do intelectualismo, dominante após 1870, cede sua vez à escola do valor moral e espiritual após 1905.<sup>286</sup>

Raros são aqueles que percebem plenamente a extensão da mudança em vias de concluir-se e que compreendem que o aumento da potência de fogo condena a ofensiva do tipo “custe o que custar”. O expositor mais conhecido desta tese herética é um empreendedor judeu de origem polonesa, Ian Bloch, que publica, em russo, um compêndio sobre a guerra moderna (1898) amplamente traduzida (para o polonês; francês em 1898; alemão 1899; parcialmente para o inglês em 1899), porém muito marcado pela ideologia pacifista, a fim de convencer os militares. Os escritores militares chegam a conclusões semelhantes e pagam o preço disso: na França, o Coronel Pétain, no seu curso dado na Escola Superior de Guerra, que permanecerá inédito, critica a evolução dos regulamentos da infantaria, que esquecem as lições de 1870 para somente prescrever a ofensiva<sup>287</sup>. O Tenente-Coronel Antoine Grouard, em *La Guerre éventuelle* (1913), persiste em defender uma estratégia defensiva e nisso sacrifica a sua carreira; na Rússia o Coronel Nezmanov sofre na própria pele a excomunhão das autoridades, a ponto de ver-se impedido de escrever. Nenhum deles sequer imagina que a evolução do armamento possa conduzir ao bloqueio criado pela frente contínua: a única verdadeira exceção é o Comandante Émile Mayer, em um artigo da *Revue militaire suisse* (1902), que passa despercebido<sup>288</sup>. As guerras balcânicas, em 1912-1913, sobrevêm tarde demais para delas tirar-se benefícios. Logo antes do início do conflito, o General italiano Morasso anuncia o advento da “guerra das máquinas” (*La nuova guerra*, 1914). Em 1914, todas as grandes potências aceitam a ofensiva, e todas fracassam com enormes perdas: a França em Lorraine, a Alemanha sobre o Marne, a Rússia na Prússia Oriental, a Áustria-Hungria na Sérvia e na Galícia. Isso não as impede de recomeçar, de tão intensa que é a impregnação da ofensiva.

## Subseção IV – O século XX

### 131 - A página em branco da Primeira Guerra Mundial

O ano de 1914 marca o início de uma transformação radical da arte militar, com a predominância, cada vez mais afirmada, do fator material. Os militares levaram um certo tempo para compreender as mudanças que se operavam sob os seus olhos, como se pode atestar pela persistência da mística da ofensiva e o apego a um ideal heróico que não se aceita mais. No entanto, a lei do material é tão forte que as idéias devem realmente adaptar-se: numerosos documentos doutrinários atestam sobre esse amadurecimento imposto pelos acontecimentos<sup>289</sup>. Mas isto se realiza, essencialmente, em segredo. Os militares estão no *front* ou nos

285. HOWARD, Michael. Men against fire: the doctrine of the offensive in 1914. In: MAKERS of modern strategy. Ed. por Peter Paret.

286. MARTINEZ DE CAMPOS, Carlos. *Teoria de la guerra*. Madrid: Ejercito, 1945. p.12.

287. PÉTAIN, Philippe. *Tactique d'infanterie*. Paris: ISC-Économica, Bibliothèque Stratégique, 2006.

288. Na Grã-Bretanha, Lord Kitchener chega à mesma conclusão, mas não publica nada.

289. Cf. LUCAS *L'Évolution des idées tactiques en France et en Allemagne pendant la guerre de 1914-1918*. Paris: Berger-Levrault, 1924.

estados-maiores, não têm mais tempo para publicar. A censura está onipresente, as revistas militares, em sua quase totalidade, deixaram de ser publicadas. Com o advento da guerra total, a ciência estratégica é posta entre parênteses.

Isso significa, por tal razão, que ela (a ciência estratégica) tenha desaparecido? A constatação de carência não revela, antes de mais nada, uma lacuna da pesquisa? A guerra suscitou inúmeros comentários “a quente”, e todos eles não estavam no mesmo plano do “café do comércio” (“da conversa de bar”). Na falta de revistas militares<sup>290</sup>, os intelectuais se exprimiram nas revistas civis ou nos jornais. O cronista militar do *Times*, Charles Court Repington, exerce uma verdadeira autoridade doutrinária além do Mancha e além do Atlântico. Spenser Wilkinson, que abandonou o trabalho na imprensa em 1909 para tornar-se o primeiro Chichele Professor de História Militar em Oxford, continua a escrever, regularmente, durante toda a guerra (*First Lessons in War*, 1914, *Government and the War*, 1918). Na Alemanha, Lucia Frost emite uma explicação perspicaz sobre Clausewitz em uma revista de literatura geral. Na França, reabilitam-se os estudos militares regulares em *La Revue des deux-mondes*, *La Revue de Paris*, *La Revue universelle*... e alguns livros: o General Palat expõe uma apreciação das operações (*La Grande Guerre sur le front occidental*, 1917) que tornar-se-á, ao final, uma história da Grande Guerra em 15 volumes; o Tenente-Coronel Mayer desenvolve a sua intuição de 1902 em *Comment on pouvait prévoir l'immobilisation des fronts dans la guerre moderne* (1916) e prossegue os seus estudos sobre psicologia militar (*Autour de la guerre actuelle*, 1917); um crítico literário, Alphonse Séché, esboça uma teoria da guerra total em um livro profético (*Les Guerres d'enfer*, 1915). Há também os neutros, que não estão submetidos aos constrangimentos da censura. O livro do General espanhol Ricardo Burguete (*La Ciencia militar ante la guerre europea*, 1917), alimentado por múltiplas interpretações francesas e alemães, é uma análise rebuscada e muitas vezes perspicaz. Na Suíça, o Coronel Ferdinand Feyler publica vários comentários sobre a guerra (*Avant-propos stratégiques*, 1915. *Problèmes de stratégie tirés de la guerre européenne*, 1918). *A Revue Militaire Suisse* passa a ser de um real interesse, como as revistas norte-americanas. Existe aí um imenso campo a ser explorado.

## 132 – Polêmicas e reflexões críticas nos anos 1920

Depois de 1918, tudo está para ser reconstruído em um plano teórico. As certezas de antes de 1914 desmoronaram, a ofensiva a qualquer preço é feita responsável pelas enormes perdas sofridas em 1914 e durante os anos de imobilização. O debate vai se situar daqui em diante entre os adeptos da nova ortodoxia da frente contínua e da superioridade da defensiva, e os inovadores que exploram as potencialidades oferecidas pelas novas armas reveladas durante a guerra, o carro e o avião. A escola do valor moral e espiritual, dominante em 1914, cede sua vez à escola do materialismo<sup>291</sup>.

Como acontece com freqüência, é a derrota que suscita a fermentação intelectual mais intensa: os defensores *pro domo* (Ludendorff) e os queixosos inflamados aproximam-se com as verdadeiras análises críticas (H. Ritter, *Die Kritik des Weltkrieges*, 1920, W. Balck, *Die Entwicklung der Taktik im Weltkriege*, 1922; tradução para o inglês em 1922). Não obstante, seria errôneo opor os vencedores esclerosados aos vencidos imaginativos<sup>292</sup>. Os inovadores são

290. Algumas continuaram a ser publicadas, às vezes com divulgação restrita, às vezes de forma aberta. O *Journal of the Royal United Services Institution* publica, em fevereiro de 1916, um importante artigo de Fuller, “The Principles of War, with Reference to the Campaigns of 1914-1915”, porém o artigo seguinte de Fuller foi bloqueado pela censura.

291. MARTINEZ DE CAMPOS, op. cit. p.12.

292. POSEN, Barry R. *The Sources of military doctrine: France, Britain and Germany between the world wars*. Ithaca: Cornell University, 1984.

encontrados entre as potências vitoriosas. Na Grã-Bretanha, em primeiro lugar, onde são buscadas soluções para evitar a repetição de um engajamento maciço no continente, com os arrazoados do Major-General J.F.C. Fuller<sup>293</sup> por um exército blindado (*Tanks in the Great-War*, 1920; *On Future Warfare*, 1928; *Lectures on Field Service Regulations III*, 1932) e de Basil Liddell Hart pela aproximação indireta<sup>294</sup>. A Grã-Bretanha se dota, igualmente, e muito cedo, de uma doutrina aérea graças à independência da Royal Air Force e a envergadura do seu primeiro chefe, o General Trenchard. Na França, os inovadores são minoritários, mas eles também existem: desde 1920, o Capitão Mérat abre o caminho para a prospectiva com um estudo fulgurante e profético (“Extrapolations”); em 1922, o Coronel Gros Long (aliás Pierre Devoluy) se dedica a uma crítica dura dos erros de antes da guerra e exige o retorno ao método positivo em “*La Connaissance de la guerre*”; o General Estienne defende a causa da arma blindada; em 1926, o General Camon, grande defensor da causa da escola histórica, publica um livro sobre motorizar o exército, do qual o mínimo que se pode dizer é que ele não é conservador: “*O cavalo deve desaparecer não só do campo estratégico, mas também do campo tático. Deste modo, impõe-se a supressão da cavalaria e motorizar a artilharia e os comboios*”<sup>295</sup>. O General Alléhaut segue no mesmo sentido (*Motorisation et Armées de demain*, 1929) e aí acresce um conceito sobre manobra aeroterrestre (*Être prêts. Puissance aérienne, forces de terre*, 1935)<sup>296</sup>. Os escritos do Coronel De Gaulle sobre a guerra dos carros-de-combate não surgirão do nada<sup>297</sup>.

Mas é verdade que a lembrança apavorante dos morticínios, provocados pelas ofensivas repetidas entre 1914 e 1916, suscitou uma repercussão que apresenta semelhanças com uma verdadeira “ideologia da defensiva”, que é, particularmente, acentuada na França. A linha de frente contínua parece ter sido aprovada pela experiência; além disso, ela é favorecida por um poder político obcecado pela vontade de evitar as perdas maciças e cuja política externa é ela própria fundamentalmente defensiva. Depois das hesitações do início dos anos 1920, assiste-se, desde a segunda metade desta década, ao triunfo da nova ortodoxia que domina quase por toda a parte, e, também, nas estratégias terrestre e marítima. Os inovadores da arma aérea que vão de encontro, com bastante violência, com a hierarquia militar, são relegados aos postos secundários ou honoríficos, até constrangidos a dar baixa do exército: é o caso do General Douhet, figura emblemática do “espaço aéreo integral” na Itália, do General Mitchell nos Estados Unidos. Muitas vezes as novidades triunfaram com o apoio do poder político contra os estados-maiores.

Contrariamente à imagem mais freqüentemente propagada, a ortodoxia não é sempre sinônima de mediocridade intelectual, pelo menos durante os anos 1920. A geografia militar se livra da sua carcaça geológica para ampliar seus horizontes (ver mais adiante neste livro no item 418). Na Itália, o Coronel (futuro Marechal) Ettore Bastico elabora um

293. Sua obra é superabundante: mais de 40 livros entre 1907 e 1965. (Cf. REID, Brian Holden. *J.F.C. Fuller: military thinker*. Londres: Macmillan, 1987.)

294. Esse também é um autor prolixo, com cerca de 20 livros. Ao mesmo tempo, um cronista militar do *Times* e conselheiro, bem orientado, do Ministro da Defesa Hore Belisha, exerce uma grande influência. (Cf. BOND, Brian. *Liddell Hart: a study of his military thought*. New Brunswick: Rutgers University, 1977 (bastante benevolente), e MEARSHEIMER, John J. *Liddell Hart and the weight of history*. Ithaca, Cornell University, 1988 (muito crítico, senão hostil).

295. CAMON. *La Motorisation de l'armée et la manœuvre stratégique*. Paris: Berger-Levrault, 1926. pvi.

296. CHAIX, Bruno. Le général Alléhaut: un théoricien militaire ignoré de l'entre-deux-guerres. *Guerres mondiales et conflits contemporains*, 184, Oct. 1996.

297. É bastante difícil determinar o seu exato acolhimento, uma vez que esse aspecto foi deformado pela sua atuação posterior: todo mundo na França, depois de 1945, lembrou-se de ter lido, raros eram aqueles que, à época, citaram-no; seu livro mais célebre, *Vers l'Armée de métier* (1934), traduzido para o alemão em 1935; a tradução para o inglês aguardará até 1941.

vasto retrato histórico sobre a arte da guerra (*L'Evoluzione dell'arte della guerra*, 1923). Na França, a *Revue Militaire Française*, depois *Revue Militaire Générale*, que a sucede, são de elevado padrão intelectual, como as análises da estratégia alemã pelo General Buat (*Hindenburg et Ludendorff stratèges*, 1923) ou os cursos de estratégia do General Duffour e do Coronel Culmann (*Stratégie*, 1924) na Escola Superior de Guerra. A perspectiva é clássica, as potencialidades das novas máquinas são em geral subestimadas, mas o conjunto não deixa de contemplar nem a coerência nem a lógica. Após tudo, o Exército francês foi vitorioso depois de 1918, e os desempenhos dos carros-de-combate foram ainda limitados: eles contribuíram para a vitória sem a determinar.

## 133 – Esclerose e inovações nos anos 1930

Nos anos 1930, a ortodoxia se esclerosa: na Itália, o General Visconti-Prasca, em um livro bastante lido (*La Guerra decisiva*, 1934; traduzido para o francês em 1935, alemão, 1935), pleiteia por um retorno à ofensiva e a organização dos “núcleos autônomos de combate” capazes de obter a ruptura, porém reafirma que “a primazia da infantaria é um direito sagrado” e faz da máquina blindada “uma força suplementar” que apenas deve intervir quando a ruptura já tiver sido obtida<sup>298</sup>; na França, a inviolabilidade do front contínuo torna-se um dogma, como ocorria com a ofensiva a qualquer preço antes de 1914. O General Duval interpreta nesse sentido *Les leçons de la guerre d'Espagne* (1937 ; tradução alemã). O célebre livro do General Chauvineau (Une invasion est-elle encore possible?, 1939), prefaciado pelo Marechal Pétain, é um bom exemplo desse conservadorismo estreito e, por que não dizer, limitado: o autor, antigo professor da Escola Superior de Guerra, está longe de ser um tolo, mas ele é incapaz de compreender as mudanças técnicas que começam a operar-se diante dos seus olhos; ele junta objeções que não são de todo infundadas, mas em nenhum dos casos decisiva. Isso irá ser constatado em 1939.

Em compensação, na Alemanha, a produção é de alta continuidade, com os Generais Wilhelm Reinhardt (*Wehrkraft und Wehrwille*, 1932), Alfred Krauss (*Theorie and Praxis in der Kriegskunst*, 1936), Waldemar von Erfurth (*Der Vernichtungssieg*, 1938; traduzida para o inglês em 1943, Herman Foertsch (*Kriegskunst Heute und Morgen*, 1939; traduzida para o inglês em 1940, italiano, 1940); o futuro Marechal von Leeb propõe uma visão renovada sobre a defensiva (*Die Abwehr*, 1938; tradução inglesa *Defense*, 1943). No campo da ofensiva, os alemães naturalmente despontam nas inovações e, sobretudo, eles as põem em prática com o par carro-avião: o Coronel Guderian, influenciado intensamente pelos teóricos britânicos<sup>299</sup>, torna-se, em relação a isso, o mais célebre teórico, com a obra *Achtung Panzer!* (1937, traduzida para o francês em 1967, para o inglês em 1992), mas ele não é o único. Ele se insere em uma corrente marcada pelos livros de M. Borchert (*Der Kampf Gegen Tanks*, 1931), K. Justrow (*Feldherr und Kriegstechnik*, 1933), W. Nehring (*Panzerabwehr*, 1936), G. P. von Zezschwitz (*Der Panzerkampf*, 1938), W. Spannenkrebs (*Angriff mit Kampfwagen*, 1939)... Curiosamente, essa produção alemã não recebe uma grande atenção no estrangeiro, onde ela é ofuscada por um concorrente austríaco, o General Ludwig Eimansberger (*Der Kampfwagenkrieg*, 1934; traduzida para o francês em 1936). A guerra psicológica era objeto dos primeiros ensaios de teorização pelo Coronel A. Blau (*Propaganda als Waffe*, 1935) e por Karl Pintschovius propõe a primeira teorização da guerra psicológica (*Die Seelische Widerstandskraft in Modern Kriege*, 1936). A dimensão econômica faz aparecer numa vasta literatura (Adolf Caspary, *Wirtschafts-Strategie und*

298. VISCONTI-PRASCA. *La Guerre décisive*. Paris: Berger-Levrault, 1935. p.30 e 145.

299. Cf. GAT, Azar. British influence and the evolution of the Panzer Arm: myth or reality: I & II. *War in History*, 1997-2 e 3. Nada menos de seis livros de Liddell Hart são traduzidos para o alemão antes de 1939, três para o francês. Mas a tradução (acabada) da sua biografia iconoclasta de Foch (*Foch, the Man of Orléans*) nunca será publicada.

*Kriegsführing*, 1932. Ernst Wagemann, *Wirtschafts politische Strategie*, 1937; tradução francesa 1938)<sup>300</sup>, dominada pelo ensaio de um futuro exilado nos Estados Unidos, o austríaco Stefan T. Possony (*Die Wehrwirtschaft des Totalen Krieges*, 1938; traduzida para o inglês em 1938, francês, 1939, italiano, 1939).

Afastada da comunidade internacional, a Rússia Soviética experimenta desenvolver um pensamento original. O autor de maior importância é o General Aleksandr Svechin, cuja abundante obra<sup>301</sup> tem como principal uma síntese (*Strategija*, 1926, 1927; traduzida para o inglês em 1992), hoje reconhecida como um clássico; vários autores definem o conceito de arte operacional (ver neste livro o item 57) e desenvolvem a teoria das operações em profundidade, a qual será estudada pelos alemães com bastante atenção nos anos 1930<sup>302</sup>. Esta escola "realista" é apoiada por Trotski, que julga "não se pode construir um regulamento de campanha com o marxismo". Ela entra em conflito com Mihail Frounze, este sustentado pelo Marechal Toukhachevski, que pleiteia por uma "doutrina militar única", a qual deve ser "a expressão da vontade única da classe social no poder"<sup>303</sup>. Toukhachevski não hesita em atacar seus adversários no plano ideológico. Acusando-os de desvios, isso não o livrará de ser liquidado como Svechin. Disso resulta uma esterilização do debate militar a partir dos anos 1930. Os férteis desenvolvimentos dos anos 1920 só serão redescobertos muito mais tarde, nos anos 1980 e ... nos Estados Unidos<sup>304</sup>.

Chega-se, assim, às vésperas de 1939, a uma situação bem diferente daquela que prevalecia antes de 1914: não há mais unanimidade doutrinária, mas, ao contrário, uma separação acentuada entre os conservadores e os modernistas. A prova da guerra se encarregará de decidir a contenda, em benefício dos segundos. O preço disso será muitas vezes doloroso, em especial para a França.

## 134 – O pensamento estratégico durante a Segunda Guerra Mundial

A guerra que começa em setembro de 1939 desencadeia mudanças de toda ordem, que vão pôr em dificuldades todas as doutrinas elaboradas durante o período entre as duas guerras mundiais. A *Blitzkrieg* ultrapassa as expectativas de seus promotores. A coordenação estratégica é exercida, a partir desse momento, na escala de continentes inteiros. A mobilização é, ainda, mais intensa do que durante a Primeira Guerra Mundial e as inovações técnicas se sucedem em um ritmo jamais alcançado. Os materiais de 1945, carros-de-combate, aviões,

300. Cf. a bibliografia de FAUVEL, Luc. *Problèmes économiques de la guerre totale*. Paris: Sirey, 1940. Comparativamente, a produção francesa é pobre. Chamam a atenção, pelo menos, os primeiros ensaios de dois autores que se afiguravam com um futuro brilhante: AILLERET, Charles (futuro Chefe do Estado-Maior Geral do Exército). *L'Organisation économique de la nation en temps de guerre*, 1935 e FAURE, Edgar. *Le Pétrole dans la paix et dans la guerre*, 1939.

301. Cf. LOBOV, V. N. Le Général Svechin et l'évolution de l'art militaire: ses idées face à l'épreuve du temps. *Stratégique*, 56, 1992-4 e KIPP, Jacob. Introduction. In: SVECHIN, Aleksandr A. *Strategy*. Minneapolis: East View Publications, 1992.

302. GAT, op. cit. p.322.

303. ROMER, Jean-Christophe. *La Pensée stratégique russe au XXe siècle*. Paris: ISC - Économica, 1997. p.17-19.

304. Precisaria também evocar a produção dos países secundários, cuja produção não é necessariamente insignificante. A Polônia fornece um livro digno de interesse sobre "a próxima guerra", aquele do General Władysław Sikorski, *Przyszła wojna* (1934; traduções francesa 1935, alemã...).

submarinos, não possuem mais muita coisa em comum com aqueles que estavam em serviço no momento de início da guerra<sup>305</sup>.

Durante tal período, a ação impõe a sua lei, os materiais e as doutrinas são testados no campo de batalha. Apesar disso, a reflexão aberta não desapareceu por completo. Em muitos países as revistas continuam a ser publicadas e os comentaristas militares, oficiais da reserva ou civis, escrevem abundantemente. A despeito das limitações da censura, assistem-se, ainda, discussões que são capazes de enquadrar-se em um nível bem elevado, e é lamentável que ninguém tenha se debruçado sobre esse imenso conjunto. A *Blitzkrieg* de 1940 suscita comentários imediatos em todos os países (por exemplo, na Itália, o ensaio de Aldo Cabiati, *La guerra lampo*, 1940). Lidell Hart não produz em abundância livros durante a guerra, mas escreve vários artigos que ele reúne logo depois em volumes (*Dynamic Defence*, 1940, *The Current of War*, 1941. *This Expanding war*, 1943); alguns são reproduzidos em revistas alemãs. Fuller que abandonou em grande parte a atualidade, para voltar-se em direção à história, dedica-se, apesar de tudo, a uma versão revisada de suas conferências de 1928 sobre a guerra mecanizada (*Armoured Warfare*, 1943; traduzido para o sueco em 1945). O “crítico militar da França livre”, pseudônimo comum a um oficial polonês e a um jovem professor de filosofia chamado Raymond Aron, desenvolve, na revista *La France Libre*, análises geoestratégicas perspicazes (retomadas em dois volumes: *L'Année cruciale* 1944 e *La Guerre des cinq continents*, 1944), ao mesmo tempo que Herbert C. O'Neill, sob o pseudônimo de Strategicus, reúne suas crônicas em uma série que atingirá oito volumes (de *the War for World Power*, 1940, à *The Victory Campaign*, 1947). Um oficial tchecoslovaco, refugiado na Grã-Bretanha, o Coronel Fritz-Otto Miksche, analisa, lucidamente, as inovações, assim como em matéria de guerra de carros-de-combate (*Blitzkrieg*, 1942, traduzido para o francês em 1943), de operações aerotransportadas (*Paratroops*, 1942; traduções espanhola s.d – no México em torno de 1943 –, francesa 1946), e de bombardeio aéreo (*Is Strategic Bombing Decisive?*, 1944). Herbert Rosinski escreve algumas das mais brilhantes análises da estratégia naval em *Brassey's Naval Annual*. A produção alemã, ulteriormente ocultada, mantém-se em níveis quantitativo e qualitativo elevados: assinale-se o ensaio clausewitziano de Gerd Bucheit, *Vernichtungs oder Ermattungstrategie?* (1942; tradução francesa 1943<sup>306</sup>). A Suíça produz uma obra-prima da literatura tática, o *Bréviaire tactique* do Coronel divisionário Hans Frick (1944; tradução alemã 2000). Até mesmo na França ocupada, o debate permanece ativo: *La Revue Universelle* traduz artigos norte-americanos até a liberação, Camile Rougeron desfia as suas crônicas em *Science et vie* como nos tempos de paz, várias análises da derrota são publicadas “imediatamente” e em algumas não deixam de conter um grau de perspicácia (Coronel Alerme, *Les causes militaires de notre défaite*, 1940)<sup>307</sup>.

O acontecimento marcante do período é, evidentemente, a ascensão em poder dos Estados Unidos. Isto se manifesta igualmente no campo teórico. Os norte-americanos não tinham, até então, produzido obra estratégica verdadeiramente importante, com exceção daquela de Mahan. O impulso do seu poder militar é acompanhado por uma reflexão que surpreende por sua extensão. As universidades são mobilizadas em redor de programas de pesquisa que visam a assimilar a literatura estratégica europeia<sup>308</sup>: Edward Mead Earle publica o vasto

305. BRU, Alain. *Evolution des matériels d'armement: 1939-1945*. Paris: Économica, 1990.

306. L'appreciation dithyrambique portée sur les talents stratégiques de Hitler cédera la place, dans la réédition publiée après guerre, à une critique virulente. A apreciação ditirâmbica destinada aos talentos estratégicos do Hitler cederá sua vez, na reedição publicada após guerra, a uma crítica virulenta.

307. Uma primeira abordagem em MALIS, Christian. *Raymond Aron et le débat stratégique français*. Paris: CFHM-ISC-Economica, Bibliothèque Stratégique, 2003.

308. A contribuição dos refugiados políticos alemães (Possony, Rosinski, Strausz-Hupé...) é decisiva.

estudo sobre os mestres da estratégia (*Makers of Strategy*, 1943; traduzida para o francês em 1982) que permanece, depois de mais de meio século, como uma referência obrigatória. Stephen Possony dirige um amplo programa de tradução de clássicos da estratégia. Inúmeros analistas estudam as transformações da guerra terrestre (por exemplo, o Tenente-Coronel S. L. A. Marshall, *Blitzkrieg*, 1943 ou o Tenente-Coronel Alfred H. Burne, *The Art of War on Land*, 1944), das guerras marítima (ver neste livro o item nº 306) e aérea (ver neste livro o item nº 371). Bernard Brodie, que se projeta em 1941, devido a um ensaio sobre estratégia naval, trabalha diretamente nos relatórios oficiais da Marinha dos Estados Unidos. Uma corrente bem ativa lança as bases do que será chamado mais tarde de geoestratégia (ver neste livro o item nº 420). Vários autores teorizam a guerra psicológica, combinando o modelo alemão e a sociologia norte-americana (Hans Speier e Alfred Kähler, *War in our time*, 1939; Joseph Bornstein e Paul Milton, *Action Against the Ennemy's Mind*, 1942). O poder mundial dos Estados Unidos não é apenas um fato em razão das circunstâncias, ele resulta, também, de um programa pensado de forma amadurecida antes de ser posto em execução. A teoria orienta e enriquece a prática<sup>309</sup>.

## SEÇÃO V – ESTRATÉGIA ALTERNATIVA: DA PEQUENA GUERRA À GUERRA REVOLUCIONÁRIA

### 135 – A persistência de uma corrente alternativa

A “pequena guerra” e as operações irregulares são tão antigas quanto a própria guerra<sup>310</sup>. Os autores antigos fazem inúmeras alusões a isto. Salluste, com a sua *Guerre de Jugurtha*, oferece o primeiro tratado sobre a guerrilha. No século X, o Imperador bizantino Nicéphore Phokas dedica um tratado à guerrilha: em face das freqüentes incursões dos bárbaros, ele prega por uma defesa móvel, fundamentada na combinação de uma rede de informações e de observação, em milícias que retardarão os agressores, e da cavalaria que os inquietará no retorno quando serão retardados para serem saqueados<sup>311</sup>.

Com exceção disto, a “pequena guerra” só é conhecida por intermédio das memórias dos chefes dos guerrilheiros ou das relações históricas que privilegiam, a maior parte das vezes, a historieta. As análises sistemáticas somente aparecem na segunda metade do século XVIII<sup>312</sup>. Elas proliferam e não há limitações para pensar que elas criarião um clima que favorecerá, pelo menos, algumas das operações irregulares que serão inúmeras durante a guerra da Revolução Francesa e do Império e que passarão a denominar-se guerrilha após a Guerra da Espanha<sup>313</sup>.

309. A ciência estratégica depois de 1945 é relembrada no capítulo VII deste livro.

310. Ainda falta uma história sistematizada sobre a pequena guerra. A síntese mais bem-sucedido é a de Werner Hahlweg, *Guerilla. Krieg ohne Fronten*, Stuttgart, Kolhammer, 1968. Pode-se ler sempre a obra de DESROZIERS, Gustave. *Combats de partisans: récits des petites opérations de la guerre depuis le XVI<sup>e</sup> siècle jusqu' à nos jours*. Paris: Librairie Militaire Baudoin, 1883, que dá inúmeros exemplos. E, evidentemente, a Antologia de LAQUEUR, Walter. *The Guerrilla reader: a historical anthology*. New York: Meridian Books, 1977.

311. DRAGON, Gilbert ; MIHAESCU, Haralambie. *Le Traité sur la guérilla de l'empereur Nicéphore Phokas*. Paris: Editions du CNRS, 1986.

312. Bibliografia crítica de primeira importância: PICAUD, Sandrine. La petite guerre au XVIII<sup>e</sup> siècle en Europe: une mise au point bibliographique. *Bibliographie internationale d'histoire militaire*, 26, 2005.

313. A denominação pequena guerra permanecerá sendo empregada concomitantemente até o fim do século XIX.

No século XIX, a memória estará até certo ponto apagada em relação ao tema, e os estados-maiores nem a isso concederão algum crédito, apesar da recorrência das operações irregulares. Contudo, a idéia continuará a avançar por meio de uma literatura marginal, mas de uma intensidade que testemunha o afastamento entre a arte da guerra e a ciência estratégica. Os exércitos regulares redescobrirão a guerrilha no século XX, quando serão confrontados com as guerras revolucionárias, cuja especificidade consiste menos nas inovações tecnológicas, ao final bastante raras, do que na relação entre ideologia e estratégia. Esta permite superar o particularismo tradicional dos combatentes irregulares, que os condenava à ineeficácia estratégica em face dos exércitos regulares.

## 136 – Os teóricos da pequena guerra no século XVIII

No século XVIII, fala-se de pequena guerra (*klein Krieg, piccola guerra, small war*) e da guerra de guerrilheiros, sem que as duas noções sejam distinguidas claramente: a pequena guerra cobre de preferência o emprego autônomo de pequenos destacamentos militares, enquanto que a guerra dos guerrilheiros “*significa, ao mesmo tempo, os métodos de combate dos soldados destacados dentro dos partidos em guerra, que se põem em campo diante dos exércitos, e as formas especiais das guerras civis, nas quais a população está envolvida. O partisan (guerrilheiro) do Antigo Regime é, portanto, conforme o caso, o franco-atirador incorporado às tropas regulares ou o membro da resistência sem formação militar*”<sup>314</sup>.

Esta forma de guerra está, segundo Bernard Peschot, “na encruzilhada entre duas ‘escolas’: a tradição da cavalaria, herdada das frentes orientais européias e da experiência nas montanhas, resultante dos combates contra os guerrilheiros civis”<sup>315</sup>. Os franceses descobrem a primeira quando eles encontram um obstáculo no Exército austríaco, que os inquieta com ataques freqüentes por meio dos seus cavaleiros croatas ou seus hussardos húngaros. Os franceses são confrontados por diversas guerras de guerrilheiros montanhenses, como as dos camisards de Cévennes ou dos barbets de Savóia. Eles são os primeiros a empreender uma teorização sobre o tema<sup>316</sup>.

O pioneiro é o cavaleiro de Folard, que começa a sua carreira de escritor com um ensaio sobre *L'art des partis à la guerre*, o qual não será publicado e desaparece. Em 1752, o cavaleiro de la Croix publica um *Traité de la petite guerre pour les compagnies franches*, depois traduzido para o alemão, três anos mais tarde, na Krieges Bibliotek de Breslau. O Capitão Le Roy de Grandmaison<sup>317</sup> publica, em 1756, um livro com mais de 400 páginas: *La Petite Guerre ou Traité du service des troupes légères en campagne*, que será a primeira obra sobre o assunto a ter uma ampla e duradoura difusão<sup>318</sup>: Frederico II (que dedica uma parte da sua *Instructions militaires à pequena guerra*) a utilizará para a formação dos seus oficiais. A obra será traduzida para o alemão (1760 e 1785), inglês (1777), espanhol (1780 e 1794), dinamarquês (1810) e polonês

314. PESCHOT, Bernad. La notion de petite guerre en France (XVIIIe siècle). *Les Cahiers de Montpellier*, 28, II, p.147, 1983.

315. Ibid. p.148.

316. As referências fundamentais agora são PESCHOT, Bernard. *La Guerre buissonnière*, tese de habilitação (Montpellier), e PECAUD, Sandrine. *La petite guerre du XVIIIe siècle*, tese de doutorado (Nantes); a ser completada pela obra de HAHLWEG, Werner. *Guerilla, krieg ohne fronten*; PARET, Peter. Yorck...; CARLES, Pierre. L'influence exercée sur la pensée militaire par des esprits individualistes jusqu'en 1815. Actes du symposium 1989. Pully (Suisse): Centre d'histoire et de prospective militaires, 1990.

317. Cf. PICAUD, Sandrine. Grandmaison un officier au service de la petite guerre. *Revue Internationale d'Histoire Militaire*, 81, 2001.

318. Pelo menos no estrangeiro; ele não será reeditado na frança.

(1812). Ela é seguida por dois ensaios que surgiram em 1759: o Capitão húngaro<sup>319</sup> Jeney escreve *Le Partisan ou L'Art de faire la petite-guerre avec succès selon le génie de nos jours* (tradução inglesa 1760, alemã 1765 e 1785) e o Capitão huguenote Jean-Louis Lecointe apresenta *La Science des postes militaires*<sup>320</sup> (tradução para o espanhol 1770, dinamarquês 1781). Em 1766, Ray de Saint Geniès publica *L'Officier partisan* (tradução alemã, 1772). O Conde de La Roche publica, em 1770, um *Essai sur la petite guerre*, no qual ele tenta retirar do estudo os princípios<sup>321</sup>. As obras de uma maneira geral dedicam desenvolvimentos substanciais às tropas leves, especialmente as de Ménil-Durand, Joly de Maizeroy, Lloyd<sup>322</sup>... Na Holanda, o Barão de Wust, que comandou os hussardos na Europa e uma brigada nas Índias Orientais, publica *L'Art militaire du partisan* (1768).

A guerra da América mostra, ainda de modo mais enfático, a importância das tropas leves. Sem desaparecer na França<sup>323</sup>, a reflexão se transporta para os alemães, com o *The Partisan in War or the Use of a Corps of Light Troops in an Army* (1789, edição alemã 1791) do Coronel do Hesse, Andreas Emmerich, que combateu na América (ele será executado pelos franceses em razão do seu papel na insurreição de Marburg), e os dois ensaios do Coronel Johann von Ewald: *Abhandlung über der Kleinen Krieg* (1785; tradução para dinamarquês<sup>324</sup>, em 1802, e norueguês 1811) e *Abhandlung vom Dienst der leichten Truppen* (1790; tradução para o inglês em 1803), que, depois de Scharnhorst, copia Jeney e Grandmaison. Na direção oposta, assim como para a grande guerra, a produção inglesa é marginal, com um só tratado digno de nota, *Military Instructions for officers detached in the field* (1770), de Roger Stevenson<sup>325</sup>.

A pequena guerra, por conseguinte, não é ignorada pelos estados-maiores. Bernard Peschot observa que “os tratados didáticos relativos ao combate de pequenas unidades de infantaria, à teoria dos postos avançados e àquela de pequena guerra se desenvolvem, porém sem ter grande influência sobre os regulamentos oficiais”<sup>326</sup>. O recurso à pequena guerra é apenas um expediente, ao qual só se recorre em caso de absoluta necessidade ou quando o inimigo dá o exemplo.

- 319. Esteve a serviço da Áustria, depois da França, da Prússia, antes de regressar para a Áustria onde irá terminar como general! ZACHAR, József. Ein ungarischer Klassiker über den Kleinkrieg: Das Werk Le Partisan von L. M. v. Jeney, erschienen 1759 im Haag. In: COMMISSION INTERNATIONALE D'HISTOIRE MILITAIRE, 13., 1991, Helsinki. *Acta*.
- 320. O livro de Lecointe suscita um certo alarme em Versalhes que vê nele “uma instrução destinada a uma reprise da guerra dos Camisards”. (LÉORNARD, Émile G. *L'Armée et ses problèmes au XVIII siècle*. Paris: Plon, 1958. p.209.
- 321. Existem outros tratados que permanecem inéditos, como os de Beausobre, Scouand, du Portal... que a tese de Sandrine Picaud revelou. Warnery afirma ter escrito um ensaio sobre a pequena guerra, entretanto Frederico II lhe teria proibido de publicar. O catálogo da Biblioteca Militar de Viena revela outros ensaios na língua alemã, o que dá um testemunho de como o gênero era moda na Áustria.
- 322. Porém, Guibert estima que os corpos de tropas leves “podem formar alguns bons chefes de “avant-garde”, mas, certamente, nunca os homens do primeiro escalão, como os Turenne, os Luxembourg... “Warnery opõe-lhe alguns exemplos em contrário ilustres:” ... Luxembourg era ainda Boutteville e ligado ao grande Condé, atuando como partisan... Villars dizia que era indo a guerra com os mais hábeis partisans que ele tinha aprendido a Arte da Guerra....” *Remarques sur l'Essai général de tactique de Guibert*, p. 140.
- 323. Anônimo (Conde de Grimoard), *Traité sur la constitution des troupes légères et sur leur emploi à la guerre* (1782; tradução alemã 1785); Jean Girard de Cessac-Lacuée, *Guide des officiers particuliers en campagne* (1782, 1805, 1816, 1823; tradução para o espanhol 1805); Charles-Louis de Fossé, *Idées d'un militaire pour la disposition des troupes confiées aux jeunes officiers dans la défense et l'attaque des petits postes* (1783; tradução para o alemão, 1789, para o inglês 1806).
- 324. Ewald tornar-se-á tenente-general no Exército dinamarquês.
- 325. PICAUD, Sandrine. Partisan warfare, war in detachment, la petite guerre vue d'Angleterre. *Stratégique*, 84, 2001-4.
- 326. PESCHOT, Bernard. La question des niveaux de la guerre dans les pacifications de l' ouest: l'exemple du général Hoche. *Impacts*, p.45, 1991-2.

## 137 – Da pequena guerra à guerrilha

A produção dos anos 1790 está situada no prolongamento daquela do Antigo Regime. A produção na França cessa, vítima do turbilhão revolucionário. Por outro lado, na Alemanha, ela prossegue com a obra *Versuch einer Theorie des Dienstes der leichten Truppen*, do Major do Hesse Friedrich-Leopold Klipstein (1799) e a obra *Abhandlung über den Kleinen Krieg und über den Gebrauch der Leichten Truppen*, do prussiano Georg-Wilhelm von Valentini (1799). Este último irá refazer, posteriormente, o seu livro e integrá-lo ao seu grande tratado *Die Lehre vom Kriege* (6<sup>a</sup> edição, 1833) para considerar os ensinamentos colhidos nas guerras da Revolução Francesa e do Império.

Estas foram, com efeito, marcadas por múltiplas campanhas de guerrilha: as guerras de Vendée e as inúmeras sublevações dos “Chouans” (nome dado aos “Vendées” que se sublevaram em 1793 contra a Revolução Francesa)<sup>327</sup>, a sublevação de Andreas Hofer no Tirol, os ataques freqüentes feitos pelos cossacos, durante a campanha da Rússia, que inquietavam o Grande Exército, e, sobretudo, a guerra dos guerrilheiros na Espanha, que fixou e enfraqueceu com o decorrer do tempo o Exército francês, impedindo-o de concentrar-se contra o Exército inglês. A cada acontecimento, as consequências estratégicas foram de tal modo consideráveis, o suficiente para atrair a atenção dos técnicos e dos teóricos<sup>328</sup> da grande guerra, em particular na Alemanha<sup>329</sup>, onde a tradição da pequena guerra continuou a ser vivaz: em 1804, Wilhelm Von Reiche publica *Der Kleine Parteigänger und Krieger*. Em 1808, La Roche Aymon, imigrante que serve ao Exército prussiano, redige um manual para as tropas leves, *Über den Dienst der leichten Truppen* (a versão francesa, *Des Troupes légères* aparecerá em 1817; traduzida para o holandês, parcialmente, em 1825, para o russo, 1835). O tratado de Grandmaison é traduzido outra vez para o alemão em 1809. Em 1810, o príncipe do Hessen-Rheinfels publica um ensaio, *Le Partisan*, revisto e aumentado em 1815. Clausewitz ministra um curso sobre a pequena guerra na Kriegsakademie, em 1810<sup>330</sup>, e lança o projeto de um tratado que ele não vai ter tempo para escrever. Ele dedicará o capítulo XXVI do *Vom Kriege* a armaz o povo, defende a causa de “uma guerra popular que seja sempre combinada com uma guerra conduzida por um exército permanente, todas as duas concebidas segundo um plano único conjunto”<sup>331</sup>. Jomini concede, igualmente, uma grande atenção à guerrilha em seus estudos históricos e no *Précis*.

O General Duhesme extrai os ensinamentos da “revolução tática” dos anos 1790, a partir de 1814, em *Essai historique sur l'infanterie légère*, o qual será reeditado durante meio século e traduzido para o italiano em 1823 e o alemão (1827). Igualmente, em 1814, o Major alemão von Schels faz a mesma coisa em *Leichte Truppen: kleiner Krieg*. Na Espanha, Felipe de San Juan (*Instrucción de guerrilla*, 1823) teoriza as lições da guerra contra os franceses. O Tenente napolitano Pompeo Quarto prefere fazer referência a Frederico II em *Istruzione per le truppe leggere in campagna* (1831). O General prussiano Carl von Decker, no livro mais lido do período *Der Kleine Krieg im Geiste der neueren Kriegsführung* (1822, 1844; tradução francesa *La Petite guerre ou Traité des opérations secondaires de la guerre*, 1827, traduzida outra vez

327. Sobre a diferença entre “Vendéens” e “Chouans”, o que é confundido freqüentemente, ver LOIDREAU, Simone. Vendéens et chouans. *Revue du Souvenir Vendéen*, 211 e 212, juin/sept. 2000.

328. O General Hoche redige em 1795 uma *Instruction pour les troupes employées à combattre les Chouans*.

329. Um levantamento fica por fazer para os outros países da Europa. Em 1804, aparecem em Napóles, sem o nome do autor, os *Opuscoli militari sulla piccola guerra*. Sem dúvida, existem outros.

330. Sua viúva não o citará de novo nas suas obras póstumas e ele só será publicado em 1966 por Werner Hahlweg. Longtemps négligé, il fait aujourd’hui l’objet des travaux de Sandrine Picaud.

331. CLAUSEWITZ, op. cit. p.552.

como *De la Petite guerre selon l'esprit de la stratégie moderne*, 1845; traduzida para o espanhol em 1850), explica a distinção entre a pequena guerra e a guerra de guerrilhas. Ele se interessa sobretudo em relação à primeira, como fizeram o Major Prussiano Hans von Brandt (*Der kleine Kriege in seinen verschiedenen Beziehungen*, 1837), depois o Coronel francês Antoine-Fortuné de Brack, cuja obra *Avant-Postes de Cavalerie légère* (1831, 6<sup>e</sup> édition 1880; traduções para o holandês 1835, para o alemão 1838, para o inglês em 1850, para espanhol 1959) constituem a única contribuição francesa digna de nota na metade do século XIX, e Wilhelm Rüstow (*Die Lehre vom kleinen Kriege*, 1864; com traduções para o holandês 1864, francês 1869, espanhol 1877), que foi chefe de Estado-Maior de Garibaldi.

Jean-Frédéric-Auguste, Le Miére de Corvey, participante das guerras de Vendée e da Espanha, é o primeiro, na obra *Des Partisans et des corps irréguliers* (1823), a não fazer da guerrilha um acessório da grande guerra e a pregar que “o fim a que se propõe esse gênero de guerra é obter a destruição insensível do inimigo”. O guerrilheiro deve ter três qualidades: “ser moderado, marchar bem e saber dar um tiro de fuzil”<sup>332</sup>.

O General russo Denis Davidoff, que comandou um corpo de cossacos durante a campanha de 1812, colhe da sua experiência um *Essai sur la guerre des partisans*, escrito em 1821 e traduzido para o francês em 1841. Ele é notável pelo seu esforço de teorização. Liga o desenvolvimento da guerra de guerrilheiros ao aumento dos efetivos dos exércitos que “introduziu na arte militar a obrigação de ter em bom estado uma linha não interrompida entre o exército em ação e o ponto central de seus recursos e aprovisionamentos”. A guerra dos guerrilheiros consiste em “ocupar todo o espaço que separa o inimigo de sua base de operações, cortar todas as suas linhas de comunicações, destruir completamente os destacamentos e comboios que buscam reunir-se, golpear o inimigo sem víveres, sem munição, e barrar-lhe, ao mesmo tempo, o caminho de retirada”<sup>333</sup>. Indo além da história da campanha de 1812, ele se propõe em estabelecer os “princípios fundamentais sobre a maneira de conduzir um partido” que “não se encontram, ainda, em nenhuma parte”. Seu sistema, fundamentado sobre uma base de operações, de reabastecimento e de batalha, traz à lembrança o de Jomini. A sua acolhida parece ter sido considerável.

Não se trata só de reflexões teóricas. Na França, a ordenança de 1832 sobre os serviços dos exércitos em campanha, redigida por oficiais que, certamente, tinham participado da guerra da Espanha, contém, em seu capítulo XI, inúmeros artigos relacionados ao emprego de guerrilheiros e aos meios de combatê-los. Mas a carga subversiva desta forma de guerra vai ter por consequência a sua eliminação progressiva, sob o efeito combinado da suspeição por parte do poder político e desprezo pelos militares.

## 138 – A guerrilha e a guerra de libertação nacional

Os autores italianos, muito impressionados pelo exemplo espanhol, consideram a guerrilha como uma estratégia para a realização da unidade nacional. O primeiro ensaio a favor “Della Guerra di Parteggiani” é publicado, anonimamente, em uma revista napolitana em 1821. O Conde Balbo, futuro Primeiro-Ministro do Piemonte-Sardenha, pronuncia-se pela guerra de guerrilheiros em uma história da guerra da Espanha, redigida após uma estadia na Espanha, de 1816-1817, mas que somente será publicada em 1847. No exílio na França, o General napolitano Guglielmo Pepe publica, em italiano e em francês, *Mémoire sur les moyens qui peuvent conduire à l'indépendance italienne* (1833), em seguida, *L'Italia militare e la guerra di sollevazione* (1836), na quais ele insiste

332. CHALIAND, op. cit. na nota 3. p. 803-804. Em processo de reedição.

333. DAVIDOFF, Denis. *Essai sur la guerre de partisans*. Paris: Corréard, 1841. p.19-23. A ser reeditada.

sobre o apoio que os grupos de guerrilheiros podem dar ao exército regular. No exílio em Malta, o piemontês Carlo Bianco di Saint Jorioz, que participou das guerras “carlistas” – movimento político espanhol cujos membros, guerrilheiros de Don Carlos, buscaram tomar posse do trono da Espanha no Século XIX –, publica, anonimamente, um ensaio volumoso, *Della Guerra nazionale d'insurrezione per bande* (1830, reeditado resumido em 1833). Esta obra irá inspirar a ação militar de Mazzini. Nos anos 1850, dois oficiais, Carlo Pisacane, de Nápoles, e Carlo de Cristoforis, de Milão, exprimem um julgamento bastante negativo, com base em considerações estritamente militares<sup>334</sup>. Garibaldi produzirá, em relação a eles, um importante desmentido. Depois da guerra de unificação, vários autores retomarão ainda o assunto: Nicola Chizzolini (*Della Guerra nazionale*, 1863), Gian Giacomo Corvetto (*Manuale per le operazioni secondarie di guerra*, 1867), Zafferoni (*L'insurrezione armata ed il volontario italiano*, 1968)...

Outros insurgentes permanentes, que mantêm relações constantes com os italianos, são os poloneses, que se interessam muito sobre guerrilha, a qual eles praticam durante as suas revoltas de 1830-1831, 1848 e 1863-1864. Nos anos de 1830-1840, vários autores escrevem ensaios acerca dos guerrilheiros: Aleksander Jelowicki; Wincenty Nieszokoc; Ludwig von Mieroslawski; Wojciech Chrzanowski, chefe de estado-maior da insurreição de 1831, baseia em sua experiência, um livro publicado em Paris, *O Wojnie partyzanchiey* (1835; traduzido para o alemão em 1846) e torna-se general do Exército italiano; Karol Bogumir Stolzmann, antigo oficial do Exército russo que, reunido à insurreição de 1830-31, publica *Partyzanka czyli wojna dla ludow powstajacych najwlaściwza* (1844) e adere à “Jeune Europe” de Mazzini. Escritos em uma linguagem inacessível para os exilados, elas apenas têm uma difusão confidencial. Alguns preferem escrever em alemão. W. Wilczynski publica *Theorie des grossen Krieges mit Hilfe des kleinen oder Partisanen-Krieges bei theilweiser Verwendung der Landwehr* (1869).

Os romenos se sublevam, igualmente, em 1848 e a guerrilha deles nos Cárpatos prolongaram-se até 1849. George Adrian, que participou dessa luta, dela extraí um “breve resumo da guerra dos guerrilheiros” (*Idee rapede derpe resbelul de partizani*, 1853), o qual retoma, em parte, o livro do General von Decker. A Rússia não parece participar do debate, cita-se apenas o ensaio de Golitzyn (*O partisanskich deistwijach w boljschich rasmerach...* 1859). A Guerra de Secessão inspira pelo menos um autor norte-americano, Francis Lieber (Guerilla Parties..., 1862). A Suíça, com sua tradição de milícias, está representada por F. von Erlach, em *Die Freiheitskriege kleiner Völker gegen grosse Heere* (1867), e por Aymon de Gingins-La-Sarraz, militar e político que se interessa um pouco por tudo: em *La Guerre défensive en Suisse* (1860) e *Les Partisans et la défense de la Suisse* (1861; tradução alemã 1861), ele preconiza por uma defesa feita pelo povo, mas demandando que o invasor respeite as leis da guerra que protegem as populações civis. Ele é tido como excêntrico em seu próprio país.

Por outro lado, fica-se surpreso com a extraordinária raridade de escritos sobre a luta antiguerilha. Manifestamente, os exércitos têm apenas desprezo por esta missão. Quanto ao mais, eles não aceitam reeditar as experiências tão penosas quanto o cerco de Saragoça, o combate de ruas só deve intervir dentro do quadro da luta contra a insurreição, não de uma campanha de acordo com as regras. É o espetáculo dos motins de 1848 que inspira o Marechal Bugeaud escrever um opúsculo sobre a guerra das ruas<sup>335</sup>, o qual ficará inédito e o General Roguet, *L'avenir des armées européennes* (1849). Talvez uma pesquisa sistemática fizesse surgir outros textos.

334. DOUGLAS, Vittorio Scotti. The Influence of the spanish anti-napoleonic: guerrilla experience on the italian risorgimento's treaties on partisan warfare. INTERNATIONAL COLLOQUIUM OF MILITARY HISTORY, 20., 1994, Varsovie. Actas. 1995.

335. BUGEAUD, *La Guerre des rues et des maisons*. Paris: Jean-Paul Rocher, 1997.

## 139 – 1870-1939: o regresso à marginalidade

Depois destes desenvolvimentos brilhantes, a reflexão sobre a guerrilha torna-se marginal. A guerra irregular é praticada sobretudo nas regiões distantes, por ocasião das guerras coloniais. Na Europa, ela se manifesta, apesar disso, em várias reconquistas: na Dinamarca em 1864, na França em 1871, na Bósnia-Herzegovina de 1878 a 1882. Numerosos autores se dedicam a tirar os ensinamentos dessas operações, na França (H. Barthélémy, *Petites opérations de la guerre*, 1875; Anne-Albert Devaureix, *De la Guerre de partisans, son passé, son avenir*, 1881; Comandante Gustave Desroziers, *Combats de partisans*, 1883; Capitão A. Quinteau, *La Guerre de surprises et d'embuscades*, 1884; V. Charetton, *Les Corps francs dans la guerre moderne. Les moyens à leur opposer*, 1900), na Alemanha (Coronel Albrecht von Boguslawski, *Der kleine Krieg und seine Bedeutung für die Gegenwart*, 1881; Capitão G. Cardinal von Widdern, *Der kleine Krieg und der Etappendienst*, 1892; tradução francesa s. d.), na Espanha (J. I. Chacón, *Guerras irregulares*, 1883-1884), e na Áustria (Karl Hron, *Der Parteigänger Krieg*, 1885; Kasimir von Lütgendorf, *Über Okkupation und Pazifizierung von insurgenzienten Gebirsländer*, 1904). Mas recebem muito pouca atenção: a moda da ofensiva, ao final do século, condena a pequena guerra, que desaparece dos regulamentos oficiais franceses depois de 1895.

Ao final do século, o interesse se transporta para a Grã-Bretanha com os ensaios sobre a “small war”, suscitados em razão das inúmeras campanhas imperiais nas Índias, África, Afeganistão e Birmânia, e, sobretudo, pela Guerra dos Boers. Entre alguns autores que disso extraem os ensinamentos<sup>336</sup>, dois se destacam: T. Miller Maguire, um amador (advogado, como Corbett), que escreve sobre todos os aspectos da arte militar: estratégia, geografia militar (ver mais adiante neste livro o índice nº 414), monografias de campanhas ...; ele dedica duas obras à guerrilha: *Small War*(1899) e *Guerrilla or Partisan Warfare*(1904). Em compensação, é de sua experiência nas Índias que o Coronel Charles E. Callwell<sup>337</sup> baseia uma enciclopédia, constantemente reeditada, que permanece, ainda hoje, a maior referência histórica: *Small Wars* (1896; tradução para o francês por volta de 1900). Neste trabalho, ele enuncia a lei de superioridade tática e da inferioridade estratégica (hoje dir-se-ia operativa) dos exércitos regulares em face dos combatentes irregulares, com mais mobilidade, que não têm de preocupar-se com as suas comunicações<sup>338</sup>.

Depois de 1918, os exemplos de guerrilha do Coronel T. E. Lawrence na Península Arábica (1916-1918), de Makhno na Ucrânia (1918) ou do Coronel von Lettow – Vorbeck no Leste da África (1916, fim da guerra regular – 1918) em quase nada atrai a atenção dos estados-maiores, apesar do sucesso da obra-prima de Lawrence, *The seven Pillars of Wisdom* (1935), abundantemente traduzida (em francês 1936). Os regulamentos somente a prevêem para uso nas colônias contra os “selvagens” ou os “semi civilizados”.

O Exército britânico das Índias produz notáveis manuais<sup>339</sup>, mas nenhum ensinamento é tirado para a Europa<sup>340</sup>. Ninguém sabe que em seu longínquo refúgio em Chensi, um obscuro

336. TAYLOR, A. W. *Jungle warfare*. 1902 ; WALLIS, C. B. *West african warfare*. 1906. WENEKER, W. C. G. *Bush warfare*. 1907; CASSERLY, G. *Manual of training for jungle and river warfare*. 1915.

337. Autor prolífico e pioneiro das operações combinadas (ver neste livro o item nº 304).

338. CALWELL, C. E. *Petites guerres*. Paris: ISC-Économica, Bibliothèque Stratégique, 1998. p77.

339. MOREMAN, T. R. Small Wars and Imperial Policing: the british army and the theory and practice of colonial warfare in the british empire 1919-1939. *The Journal of Strategic Studies*, Dec 1996. O *Manual of Operations on the North-West Frontier of India*, 1925, está publicado em 35 mil exemplares. Ele é substituído, em 1936, por um novo livro comum ao exército e à aeronáutica, *Frontier Warfare*.

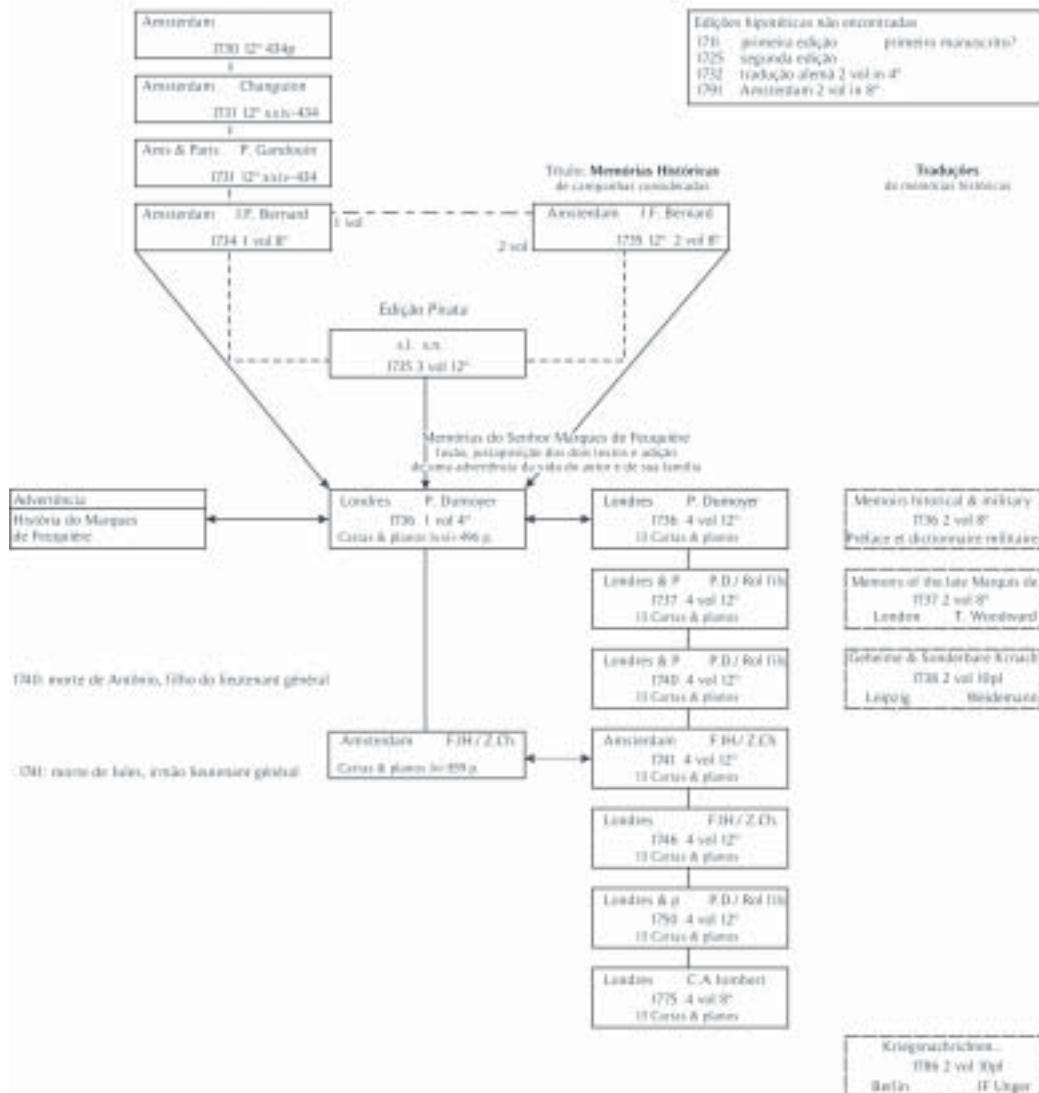
340. Depois de 1945, a experiência da resistência, em seguida das guerras de descolonização, obrigará os estados-maiores a integrar em permanência a guerrilha nos seus planos. Mas a reflexão teórica permanecerá fraca, manifestação de uma reticência muito forte. Entre os ensaios que lhe são consagrados, nota-se, pelo menos, aquele de Fritz Otto Miksche, *Secret Forces*, 1950.

chefe do Partido Comunista Chinês está em vias de definir uma estratégia de guerra revolucionária em uma série de textos de um rigor impressionante (*Problèmes stratégiques de la guerre révolutionnaire*, 1936; *Problèmes stratégiques de la guerre des partisans contre le Japon*, 1938; *De la Guerre prolongée*, 1938)<sup>341</sup>. Antes de entrar na muda para ser um ditador megalômano e sanguinário, Mao é um mestre da estratégia que irá transformar um grupo de insurgentes em um exército vitorioso, graças a uma estratégia adaptada. Ilustração perfeita da força das idéias.

### Ensaio de Cronologia e Relação das edições das memórias do Senhor Marquês de Feuquier

1718: morte de Antônio, Marquês de Feuquier, Tenente-general

Título: *Memórias & Mémoires sobre a Guerra*  
em catálogo de livrarias



341. Todos esses textos são retomados nos *Écrits Militaires*, traduzidos em inúmeras línguas (em francês 1964).